



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A VISÃO CELULAR NO GOVERNO DOS 12

Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas
soteropolitanos de 1998 a 2008

SALVADOR - BA
2010

ELIANA SANTOS ANDRADE

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia sob a orientação da Prof^a Dr. Miriam Rabelo e co-orientação da Prof^a Dr Elizete da Silva.

SALVADOR- BA
2010

Biblioteca da FFCH Ufba

ANDRADE, Eliana Santos.

A Visão Celular no Governo dos 12: estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008.

156 f. il.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2010.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Miriam Rabelo. Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Elizete da Silva

1. Neopentecostalismo 2. Crescimento evangélico. 3. Contemporaneidade.

I. Título. II. Universidade Federal da Bahia. III. Rabelo, Miriam. Silva, Elizete da.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Miriam Rabelo

Prof.^a Dr.^a Elizete da Silva

Prof.^a Dr.^a Sueli Mota

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, a todos aqueles e aquelas que direta ou indiretamente contribuíram para sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que me possibilitou a oportunidade de estudar e pesquisar. Desde a graduação até este mestrado, sua ajuda e paciência foram de fundamental importância. Ao meu pai (in memoriam), que mesmo sem estar aqui para presenciar minhas vitórias, contribuiu para que este dia chegasse.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB pelo apoio financeiro recebido durante o período de pesquisa e escrita deste trabalho.

Agradeço à Professora Miriam Rabelo orientadora deste trabalho, pela valiosa ajuda no tocante à pesquisa e aos problemas surgidos durante o mestrado, mas principalmente pela paciência que teve comigo durante o período de elaboração deste trabalho. No difícil percurso até aqui, ela sempre esteve acessível e paciente em meio aos meus sucessivos apelos para esticar o prazo!

À Professora Elizete da Silva, co-orientadora deste trabalho, também pela paciência (que já vem de longa data) e pela preciosa relação que construímos ao longo de alguns anos. Desde o início de minha graduação em História, acreditou no meu trabalho e se dispôs a me orientar. Todas as aulas, orientações, conversas, broncas e incentivos foram de grande valia.

À Professora Sueli Mota pelas importantes considerações feitas ao texto durante a banca de qualificação.

Aos professores do curso de Especialização em História da Bahia da Universidade Estadual de Feira de Santana. Obrigado pelos ensinamentos, nesta primeira investida na “escada da academia”.

Aos colegas do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, turma de 2007. Valeu pelos dias que passamos juntos trilhando este difícil caminho do conhecimento, pelas experiências trocadas e pela conversa sempre muito bem animada.

Aos pastores das comunidades evangélicas que pesquisei neste trabalho. Os pastores Cristianí Silva Franco e Telmo Luís de Oliveira da Primeira Igreja batista do Brasil e o pastor Francisco Davi da Primeira Igreja Batista de Pernambués. À senhora Valnequí Andrade Santana, membra da igreja de Pernambués. Obrigado pelos minutos preciosos de seus dias, dedicados a responder minhas insistentes perguntas! Aos líderes das comunidades entrevistados, Luis Sá e a esposa Maria César, Patrícia Castro e Daniele dos Santos. Às secretárias das respectivas igrejas, fundamentais neste processo de pesquisa, Sâmara da PIBB e Luciana da PIBAPE. Obrigado por atender minhas solicitações em meio às suas tarefas.

Aos meus amigos e amigas, que sentiram minha ausência e sempre a cobravam no processo de escrita deste trabalho. Valeu por entender (eu acho), os momentos que não pude passar com vocês por estar no ofício da escrita. Valeu pelos incentivos e elogios que recebi quando comecei o mestrado, eles serviram para me alegrar em meio às dificuldades das responsabilidades que assumi.

A Deus, em que eu acredito, pela vida, pela força de vontade e determinação para enfrentar as dificuldades da vida. Acho realmente que esta força vem Dele. Agradeço, porque acredito, que têm me proporcionado importantes conquistas e situações favoráveis para que eu possa ir atrás dos meus sonhos.

RESUMO

O protestantismo brasileiro passou nas últimas décadas do século XX por diversas transformações, fazendo emergir novos discursos, práticas e representações, marcados pela lógica de mercado. Objetivamos com este trabalho um estudo das práticas e representações presentes numa nova estratégia de crescimento e gestão de igrejas protestantes surgida na década de 1990 na Colômbia, intitulado de “Visão Celular no Governo dos 12”. Nesta estratégia, busca-se o crescimento explosivo da membresia a partir dos cultos domésticos sistematizados, as “células”, e adota-se um conceito empresarial na gestão e estrutura destas igrejas. Privilegiando os aspectos sócio-políticos, analisaremos de que forma estes grupos interpretam o tempo e a realidade local em que estão inseridos, como se relacionam com a sociedade circundante e que estratégias empreendem para sua expansão, demarcação de territórios e participação política na capital baiana.

Palavras –chaves : Neopentecostalismo, Crescimento evangélico , Contemporaneidade.

LISTA DE SIGLAS

PIBB- Primeira Igreja Batista do Brasil

PIBAPE- Primeira Igreja Batista de Pernambués

MCI- Missión Carismática Internacional

MIR- Ministério Internacional da restauração

CBB- Convenção Batista Brasileira

CBBa- Convenção Batista Baiana

IURD- Igreja Universal do Reino de Deus

SUMÁRIO

Introdução	12
Protestantismo no Brasil: História, Definições e Abordagens.....	13
Referencial Teórico	20
Procedimentos Metodológicos , Fontes e Experiências de Pesquisa	23
O Problema	28

CAPÍTULO 1

Os Batistas na Bahia

1.1 Inserção dos batistas no Brasil e na Bahia.....	31
1.2 A Primeira Igreja Batista do Brasil.....	34
1.3 Expansão, Controvérsias e Cismas	35
1.4 Estrutura e Organização dos Batistas	39
1.5 A Primeira Igreja Batista de Pernambuco	45

CAPÍTULO 2

A Visão Celular no Governo dos 12

2.1 Protestantismo e mudança social: os novos modelos de igrejas no final do século XX.....	50
2.2 O fenômeno das igrejas em células e a criação da Visão no G12.....	58
2.3 Inserção da Visão no Brasil, na Bahia e nas comunidades.....	63
2.4 A controvérsia dos batistas com a Visão.....	69

CAPÍTULO 3

A Visão nos Templos : Novos Paradigmas, Sistema de Células e G12

3.1 Protestantismo e mercado: as igrejas se adaptam aos novos tempos.....	73
3.2 A “mercantilização” do sagrado	75
3.3 A “empresarização” do sagrado	78
3.4 O conceito empresarial da Visão	81
3.5 Estrutura, Organização e Funcionamento.....	83

CAPÍTULO 4

A Visão nas Casas: células, famílias e questão social

4.1 Protestantismo e família: os evangélicos frente aos novos modelos familiares.....	89
4.2 O Conceito de Células na Visão.....	93
4.3 Células, famílias e realidade social.....	97
4.4 Famílias e experiências de liderança na Visão.....	109

CAPÍTULO 5

A Visão nas Ruas: Marchas, Atos Proféticos e Representações Políticas

5.1 Protestantismo e adequação cultural: os evangélicos se inserem na sociedade.....	121
5.2 As marchas evangélicas pelas ruas de Salvador.....	128
5.3 Os atos proféticos.....	131
5.4 Representações políticas na Visão.....	132
5.5 Eleições e Voto	143
Considerações Finais	148
Bilbiografia	150

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar estratégias de expansão e participação dos grupos protestantes soteropolitanos em fins do século XX, surgiu quando nos primeiros anos deste século adentrei quase que simultaneamente em dois novos universos: o religioso e o acadêmico. Em 2000, ingressei numa comunidade Batista ligada à Convenção Batista Baiana que acabara de implantar uma estratégia de crescimento intitulada Visão Celular no Modelo dos 12 e pude vivenciar e observar todo o impacto do discurso e das propostas trazidas por este movimento no meio batista e fora dele. Em 2001, ainda “caloura” do curso de História da Universidade Estadual de Feira de Santana, conheci e passei a participar do Centro de Pesquisas da Religião - CPR vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia . Junto ao CPR colaboramos voluntariamente com pesquisa “A Expansão Protestante em Feira de Santana 1935-1995”, coordenada pela Prof.^a Elizete da Silva. Das inquietações advindas da minha experiência religiosa e do contato com o universo da pesquisa , optei pelo estudo sistemático do protestantismo brasileiro mais recente, abordando este novo movimento religioso e sua relação com o tempo e o meio em que se insere.

Objetivamos com este trabalho um estudo das práticas e representações presentes nesta nova estratégia de crescimento e gestão de igrejas surgida na década de 1990 na Colômbia. Privilegiando os aspectos sócio-políticos, analisaremos de que forma estes grupos interpretam o tempo e a realidade local em que estão inseridos, como se relacionam e que estratégias empreendem para sua expansão, demarcação de territórios e participação na sociedade circundante. Escolhemos trabalhar com a denominação Batista pela sua importância histórica como uma das primeiras denominações protestantes a se instalar no país, além da sua expressividade no meio evangélico. Como uma das denominações que mais cresce no Brasil, foi curiosamente entre os batistas que o movimento da Visão no G12 ganhou maior adesão no contexto baiano e a escolha das comunidades da Primeira Igreja Batista do Brasil - PIBB e da Primeira Igreja Batista de Pernambués- PIBAPE permitiu-nos trabalhar com realidades sociais diferentes. O espaço de tempo escolhido compreende

os anos de 1998 que marca a chegada do movimento no Brasil até 2008, totalizando uma década de presença desta estratégia no país, nos permitindo uma análise sobre os discursos, ações e representações destas igrejas aderentes à Visão.

Protestantismo no Brasil: História, Definições e Abordagens.

Como notas introdutórias para a compreensão do objeto de estudo deste trabalho, discorreremos numa perspectiva histórica sobre como ocorreu a instalação e expansão protestante em solo brasileiro, bem como as classificações e definições geralmente usadas no estudo do protestantismo no país.

A presença protestante no país se efetivou em meados do século XIX, entretanto, ainda no período colonial, ocorreram algumas tentativas de fixação protestante que não obtiveram sucesso. De acordo com Mendonça (1984), a primeira tentativa de manifestação de uma colonização protestante no Brasil deu-se logo após o início da colonização Portuguesa em 1549. Com a chegada da expedição de Villegaignon em 1555, sob o amparo de Coligny, protestantes hugueonotes pretenderam fundar a chamada França Antártica, um refúgio onde pudessem praticar livremente seu culto reformado. Outra tentativa envolveu os holandeses, que durante os 15 anos de permanência no país, ocupando Pernambuco e outras áreas do Nordeste, praticaram seu credo religioso ao passo que empreendiam seus interesses comerciais.

Com a vinda da família real para o Brasil em 1808 teve início uma série de transformações no contexto nacional, que possibilitaram a inserção e instalação sistemática do protestantismo em nosso solo. Um exemplo, foi a medida Joanina de abertura dos portos brasileiros às “nações amigas”, principalmente a Inglaterra, permitindo não somente a chegada de produtos industrializados, comerciantes e trabalhadores ao país, mas também do credo praticado por estes indivíduos. Neste momento, os primeiros protestantes a chegarem foram os anglicanos (1819), como comerciantes nas grandes cidades e os luteranos (1824), como pequenos colonos no interior da Região Sul, grupos considerados como “protestantismo de imigração”. A respeito destas classificações, para as denominações presentes no país adotamos a tipologia usada pelo CEDI - Centro Ecumênico

de Documentação e Informação, que , seguindo alguns critérios como Teologia, antigüidade e transplante, divide estes grupos em : protestantismo de imigração, de missão, protestantismo pentecostal, protestantismo neopentecostal e pseudoprotestantes.

Na segunda metade do século XIX, numa conjuntura de crise do 2º Império, instalou-se no Brasil o chamado “protestantismo missionário”, profundamente herdeiro de uma concepção pietista, sectária e de racionalismo teológico. Nesta conjuntura, a intensificação do comércio entre o país e os EUA após a década de 1860, o incentivo do governo imperial à imigração norte americana e a tolerância às suas práticas religiosas, favoreceu a vinda de imigrantes sulistas. Dentre estes, muitos eram protestantes, principalmente metodistas, presbiterianos e batistas. No considerado protestantismo de missão estão as igrejas : Luterana de Missão; Igreja Evangélica Fluminense (Congregacional) (1858) Igreja Presbiteriana (1872) e Presbiteriana Independente (1903), Igreja Metodista (1886) e Igreja Batista (1882), Missão Batista Independente (1910) e Igreja Episcopal (1890). Vale ressaltar, que os batistas embora sejam enquadrados no que se chama de protestantismo histórico missionário, não escaparam nos últimos anos do século XX, de um processo de “neopentecostalização”, que discutiremos mais adiante.

Uma terceira fase de instalação protestante classificada como “pentecostal”, chegou ao Brasil nas primeiras décadas do século XX, num contexto de crescente urbanização do país. Nesta época, chegaram igrejas como a Congregação Cristã do Brasil e a Assembléia de Deus . Os pentecostais se diferenciam dos históricos, em termos gerais, pela ênfase no batismo com o Espírito Santo como prova evidente da conversão de um indivíduo, pela glossolalia¹, pelo uso de profecias, visões, sonhos e a crença na cura divina. O protestantismo pentecostal para Freston (1994) , pode ser dividido em três fases ou “ondas” de implantação destas igrejas. Conforme o autor:

“A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezena de menores) surgem: a Quadrangular(1951), Brasil Para Cristo(1955) e Deus é Amor(1962). A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus(1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus(1980)(FRESTON , 1994, p. 66)

¹ Glossolalia para os evangélicos é falar em línguas estranhas no mundo físico, mas que são consideradas línguas espirituais, entendidas ao nível do espírito.

Chamada de neopentecostalismo, esta terceira onda conservou algumas características do pentecostalismo e lhe agregou novas. De acordo com Mariano (2005), podemos agrupar um conjunto de características visíveis nos grupos neopentecostais como : a ênfase na Teologia da Prosperidade , a exacerbação da chamada Guerra Espiritual contra o diabo, as práticas de exorcismo, a liberalização dos tradicionais usos e costumes de santidade do fiel, o antiecumenismo, a presença de líderes fortes e carismáticos , o uso dos meios de comunicação de massa, o estímulo à expressividade emocional e a participação na política partidária . Para o autor, estas igrejas neopentecostais em questão, vêm exercendo uma forte influência desde seu surgimento sobre as demais, que acabaram incorporando seus modismos teológicos e rituais bem-sucedido. Isto vem diluindo rapidamente as diferenças que até então existem entre tais grupos e tornando cada vez mais difícil as definições ou classificações. No argumento do autor, observa-se que uma igreja:

“Quanto mais próxima destas características estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal. Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do ethos e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal” .(MARIANO, 2005, p.37)

Com base em nossas leituras sobre o atual campo protestante brasileiro e na nossa experiência de pesquisa, consideramos que as comunidades Batistas na Visão, por nós abordadas neste trabalho, se encontram “neopentecostalizadas”, mesmo pertencendo ao grupo do protestantismo histórico de missão. Sendo assim, avaliaremos a contribuição da Visão Celular no Modelo dos 12 na promoção destas mudanças de representações e ações dos batistas aqui enfocados. Esta porém, é uma classificação teórica, que serve para nortear o trabalho, na prática porém, o protestantismo se revela uma realidade bem diversificada e complexa.

Para conceituar o protestantismo e seus agrupamentos , optamos por utilizar a classificação teórica desenvolvida por Milton Ynger (1960). Este autor, propôs os seguintes conceitos:

- a) Igreja Universal, entendida como uma estrutura religiosa que pretende satisfazer, ao mesmo tempo, as demandas pessoais de fiéis colocados em

diferentes posições de classe. A Igreja Católica no período medieval se enquadraria perfeitamente nessa categoria;

- b) Igreja, grupo religioso aliado ao Estado e às classes dominantes, sendo seus membros nascidos na própria comunidade. Ela busca exercer um controle sobre cada pessoa na população. As igrejas nacionais estariam muito próximas dessa definição a exemplo da Igreja Anglicana e a Luterana dos países Escandinavos ;
- c) Igreja de Classe , ou Denominação, grupo religioso que, ao contrário da seita, não critica a ordem social e que é limitado pelas fronteiras de classes, raças, ou regiões, estando, normalmente, em harmonia com a estrutura de poder secular, garantindo sua respeitabilidade;
- d) Seita Estabelecida, pequeno grupo religioso inicialmente instável e que , apenas após a morte da primeira geração de participantes, transforma-se num sistema de estrutura mais formal, com pré requisitos para a admissão de novos membros e a preservação de seus interesses comuns. Apesar da formalidade da segunda geração, mantém sua recusa em transigir com a sociedade. Os quakers dos EUA representariam um exemplo próximo;
- e) Seita , grupo religioso que contrasta com a igreja pela voluntariedade de seus membros , caracterizando-se conforme as necessidade e aspirações de seus participantes, a partir da aceitação, agressão e isolamento diante da sociedade;
- f) Culto, indica um grupo reduzido à procura de experiências místicas , caracterizando-se pela ausência de organização e estrutura ou a presença de um líder carismático.

De acordo com esta classificação teórica, os Batistas da Convenção mais próximos do conceito de denominação, enquanto que os batistas que aderiam à Visão Celular e foram excluídos da participação na Convenção, estariam próximos do conceito de seita. Queremos porém, ressaltar, que se trata apenas de uma classificação teórica. Na prática, o protestantismo se revela uma realidade bem diversificada e complexa, onde não se pode aplicar uma tipologia de forma rígida, mas esta porém, serve para nortear nosso trabalho.

Entretanto, os evangélicos de forma geral , utilizam o termo igreja de uma forma ampla. Para eles, o termo representa tanto o conjunto de todos os fiéis que pertencem ao corpo de Cristo, independente de doutrina, tempo histórico ou nacionalidade, tanto o conjunto de fiéis que congregam em um determinado local, como as comunidades aqui abordadas.

Nas últimas décadas do século XX o mundo observou um revigoramento do cenário religioso. Ampliou-se a busca pelas forças do sagrado, cresceu o pluralismo religioso, a mistura de crenças e filosofias, surgiram novos cultos, seitas e movimentos religiosos. Se a realidade mundial das últimas décadas tem favorecido a busca pela religião, esta também vem contribuindo para transformar o cenário sócio-político mundial. Os fundamentalismos, conflitos étnicos e políticos dos últimos anos têm como elemento principal “o fator religioso”, que passa a ser reconhecido como fator relevante da mutação social e política que está rapidamente mudando o rosto do mundo contemporâneo (MARTELLI, 1995, p. 09) . Este “ revival” do sagrado pode ser explicado , ao menos em parte, como reação a situações de desorientação generalizada, provocadas na sociedade contemporânea pelo aumento da complexidade decorrente da acentuada diferenciação dos âmbitos de significado, e pelo pluralismo das fontes de produção dos valores e dos modelos culturais (CRESPI, 1999) . Filósofos, sociólogos, psicólogos, antropólogos e historiadores têm sido convocados a tomar como objeto de estudo o fenômeno religioso face à complexidade do tema e da sua relação com os demais processos sociais.

No tocante aos estudos produzidos nos últimos anos, a questão da interdisciplinaridade na apreensão do fenômeno religioso tem sido muito discutida e enfatizada por diversos autores. Mais do que contribuições mútuas entre as ciências do social como a História, Sociologia, Antropologia e a Psicologia, tem se evidenciado contribuições de outros campos , até mesmo das chamadas ciências da natureza, na atual busca da compreensão do universo multifacetado e polissêmico do fenômeno religioso. Quanto a isto conforme Guerriero:

“Temos assistido nestes últimos anos a uma consolidação das abordagens interdisciplinares da religião, onde contribuições de saberes como a Psicanálise, Semiótica, Física e Biologia têm-se unido aos esforços já realizados desde a História, a Sociologia a Antropologia e a Psicologia da religião. Mas estes diálogos não se restringem ao campo das humanidades apenas. Há uma busca cada vez maior e necessária, dos saberes de outras ciências, tidas até então como ciências da natureza”. (2003, p. 12)

O fenômeno religioso tem adquirido nos últimos anos novos aspectos, mostrando ser um fenômeno complexo, plural e multifacetado e inter-relacionado com os aspectos culturais, políticos e econômicos. Sendo então, buscamos na construção deste trabalho fazer uma abordagem interdisciplinar entre Sociologia e História, objetivando uma melhor compreensão do fenômeno aqui abordado, pois interessa-nos a interpretação deste fenômeno religioso, levando-se em conta o tempo e espaço em que se insere.

Para Cunha (2007, p.111), bem ou mal, Sociologia e História sempre se apropriaram dos esforços particulares uma da outra. A primeira incorporando as múltiplas interpretações dos historiadores sobre a vida política, social e econômica do passado; a segunda se utilizando dos métodos e conceitos esboçados pela Sociologia. Nos últimos anos, ambas ciências enfrentaram crises de ordem epistemológica, levando muitos autores de ambos os lados, a reafirmarem suas fronteiras disciplinares e fazerem vistas grossas a este diálogo interdisciplinar. Apesar da resistência de alguns, ambas ciências por se interessarem pelos múltiplos aspectos da vida social, tornaram-se cada vez mais fragmentadas e antropológicas. Para Cunha, o qual concordamos, independente das dificuldades peculiares deste diálogo e da desconfiança de sociólogos e historiadores, referente a esta aproximação entre os dois campos disciplinares, o diálogo é possível, complementar e positivo.

Para Willaime (2000, p. 16), a Sociologia e particularmente, a Sociologia das Religiões, sabe o quanto ela deve à História. Não se pode negligenciar esta disciplina no estudo dos protestantismos, não só porque estas expressões religiosas se nutrem de seu passado e se reportam aos tempos de sua fundação, mas também porque a História, esclarecendo tanto as continuidades quanto as discontinuidades, permite medir a amplitude das mutações que separam os protestantismos do passado com os protestantismos atuais. É a perspectiva histórica que autoriza a interrogação fundamental sobre a identidade de seu objeto através do tempo, uma identidade que não é evidente e que deve levar-nos a perguntar sobre as sociogêneses dos protestantismos nas diferentes épocas, especialmente nos séculos XIX e XX.

Paralela à questão da nossa abordagem interdisciplinar, achamos pertinente fazer também um comentário breve sobre a nossa pertença religiosa. O estudo das religiões no Brasil tem se mostrado um campo em franca expansão. Nos eventos, congressos e encontros que abordam a temática religiosa, país afora, tem crescido o número de trabalhos

apresentados sobre a temática, nas diferentes áreas do conhecimento, com diferentes enfoques e objetivos e tem sido notável também a pertença religiosa de muitos destes pesquisadores. Este é um fato que já vem de longa data, mas que ainda levanta alguns debates, no tocante à cientificidade do trabalho investigativo e à noção de afastamento, tão antiga e tão cara às Ciências Humanas.

Buscando realizar um balanço bibliográfico sobre os estudos em Sociologia da Religião no Brasil entre os anos de 1970 a 1995, o conhecido sociólogo Antônio Flávio Pierucci, lançou uma dura crítica à área, aos estudos e seus pesquisadores. Para este autor (1999, p.245), a Sociologia da Religião se constituiu uma área “impuramente acadêmica” e carente de credibilidade científica perante as Ciências Sociais devido à presença em seu meio de pesquisadores ligados a alguma religião, que em sua opinião, pesquisam movidos por interesses religiosos, comprometendo e contaminando a prática intelectual. Em outro texto (1997), o autor afirma que quem assim procede, está fazendo um “jogo duplo”, que torna “borradas e imprecisas” as fronteiras da ciência e da religião. Para Pierucci, parte significativa dos estudos produzidos neste período, fizeram o que ele chamou de “elogio da religião”, pois enfatizaram o que consideravam seus aspectos positivos; os benefícios que traria às pessoas, sobretudo das camadas despossuídas, à sociedade como um todo, à própria democracia, esquecendo-se de abordar a religião como repressão, dominação.

A este respeito, concordamos com a fala de Camurça (2008, p. 121) de que esta “cobrança” epistemológica feita aos cientistas sociais com ligação religiosa, poderia também se estender a pesquisadores com outras pertenças, como por exemplo; feministas que estudem gênero, ativistas negros ou gays que realizem pesquisas sobre etnicidade e sexualidade, etc. Nesta perspectiva estes pesquisadores poderiam também tornar suas áreas impuras academicamente e seus trabalhos não teriam validade científica. Para Camurça, não há fundamento na crítica feita por Pierucci quando coloca em cheque a credibilidade da produção em Sociologia da Religião no país e a coloca em posição de inferioridade, uma vez que esta tem crescido quantitativamente nos últimos anos a uma taxa superior à de outras subáreas da Sociologia. Além do que, o risco de se fazer “uma sociologia interessada” existe em todas as áreas de pesquisa.

Neste sentido, argumentamos que apesar de assumirmos que o ponto de partida desta pesquisa foi o ingresso no universo religioso, não objetivamos fazer um trabalho

sociológico “interessado” nem tão pouco o um “elogio da religião” como chamou Pierucci. Não fazemos parte de nenhuma das comunidades evangélicas aqui abordadas neste trabalho, nem de qualquer outra pertencente à Visão Celular . Acreditamos ser possível ao pesquisador fazer o afastamento necessário na construção de um trabalho crítico e circunstanciado do fenômeno religioso que possua uma validade científica. Buscamos realizar um estudo investigativo, com metodologia e referências teóricas que preza pela cientificidade e objetividade próprias do trabalho acadêmico.

Por último, queremos ressaltar a relevância deste estudo, ao tratar de um tema ainda pouquíssimo explorado, das Igrejas em Células, responsáveis por uma boa parcela do crescimento evangélico evidenciado nos últimos anos. O meio acadêmico ainda carece de estudos investigativos sobre estas novas estratégias de crescimento, interesses, práticas e representações do protestantismo atual, oferecendo um conhecimento mais amplo sobre a atuação e visibilidade cada vez mais destacadas destes grupos na sociedade contemporânea. Das produções acadêmicas que abordam o protestantismo, a maioria se concentra nas regiões Centro e Sul, ficando o Nordeste e mais precisamente a Bahia, carente de trabalhos sobre a temática. Este trabalho visa contribuir para a produção acadêmica de nossa região ampliando o conhecimento de seu campo religioso e dos agentes que nele atuam. De 1998 a 2008, a Visão Celular no Governo dos 12, contribuiu para o crescimento explosivo dos evangélicos através de um proselitismo mais incisivo no Estado da Bahia e mais especificamente na cidade de Salvador. Este trabalho buscou contar esta história e problematizá-la.

Referencial Teórico

Nos últimos anos o fenômeno religioso adquiriu novos aspectos, se revelando um fenômeno complexo, plural, multifacetado e inter-relacionado com o contexto social no qual se insere. Os novos modelos de protestantismos que surgiram no final do século XX estão intrinsecamente ligados às transformações evidenciadas neste período, principalmente as transformações econômicas. Para referenciar nosso trabalho nos valem das contribuições da sociologia compressiva de Max Weber no tocante à relação entre protestantismo e capitalismo. Na virada do século XIX para o XX , Weber buscou entender

e criticar a sociedade moderna ocidental na qual vivia, considerando-a em seus diferentes aspectos políticos, econômicos e culturais, uma conjunção única de fatores que historicamente se combinaram no contexto da civilização judaico-cristã.

A religião se tornou importante para Weber por ser um elemento historicamente fundamental na formação da conduta humana nas diferentes sociedades, pois através dela poder-se-ia compreender os motivos e intenções de um conjunto de ações sociais. Paralelo ao contexto histórico, o fenômeno religioso para Weber deve ser compreendido a partir das práticas, representações, vivências, motivações, sentidos e fins que orientam as ações dos agentes religiosos. Em *economia e Sociedade* (1994, p. 279) encontramos expressa esta preocupação do autor:

“Não é da essência da religião que nos ocuparemos, e sim das condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária cuja compreensão também aqui só se pode ser alcançada a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos - a partir do “sentido”- , uma vez que o decurso externo é extremamente multiforme. A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua experiência primordial, está orientada para este mundo...A ação ou o pensamento religioso ou “mágico” não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim , uma vez que também seus próprios fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica.”

O fenômeno religioso para Weber interessa na medida em que é capaz de formar atitudes e disposições para aceitar ou rejeitar determinados estilos de vida ou para criar novos. Em *A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber argumentou que o capitalismo com a colaboração do protestantismo de sua época que criou um novo estilo de vida em afinidade com o modo de produção capitalista. Para Weber, o protestantismo de seu tempo, com sua ética peculiar, levou seus fiéis a se dedicarem de forma ascética ao trabalho secular criando uma mão-de-obra motivada para a produção de riquezas dando impulso ao sistema capitalista. Sendo então, na formação de atitudes e disposições, o fator econômico tem para Weber :

“ Uma influência indireta nas relações sociais das instituições e dos agrupamentos humanos, submetidos à pressão de interesses “materiais”, e que estende-se por todos os domínios da cultura, sem exceção, até mesmo nos mais delicados matizes do sentimento religioso e estético”. (1992, p.119)

Tomamos também para nortear nosso trabalho a releitura de Weber realizada pelo sociólogo Pierre Bourdieu e mais precisamente o conceito de Campo Religioso, que nos

ajudou a pensar os grupos religiosos aqui enfocados, inseridos no pluralismo religioso soteropolitano , na busca pelo crescimento de seu rebanho e pelo combate aos credos concorrentes. Na condução da pesquisa pudemos perceber que a mensagem e as ações extra-igreja destes Batistas da Visão se orientaram no que eles chamam de conquista e demarcação de territórios, um discurso recorrente entre os líderes do G12. Para Bourdieu, qualquer campo é perpassado pelo poder, há sempre uma oposição de forças distribuídas entre posições dominantes e posições dominadas, segundo o capital simbólico, econômico e cultural dos agentes e instituições. O campo é um universo particular das práticas, o que configura o campo são as posições, as lutas concorrenciais e os interesses. Segundo Bourdieu, no campo religioso:

“As relações de transação que se estabelecem, com base em interesses diferentes, entre os especialistas e os leigos, e as relações de concorrência que opõem os diferentes especialistas no interior do campo religioso, constituem princípio da dinâmica do campo religioso e também das transformações da ideologia religiosa” (BOURDIEU, 1998, p. 50)

A teoria do campo religioso de Bourdieu visa englobar as contribuições de Marx, Weber e Durkheim na interpretação da ação das agências religiosas, estabelecidas num determinado campo e no papel dos agentes religiosos para divulgação da sua mensagem sagrada, na manutenção destas instituições e claro na expansão eclesiástica. Ela nos serve na medida em que trás a evidência a idéia de estrutura e funcionamento de um campo religioso com relações de concorrência entre as religiões e de poder entre os especialistas religiosos em relação aos leigos de uma determinada grupo. Mas existem as suas limitações. O modelo implícito para a teoria do campo religioso é a decadente cristandade européia que o autor avaliou, e não um cristianismo dinâmico cheio de novas configurações e especificidades que se evidenciou na América Latina desde fins do século XX, nas quais se encaixam as novas práticas, discursos e movimentos neopentecostais. Nesse sentido, tentamos aliar os pressupostos teóricos dos quais partimos , a bibliografia de apoio, as informações obtidas com as situações que nos deparamos na realização da pesquisa e nossas considerações sobre o tema.

Procedimentos metodológicos, Fontes e Experiências de pesquisa

O estudo do protestantismo em seu período mais recente fornece ao pesquisador uma gama diversificada de fontes e possibilidades de estudo. Em poucos anos de divulgação no país, a Visão Celular organizou um grande mercado editorial e fonográfico, presenças em rádio, TV e internet e promoção de megaeventos, marchas entre outros, que nos foram de grande valia para compreensão deste novo modelo de igreja. Diante de uma grande variedade de opções buscamos proceder metodologicamente trabalhando com várias formas de coleta de informações. Utilizamos documentos escritos; Bibliografia específica da Visão (livros, revistas), livros de atas das comunidades estudadas, Jornal de circulação no meio evangélico batista denominado “ O Batista Baiano”, jornais de circulação na cidade como A tarde e Correio da Bahia, Boletins informativos de circulação interna das comunidades. Utilizamos a oralidade, entrevistamos pastores e membros das comunidades, fizemos observações participantes em cultos, células e na Marcha de 2008 e recorremos também às “fontes virtuais”, coletando informações em vários sites na Internet sobre os batistas e sobre a Visão.

No tocante aos documentos, buscamos analisar as atas das comunidades estudadas, que se constituem um documento imprescindível a ser analisado numa pesquisa sobre protestantismo. Os batistas têm a prática de elaborar atas registrando o cotidiano de suas comunidades, constituindo uma fonte reveladora de discussões, práticas, e deliberações do grupo. Todavia, encontramos um problema. Quando fomos pesquisar nas comunidades aqui abordadas que “entraram” na Visão, constatamos que a realização das assembleias mensais, bem como, a redação de atas caiu em desuso. O abandono desta prática tradicional batista, ocorre em função da adoção de um novo modelo de gestão e de deliberação nas comunidades. Infelizmente não pudemos contar com as atas no sentido de perceber a implantação e desenvolvimento da Visão nestas comunidades, pelo simples fato de que a partir do momento que as comunidades se “celularizaram”, deixaram de fazer as atas! Conseguimos apenas algumas sobre a fundação da Primeira Igreja Batista de Pernambuco, mas as demais não faziam menção à implantação da Visão. Na Primeira Igreja Batista do Brasil, nem conseguimos ter acesso às atas, apesar de insistentes pedidos.

Para preencher as lacunas existentes pela falta de atas, a realização de entrevistas com lideranças das duas comunidades foi imprescindível. Na PIBB foram realizadas entrevistas

com os pastores auxiliares Cristianí Silva Franco de 32 anos e Telmo Luís de Oliveira de 63 . Na PIBAPE foram realizadas entrevistas com o pastor Francisco Davi de 48 anos e com a senhora Valnequí Andrade Santana de 74 , membra fundadora da comunidade e que foi durante 8 anos tesoureira da mesma . Esta entrevista serviu para nos esclarecer algumas questões sobre o início dos trabalhos desta comunidade e os seus primeiros anos. As entrevistas com as lideranças das duas comunidades abordadas, versaram sobre dois temas: a implantação e funcionamento da Visão nas mesmas e a relação da comunidade com a sociedade circundante. No primeiro tema, o objetivo era perceber como se deu a inserção da Visão no G12 nestas congregações, a partir da ótica dos seus líderes, já que a Visão como abordarei melhor mais na frente é inserida na comunidade pela força carismática do líder e os seus membros são gradativamente convencidos a aceita-la. Constavam perguntas sobre como tomaram conhecimento da Visão, quais as motivações para aderir , como ocorreu a celularização da comunidade, as dificuldades encontradas, se houve conflitos gerados entre a membresia, entre as lideranças , como passou a se estruturar a comunidade após a implantação do G12, entre outras. No segundo tema procuramos perceber como passou a ser a relação das comunidades com a sociedade circundante após a adoção do modelo da Visão. Versaram perguntas sobre como percebem a realidade baiana e soteropolitana, se fazem algum trabalho de assistência social dirigido aos cidadãos soteropolitanos, como participaram das marchas realizadas anualmente em Salvador, que concepção política têm e como se relacionam com a política local. Entrevistamos também, alguns membros líderes de células onde buscamos analisar suas experiências de liderança, um pouco destas trajetórias religiosas, da atuação junto às suas famílias e os êxitos e dificuldades vivenciados em suas práticas cotidianas no modelo celular.

Nos contatos feitos em ambas comunidades para realização da pesquisa e das entrevistas, nos deparamos com situações não previstas inicialmente. Percebemos que os dados da pesquisa podem muitas vezes enganar o ideal de objetividade da mesma. A princípio pretendia não revelar minha pertença ao meio evangélico no momento do contato e da realização das entrevistas, com receio de criar uma situação inapropriada para a ocasião, mas assim que me apresentava, esta era a primeira pergunta feita, o que me fez perceber que se não dissesse corria o risco de não conseguir a entrevista. Em uma das comunidades, mesmo me dizendo evangélica, percebi em certas respostas a tentativa de

esconder os conflitos e problemas internos (que ocorreram) decorrentes da implantação do movimento numa tentativa de “relativizar” os fatos e de legitimá-lo biblicamente. Difícil também foi colher informações sobre a relação com a política soteropolitana, a relação com líderes políticos locais e a realização de atos proféticos em locais de importância política em Salvador. Entendemos que a tentativa de relativizar ou até mesmo zerar a existência de conflitos na transição para o modelo celular, ocorre num contexto em que a inserção do movimento na Bahia causou muitas controvérsias e críticas por parte de denominações evangélicas diversas e por parte da própria Convenção Batista Baiana. Há, portanto, um esforço destes líderes em não apresentar aspectos negativos, mas sim positivos da Visão, como o crescimento numérico, até mesmo para legitimarem suas escolhas e se posicionar diante da polêmica gerada. Além disto, some-se o fato de que, ninguém havia aparecido nestas comunidades anteriormente alegando estar pesquisando a Visão Celular, não há estudos sobre a Visão em Salvador, portanto, compreendemos que fomos vista com certa suspeita pelos grupos.

Em outra comunidade entrevistei um pastor que já conhecia, com quem tive um pouco mais de facilidade na aproximação, este por sua vez me trouxe detalhes importantes, revelando a existência dos conflitos e me trazendo inclusive uma outra experiência do movimento em sua igreja. Ele não alcançou a explosão do crescimento tão festejado entre os grupos que aderem, justamente por causa dos conflitos e de uma cisão que ocorreu em sua comunidade. Tive certeza de que ele só agiu assim por já me conhecer e por de alguma forma, ter depositado em mim uma certa confiança de que eu exporia negativamente sua congregação. Estes fatos me levaram a refletir sobre meus procedimentos, sobre certas dificuldades encontradas e sobre como sou vista pelos pesquisados. Se por um lado alguns viram meu trabalho com desconfiança, outros achavam que se tratava de um trabalho dogmático, que iria ressaltar as idéias da Visão.

Sobre este contato com os informantes, a nossa pertença religiosa e nossas convicções sobre o objeto tratado, refletimos a respeito do que coloca Geertz (2001). Para o autor, a pesquisa nas Ciências Humanas envolve contatos diretos, íntimos e mais ou menos perturbadores da vida contemporânea, contatos que muitas vezes afetam a sensibilidade de quem os realiza e que põe em evidência a maneira dos informantes verem as coisas e a maneira como nós vemos, o lugar dos informantes e o nosso. Conforme o

autor, é possível estabelecer uma relação amigável com os informantes como também fazer de seus amigos colaboradores na pesquisa, mas mantendo-se um certo afastamento e a visão nítida de que o investigador não está, como no caso do meu objeto, militando pela religião ou refutando um movimento, mas buscando-o compreendê-lo de forma sistemática, científica. Precisamos estabelecer para os informantes a postura moral e ética do nosso trabalho. Nesse sentido, passei a enfatizar que não estava ali defendendo ou criticando a Visão e suas lideranças, que não estava tomando uma posição partidária. Esclareci os objetivos do trabalho, a fim de tentar diminuir a tensão existente no contato e propiciar que o entrevistado me trouxesse as informações que eu precisava. Em suma, se o fato de ser uma evangélica e uma pesquisadora que buscou estudar justamente o meio evangélico contemporâneo, me colocou em situações delicadas em alguns momentos, em outros, não posso deixar de falar, acabou facilitando um pouco meu trabalho de coleta de dados, pelo acesso que tive, e facilitou a própria a análise das mesmas, pelo conhecimento que já possuía do meio protestante e da Visão.

A análise dos livros produzidos para divulgação da Visão foi fundamental para entender como se fundamenta o movimento, suas propostas, quais os discursos e representações são produzidos. Trabalhamos com os livros do idealizador do modelo, César Castellanos e com livros dos dois líderes nacionais de maior destaque na divulgação do modelo, Valnice Milhomens e Renê Terra Nova. De Castellanos, usamos “Sonha e Ganharás o Mundo”, onde ele relata como idealizou A Visão no G12 e “Liderança de Sucesso Através do 12”, onde explica com mais detalhes as propostas e funcionamento das células e do governo dos 12. De Milhomens, usamos “Plano Estratégico Para Redenção da Nação”, onde a autora discute planos considerados estratégicos para a converção maciça dos brasileiros a partir da batalha espiritual, louvor, adoração, implantação de células, etc. De Terra Nova, usamos “O Abecedário das Células” e “Atos Proféticos: comando de Deus ou invenção humana?”, neste último o autor argumenta com base na Bíblia, que a realização de atos proféticos, dos quais falarei melhor mais adiante, se constitui a estratégia das igrejas na Visão para a conquista da nação brasileira, explicitando também como devem ser realizados tais atos.

Utilizamos também algumas revistas de circulação nacional sobre a Visão. Tanto os livros como as revistas, conseguimos a maioria nas mãos de particulares, sendo as revistas

em números dispersos, não possibilitando uma seqüência na leitura do material e obtenção de mais informações. Entre as revistas que trabalhamos estão: Revista Videira, que não circula mais, conseguimos achar 3 exemplares por acaso em uma banca de revista, todas empoeiradas no ano de 2002, nas seguintes edições; ano I, nº 6 e 7, ano II, nº 8. Revista G12 de fevereiro de 2003, Revista Geração Celular de abril de 2005 e duas revistas que são entregues a participantes inscritos em eventos da Visão, neste caso conseguimos uma revista do 5º Congresso de Resgate da Nação, realizado anualmente em Porto Seguro desde 2000, promovido por Terra Nova, e a revista do 7º Congresso Internacional da Visão Celular no Governo dos 12, realizado em Manaus em 2004. A Visão principalmente representada na Figura do pastor Terra Nova tem promovido anualmente eventos que tem atraído centenas de igrejas e pessoas envolvidas com o movimento, o que mostra a força deste no país. Nas revistas pudemos perceber algumas das ações destes líderes e seus projetos de expansão do movimento e de conquista da nação.

Em relação à polêmica gerada com a Convenção Batista Baiana, consultamos: o Jornal O Batista Baiano, que circula entre os Batistas que ainda estão ligados à Convenção de julho de 2001; um informativo intitulado “Igrejas em Células e G12 palavra da Convenção Batista Baiana reunida no mês de abril de 2000” e o livro da Convenção de 2002. Os Jornais de circulação na capital baiana como A Tarde, Correio da Bahia e Tribuna da Bahia, foram consultados na intenção de perceber como noticiavam o evento chamado “Marcha para Jesus”, promovido anualmente em Salvador. Tornava-se necessário perceber a ação destes grupos nas atividades extra-igreja “do lado de fora”, ou seja, pelo discurso jornalístico. A forma como os jornais apresentaram este evento evangélico à sociedade, nos deu uma idéia da visibilidade que estes grupos tem alcançado na capital soteropolitana e suas relações com a esfera política. Mostrou um pouco também como a sociedade local interpretou as transformações estéticas e doutrinárias que experimentaram os evangélicos nas últimas décadas. Consultamos os Jornais A Tarde de 2000 a 2008, que foi o jornal que mais noticiou o evento, dedicando em todas as edições notas sobre o mesmo, e o jornal tribuna da Bahia de 2001, o jornal Correio da Bahia, nem sempre noticiava o evento e quando o fazia não trazia muitas informações, por isso preferimos não utilizá-lo.

O Problema

No Brasil, no tocante ao protestantismo, tem chamado a atenção dos estudiosos o fenômeno do crescimento da população evangélica e sua atuação cada vez maior no meio social, na política, nos meios de comunicação e sua capacidade de criar estratégias de expansão e mobilização das massas. A título de comprovação, segundo o IBGE² nos últimos sessenta anos a população do Brasil aumentou quatro vezes, passando de 41,2 milhões para 169,8 milhões de habitantes. Houve uma expressiva redução de católicos apostólicos romanos de 95% para 73,6% da população paralela ao crescimento do número de evangélicos de 2,6% em 1940 para 15,4% em 2000. Alguns estudos projetam que em 2015 mais de 20% da população brasileira será evangélica³. Estratégias de crescimento e de eficiente gestão das igrejas como vem sendo empregadas nos grupos neopentecostais, certamente contribuem para este crescimento significativo e continuado.

Paralela às estratégias de crescimento e de gestão dos templos, estes grupos atuam com mais incisão na sociedade circundante, na promoção de mega eventos em que milhares de evangélicos vão às ruas entoar suas canções, fazer orações e apelos de conversão em massa e na relação com a esfera política evidenciando uma mudança radical nas suas concepções sobre a relação entre igreja e sociedade. A Visão Celular no Governo dos 12 é um movimento que abriga em si diversas destas novas práticas e tendências evangélicas contemporâneas, suscitando nosso interesse em pesquisá-lo problematizando-o no contexto baiano e mais especificamente soteropolitano, um ambiente plural em termos de religiões e religiosidades.

A Visão no G12 surgiu no final da década de 1990, em Bogotá na Colômbia, e foi trazido para o Brasil ao final desta década. Trouxe uma proposta de crescimento eclesial a partir dos cultos domésticos ou como eles passam a chamar de “células” e de gestão de igrejas na estrutura do governo dos 12 ou o G12, articulados a promoção de marchas ou “atos proféticos”. Objetivando a “redenção da nação”, o modelo celular articula os espaços da igreja, das casas e das ruas como estratégias de expansão e de

² Tendências demográficas: Uma Análise da População com Base nos Resultados dos Censos Demográficos de 1940 e 2000, comunicado disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>, acessado em 09/02/2008.

³ Projeção feita pelo economista Marcelo Néri, citado pela revista Veja de 12 de junho de 2006, p 81.

participação dos evangélicos na transformação da realidade social local em que estão inseridos, imbuídos do espírito da guerra espiritual.

Nossa intenção com este trabalho é problematizar como as propostas da Visão repercutiram nas comunidades abordadas e na capital baiana, como as comunidades mudaram sua ação estratégica de proselitismo e participação local. Partimos de algumas questões como por exemplo: como as comunidades estudadas, participantes do movimento, enxergam a realidade local? Como entendem que a sua ação proselitista através da Visão no G12 pode transformar esta realidade? Como pensam a capital baiana nos últimos anos da década de 1990 e começo dos anos 2000 em relação a problemas tais como pobreza, desemprego e corrupção política. Como passaram a se organizar na intenção de interagir mais com a sociedade circundante e participar na busca por soluções? Que novas estratégias de ampliação dos espaços de influências na capital baiana empreendem? Que concepções políticas possuem que os orienta nas suas ações extra-igreja e relações com a política local? Como se relacionam com as demais religiões principalmente a Igreja Católica e as religiões africanas, num contexto de pluralidade religiosa e de forte misticismo do baiano, uma vez que a própria Bahia é considerada a terra de “todos os santos”. Estas questões nortearam nosso trabalho, e a partir do conhecimento das propostas da Visão e das realidades de cada comunidade estudada e suas ações, pudemos tecer algumas considerações que elucidam este trabalho investigativo. Nos capítulos seguintes tentaremos sistematizar estes dados.

No capítulo 1, “Os Batistas na Bahia”, discutimos algumas questões relevantes para entender a denominação aqui enfocada, como sua inserção e expansão no país, sua estrutura e funcionamento, além de uma análise sobre as comunidades enfocadas. No Capítulo 2, “A Visão Celular no Governo Dos 12”, abordaremos como e em qual contexto surgiu a Visão, suas propostas e representações, como se inseriu no país, na Bahia e nas comunidades pesquisadas. No capítulo 3, “A Visão nos Templos: Novos paradigmas, Sistema de células e Governo dos 12”, discutiremos as práticas, representações e discursos presentes na Visão, no tocante ao espaço dos templos. No capítulo 4, “A Visão Nas Casas: Famílias, Células e Questões Sociais” discutiremos como a Visão utilizou e transformou o espaço das casas numa estratégia de expansão e de participação mais incisiva na sociedade circundante, bem como analisaremos o conceito de células, como estas produzem o

crescimento da membresia e como, para estes evangélicos, cumprem também um importante papel, de resgate da instituição familiar e de assistência social e espiritual aos excluídos da sociedade. Por último, no capítulo 5, “A Visão nas Ruas: Marchas, Atos Proféticos e Representações Políticas”, discutiremos como num contexto de transformação cultural que alterou as práticas e representações do protestantismo histórico, a Visão ganhou as ruas de Salvador, através das marchas evangélicas e da realização dos chamados “atos proféticos”, numa clara estratégia de visibilidade e demarcação de territórios. Veremos também as representações políticas presentes na Visão, no tocante à participação cívica, relações com o poder estabelecido, eleições e voto.

CAPÍTULO 1

OS BATISTAS NA BAHIA

Neste capítulo apresentaremos numa perspectiva histórica a presença dos batistas no Brasil e na Bahia, bem como alguns aspectos relevantes para o entendimento do nosso objeto de estudo: as características da denominação batista, a organização eclesiástica, as controvérsias teológicas, as separações e a atuação da Convenção Batista em meio a estas controvérsias. Apresentaremos também dados referentes às comunidades que abordamos, a Primeira Igreja Batista do Brasil e a Primeira Igreja Batista de Pernambuco, destacando aspectos de suas fundações, processo de expansão e realidade sócio-econômica.

Inserção dos batistas no Brasil e na Bahia

O século XIX tem sido apontado por diversos autores, como o momento histórico de realização de missões protestantes pelo mundo. Na “era das missões” segundo Leonard (2002), fatores políticos, econômicos e ideológicos, favoreceram a difusão e afirmação do credo protestante às nações. Conforme Bittencourt Filho (2003, p. 102-103), o referido século é lembrado como um momento histórico em que prevaleceram na América ideais libertários e independentistas. Ideais que se viram reforçados por uma mentalidade circulante nos meios mais informados e intelectualizados, que tendia a identificar o atraso político-econômico-cultural com o catolicismo e, em contrapartida, modernidade e prosperidade com o protestantismo, tomando como exemplo os países europeus mais avançados econômica e culturalmente naquele estágio do capitalismo. Dada essas circunstâncias, diversos setores, sobretudo os anticlericais, receberam com satisfação o advento das missões protestantes e este empenho modernizador estava integrado ao ideário das missões denominacionais. Nesta concepção, Deus estava agindo através dos povos escolhidos, sobretudo os de língua inglesa, no objetivo de estabelecer uma civilização protestante na América. Assim, conforme Leonard, diferentes denominações protestantes enviaram missões aos “pagãos” de todas as partes do mundo, inclusive para o Brasil,

propiciando a instalação de diversas obras missionárias, ente elas, a missão batista em 1881.

A inserção batista em solo brasileiro ocorreu em meio às especificidades da conjuntura norte-americana e nacional do período. De acordo com Azevedo (1996, p. 190), esta inserção se misturou com a própria história dos Estados Unidos, sendo uma conseqüência do desenvolvimento protestante norte-americano em geral e batista em particular. Para Mendonça (1984, p. 43) o protestantismo-norte americano, caracteristicamente de povoamento, foi se formando à medida que os protestantes europeus passavam para as possessões inglesas em busca de novas condições de vida. Constituída numa atmosfera protestante, a sociedade norte-americana, embebeu-se do “espírito do protestantismo”, dando impulso a um esforço missionário de difusão da verdade protestante dos Estados Unidos para todas as nações. Era a concepção de destino manifesto, que levou o protestantismo norte-americano deste período a acreditar que tinha uma dupla missão a cumprir no mundo: num sentido religioso de salvar as almas e num sentido civilizatório de difundir seu estilo de democracia e visão de progresso econômico. Para tanto, o protestantismo missionário norte-americano organizou estratégias missionárias e educacionais, que prepararam e abriram caminho para o expansionismo político e econômico dos EUA.

Nos EUA, paralelo aos fatores religiosos, o contexto socioeconômico e político do país em fins do século XIX, desempenharam um papel relevante na vinda dos batistas para o Brasil. Ao final da Guerra de Secessão norte-americana ocorrida entre 1861-1865, quando os estados do sul essencialmente agrários e escravistas saíram-se derrotados, criou-se um quadro de crise econômica e retração do mercado de trabalho em meio à pressão política, exercida pelos estados do norte para o fim da escravidão. Muitos sulistas buscaram a imigração como uma alternativa de recomeçar a vida em novas terras, onde pudessem continuar com as velhas práticas da agricultura e da escravidão (TEIXEIRA, 1975, p.33). Colaborou também com a vinda dos imigrantes sulistas, a intensificação do comércio entre os EUA e o Brasil, após a década de 1860, favorecendo imigrantes sulistas, entre eles muitos protestantes metodistas, presbiterianos e batistas a se instalarem no país.

A conjuntura brasileira em fins do século XIX era propícia à entrada dos imigrantes protestantes, pelo o incentivo do governo imperial à imigração norte-americana e pela

tolerância estabelecida às suas práticas religiosas. Esta tolerância só foi possível após a assinatura do Tratado de Comércio e Navegação com a Inglaterra em 1810, que permitiu, ainda que de forma restrita, o culto protestante na colônia. As missões começaram a chegar na segunda metade do século XIX, mas a expansão irrestrita do culto só ocorreu após a Proclamação da República em 1889 (MENDONÇA, 1984, p. 58). Foi também um fator relevante a crise na instituição do padroado⁴, que possibilitou uma maior abertura e flexibilidade à presença dos grupos protestantes tão ameaçadores à Igreja Católica enquanto a religião oficial do país.

Estes imigrantes concentraram-se na então província de São Paulo mais especificamente na região de Santa Bárbara D'Oeste fundando uma colônia de famílias norte-americanas. Como a maioria era de protestantes procuraram formar igrejas para desenvolver suas atividades religiosas. As famílias batistas organizaram a primeira igreja batista em solo brasileiro em 10 de setembro de 1871, composta somente de americanos, para atender suas necessidades religiosas. Esse primeiro núcleo batista que se instalou no Brasil tinha as características do chamado protestantismo de imigração, o serviço religioso era feito em inglês e não iniciou trabalho entre os brasileiros (SILVA, 1998, p.52). Mas o início do trabalho missionário batista no país e a organização de uma igreja batista voltada para o evangelismo dos brasileiros só viriam ocorrer anos mais tarde após insistentes apelos do pequeno núcleo batista à Junta de Missões de Richmond para que enviassem missionários, pois no conceito destes, o Brasil era um terreno fértil e necessitado dos princípios cristãos protestantes do quais eram portadores os batistas.

Em 1881 chegou ao país com o propósito de fazer missões o casal de missionários norte-americanos William e Ane Bagby que aportaram no Rio de Janeiro. Em 1882, outro

⁴ O **Padroado** foi criado através de um tratado entre a Igreja Católica e os Reinos de Portugal e de Espanha. A Igreja delegava aos monarcas destes reinos ibéricos a administração e organização da Igreja Católica em seus domínios. O rei mandava construir igrejas, nomeava os padres e os bispos, sendo estes depois aprovados pelo Papa. Assim, a estrutura do Reino de Portugal e de Espanha tinha não só uma dimensão político-administrativa, mas também religiosa. Com a criação do Padroado, muitas das atividades características da Igreja Católica eram, na verdade, funções do poder político. Significa direito de protetor, adquirido por quem fundou ou dotou uma igreja. Direito de conferir benefícios eclesiásticos. Nos textos historiográficos, o termo Padroado se refere ao direito de autoridade da Coroa Portuguesa a Igreja Católica, nos territórios de domínio Lusitano. Esse direito do Padroado consistiu na delegação de poderes ao Rei de Portugal, concedida pelos papas, em forma de diversas bulas papais, uma das quais uniu perpetuamente a Coroa Portuguesa à Ordem de Cristo, em 30 de dezembro de 1551.

casal, Zacarias e Katherine Taylor. Pela necessidade do aprendizado da língua portuguesa, o que seria imprescindível para o trabalho religioso e para um apoio inicial, ambos casais passam algum tempo em Santa Bárbara D'Oeste, onde conheceram Antônio Teixeira de Albuquerque, um ex-padre. Transferindo-se para Salvador os dois casais de missionários juntamente com Antônio Teixeira, organizaram ao final de dois meses, a Primeira Igreja Batista do Brasil, no local denominado Canela em Salvador, capital da Província, considerada a primeira igreja brasileira pelo objetivo claramente missionário e pelo fato de contar com um brasileiro em sua membresia (SILVA,1998,p.53). As igrejas batistas organizadas em solo brasileiro passaram a receber da Junta de missões de Richmond nos EUA, o financiamento para arcar com o sustento das comunidades. Além desta dependência financeira havia a dependência eclesiástica das “igrejas- mães” instaladas em solo norte-americano. A liturgia era voltada para a cultura americana, a doutrina pregada nas igrejas e às pessoas que se buscava evangelizar estava impregnada dos valores norte-americanos, a nação irmã era o modelo a ser seguido, uma denotação por parte destes missionários de um certo estrangeirismo e etnocentrismo. No início do século XX a Primeira Igreja Batista do Brasil passou a funcionar em outro endereço na Baixa dos Sapateiros.

A Primeira Igreja Batista no Brasil

Na década de 80, a Primeira Igreja mudou-se e passou a funcionar na região da Avenida Antônio Carlos Magalhães, onde permanece até os dias atuais. Segundo o relato de um dos nossos entrevistados⁵, após permanecer por décadas neste endereço foi necessária uma mudança em virtude do crescimento da membresia e do espaço já não ser mais disponível para abrigá-la. Mudaram-se no ano de 1983 após terem negociado a troca do local em que funcionava a igreja por um terreno na avenida ACM. Nesta época, a referida avenida não possuía o desenvolvimento que tem nos tempos atuais e o processo de construção do novo templo da igreja neste local acabou acompanhando o próprio desenvolvimento da região. A construção que segundo o entrevistado foi longa e passou por

⁵ Entrevista realizada com o senhor Telmo Luís de Oliveira, 63 anos, secretário executivo e pastor auxiliar da Primeira Igreja Batista do Brasil, em 16 de abril de 2008.

uma série de transformações devido a problemas com arquitetura do prédio e as intervenções da prefeitura no projeto, contou somente com os recursos da membresia como os dízimos, ofertas e com ofertas especiais voltadas para a construção, a partir das campanhas promovidas pela liderança da comunidade. A estrutura definitiva que permanece nos dias atuais só foi concluída no ano de 1998.

A partir de um terreno baldio, comprado numa região que na época não tinha o desenvolvimento e importância que possui hoje, a PIBB se tornou um grande complexo religioso e educacional. Numa área total de 3.200 m² estão um santuário com capacidade para 1.600 pessoas, os departamentos administrativos, uma escola de ensino fundamental e médio e uma faculdade batista, sendo que estes três últimos estão distribuídos em três andares⁶. Localizada numa região que atualmente possui uma grande relevância sendo um dos endereços mais desenvolvidos e caros da cidade, abriga grandes construções entre supermercados e prédios residenciais e comerciais. É também uma região bastante privilegiada e movimentada em relação à circulação de pessoas e transporte urbano. Nesta localização, o prédio da PIBB se destaca pela sua extensão e arquitetura, o que nos leva a supor que sua numerosa membresia é composta em sua maioria por indivíduos pertencentes às classes média e média alta da capital soteropolitana. No início dos anos 2000, a adoção da Visão Celular pela comunidade provocou um crescimento ainda maior de número de seus membros e o redirecionamento de suas atividades junto à sociedade circundante.

Expansão, controvérsias e cismas.

Nos anos seguintes à instalação no país, os batistas expandiriam consideravelmente seus trabalhos, destacando-se pela forte característica proselitista, sendo este aspecto uma das principais razões para o seu crescimento. Nos primeiros anos de evangelismo junto aos baianos, o grupo mostrou um fôlego expansivo, fruto de uma gama de estratégias destes religiosos na busca pela “salvação das almas perdidas”. De acordo com Teixeira (1975, p.32), de 1882 a 1925, foram organizadas oito igrejas batistas só na capital baiana, em meio a separações, reunificações e desmembramentos entre elas. Em 1915 já contavam com 41

⁶ Dados fornecidos pelo senhor Telmo Luís de Oliveira, 63 anos, secretário executivo e pastor auxiliar da Primeira Igreja Batista do Brasil, em entrevista realizada no dia 16 de abril de 2008.

igrejas entre a capital e o interior do Estado e algo em torno de 2.748 membros (1975. p.94)⁷. Das primeiras décadas de presença no país aos dias atuais, os batistas ainda mantêm o foco na evangelização e expansão de seus trabalhos. Segundo dados do IBGE, no ano de 2000, os fiéis batistas somavam 3,1 milhões, sendo a segunda maior denominação evangélica presente no Brasil, ficando atrás em número de membros da Igreja Assembléia de Deus com 8,4 milhões de fiéis.⁸ Nestas primeiras décadas de trabalho evangelístico os batistas tinham como estratégias a divulgação de Bíblias e literatura religiosa, a organização de pontos de pregação ao ar livre , em bairros da cidade, na casa de membros da igreja ou de pessoas interessadas ou próximas, o evangelismo pessoal, doutrinação familiar e viagens missionárias.

Apesar do expansionismo que experimentavam os Batistas passaram por uma série de controvérsias e cismas no decorrer dos anos. Sobre isto Azevedo (1996,p.208) , argumenta que:

“ Da construção do pensamento batista no Brasil participou ativamente o espírito da controvérsia, sempre interessada em defender a sua doutrina. Foram várias essas controvérsias particulares, além da travada genérica e permanentemente contra o catolicismo. Essas controvérsias, vale salientar, por vezes reproduziram preocupações dos batistas dos EUA, como no caso dos ataques ao ‘modernismo teológico’...Nunca se questionou aqui, diferentemente do que ocorreu nos EUA, o missionarismo. As polêmicas brasileiras foram, em geral, polêmicas brasileiras, nascidas de embates internos (com católicos, protestantes e batistas).”

Destacamos alguns destes episódios. Um primeiro exemplo, foram os problemas internos que vivenciaram os batistas da Primeira Igreja Batista do Brasil, que conforme Silva (1998,p.61) foram *“ocasionados por disputas de poder e questões administrativas, envolvendo os missionários americanos e a pequena liderança brasileira que estava emergindo nas primeiras décadas do trabalho Batista na Bahia”*. Em 1905 a Primeira Igreja Batista do Brasil se dividiu por divergências entre dois líderes, o Rev. Taylor e o Rev. T. Joyce, de origem inglesa. Este último se retirou do grupo levando consigo cento e vinte e três membros e organizou a igreja da rua Dr. Seabra. Após dez anos de atuação separadamente as duas igrejas voltaram a se reunificar sob a designação de Primeira Igreja Baptista da Bahia (TEIXEIRA, 1975, p.40).

⁷ Ressalte-se o fato de que só eram considerados membros os que eram batizados conforme o rito batista de batismo de adultos e por imersão.

⁸ Fonte: Atlas de filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil /IBGE citado no artigo “Evangélicos” da Revista Super Interessante edição 197 de fevereiro de 2004, p. 52-61.

Em 1910, outra divergência interna ocasionou nova separação entre os Batistas, quando um grupo de membros brasileiros descontentes com a forte liderança dos missionários americanos, rompeu com estes e organizou a Igreja Batista do Garcia, que posteriormente passou a se chamar Missão Batista Independente. Nesta separação, estão controvérsias geradas no interior da denominação frente à liderança estrangeira. Estes batistas independentes pretendiam e colocaram em prática, a administração e o sustento financeiro estritamente nacional, sem nenhum vínculo com a junta de Missões Estrangeiras de Richmond, que administrava e financiava os batistas em todo o país. O objetivo era “nacionalizar” o Evangelho rompendo com a dependência eclesiástica, o autoritarismo dos missionários e toda exaltação que se fazia à nação norte-americana.

A reação da Convenção Batista após a organização da Missão Batista Independente, ocorreu de forma agressiva, pois os independentes foram considerados “desfraternizados” (fora da fraternidade batista), ilegítimos e anticristos que vieram perturbar a obra do Senhor, numa tentativa de estigmatizar e marginalizar o grupo dissidente. *“Ao condenarem o movimento independente, também lançaram mão de representações muito importantes no imaginário batista e no corpus doutrinário protestante: era o inimigo que devia ser evitado, o campo diabólico da discórdia”* (SILVA 1998, p. 65). Apesar destas considerações os batistas independentes mantiveram a dissidência e a postura de suas idéias.

Outro momento de insurgência à liderança estrangeira ocorreu entre as décadas de 1920 e 1940, constituindo-se numa clara continuidade das desavenças entre os missionários norte-americanos e os batistas brasileiros. Os brasileiros tinham a percepção de que eram capazes de administrar os negócios da denominação no Brasil e assim nos anos 1920, eclodiu o chamado Movimento radical ou “radicalismo”. Na Bahia, segundo Silva (1998), os radicais como eram chamados pelos opositores, conseguiram dividir a Primeira Igreja Batista, mas o movimento foi controlado pelo missionário M. G. White, que impediu seu avanço e a aproximação com os independentes, tendo o radicalismo se esgotado em suas próprias contradições ao ligar-se a uma outra junta batista americana do Texas.

Ainda na primeira metade do século XX os Batistas passaram por outras divergências em função da onda pentecostal que invadiu o campo protestante brasileiro. A repercussão e a adesão a esta onda carismática entre os batistas ocorreram segundo Teixeira

(1983), inicialmente de maneira mais tímida, mas que se intensificou a partir da década de 1960. Vários líderes Batistas influenciados pelo Movimento de Renovação Espiritual e de posse da autonomia que possuíam em suas comunidades, passaram a inserir em suas práticas um rito e uma liturgia que punha em ênfase os dons do Espírito Santo e o carismatismo, que confrontavam o pensamento batista tradicional. A questão despertou atritos com a Convenção Batista Brasileira que começou a agir no sentido de reprimir e deter o avanço pentecostal nas congregações de sua denominação. De 1961 a 1965 houve ferrenhas lutas internas, acontecendo que:

“ Em 1965, por ocasião da reunião Anual da Convenção Nacional, a Assembléia decidiu que todos os Pastores e Igrejas que manifestassem opção pelo Movimento de Renovação fossem expulsos. Foi um processo cheio de tensões e o campo protestante assistia, atônito, o conflito em curso nas Igrejas Batistas” (SIEPIERSKI,2001,p.51)

Junto com outros líderes evangélicos de outras denominações que aderiram ao Movimento, os líderes batistas renovados passaram a organizar eventos anuais chamados de “Encontros de Renovação” desde 1964 e que ocorreram até 1980. Como desdobramento destes acontecimentos, ocorreu a criação da Convenção Batista Nacional de tendência pentecostal ou “renovada” face ao tradicionalismo até então reinante entre os batistas, provocando uma grande ruptura na denominação. Mas a decisão da Convenção, ao que parece, não teve tanta força de deter o Movimento e nem de servir de punição ou exemplo, pois ainda no final da década de 1960 segundo Siepierski (2001, p.23), algumas congregações Batistas pentecostalizadas conseguiram se associar à Convenção Nacional, que acabou por aceitar esta orientação pentecostal.

As discussões entre tradicionais e renovados segundo Azevedo (1996,p.221), não tiveram propriamente um fim, embora tenham provocado uma separação na denominação, contribuíram para solidificar a posição batista, de tendência racionalista, neste aspecto. A partir daí, os batistas tinham mais um inimigo além do catolicismo: o pentecostalismo ou carismatismo. Nos anos seguintes a onda neopentecostal das décadas de 1980 e 1990, tal como ocorreu com o pentecostalismo da década de 1960, influenciou diversas denominações, dentre elas a batista, mas que não chegou a ser motivo de expulsão, como é o caso da PIBB, citada por Magalhães apud Siepierski (2001) :

“A Primeira Igreja Batista do Brasil, em Salvador, com cerca de 4 mil⁹ membros em 2000, no final da década de oitenta, se (neo) pentecostalizou e nunca foi questionada por isso, permaneceu ligada à Convenção Batista Brasileira, embora ela mesma já tenha tentado se desligar da Convenção”.¹⁰

Como se pode concluir, desde sua chegada no século XIX até nossos dias, os batistas estiveram envolvidos em controvérsias e querelas teológicas que ameaçaram a unidade doutrinal do grupo, geraram separações, expulsões e uma certa pluralidade de tendências dentro da denominação. Mas as dissidências fazem parte da história do protestantismo e está nas suas próprias origens. O livre exame e interpretação da Bíblia, os interesses diferentes entre os grupos, a autonomia das igrejas e o poder carismático de um pastor podem ser fatores relevantes e contribuintes para as constantes divisões que se observam não somente entre os batistas, mas também em outras denominações evangélicas. Novas controvérsias, discussões e divisões ocorreram na denominação com a inserção da Visão Celular no Modelo dos 12, fato que abordaremos melhor no capítulo 2.

Estrutura e Organização dos Batistas

Discutir a estrutura e da organização dos batistas é relevante em nosso trabalho para compreender a transformação que o grupo sofreu com o tempo e com a adoção do modelo da Visão Celular. Antes de nos determos com as características e propostas deste e discutirmos a controvérsia causada pelo mesmo no seio da denominação, precisamos desenvolver os elementos gerais que caracterizam e identificam os batistas, a fim de traçar também, mais à frente, uma argumentação comparativa das duas estruturas em questão. De forma geral, os batistas possuem uma estrutura departamentalizada, cujos dirigentes definem seus objetivos e estratégias sob orientações de um pastor. Caracterizam-se pela

⁹ Este número de membros citado pelo autor é controverso. Na realização do nosso trabalho que abrange o ano de 2000, encontramos informações de que haveria neste mesmo ano um número bem menor de fiéis na PIBB. Apresentaremos estes dados no capítulo 3.

¹⁰ MAGALHÃES JR, Adriano A. de C. Fogo Sobre a Terra Brasileira: O Impacto do Pentecostalismo no Protestantismo Histórico Brasileiro. Dissertação de Mestrado; USP, 2000. Apud. SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **“De Bem com a Vida”: O Sagrado Num Mundo em Transformação; Um Estudo Sobre a Igreja Renascer em Cristo e a Presença Evangélica na Sociedade Brasileira Contemporânea.** Tese de Doutorado; USP, 2001. p. 56

autonomia das igrejas locais e pelo auto governo que garante a participação dos membros nos assuntos administrativos. Agregam-se em convenções que objetivam a criação de estruturas para a coordenação e realização do trabalho cooperativo, do pensamento e de projetos comuns. (SERRA,2005).

Para Teixeira (1975), na estrutura interna das igrejas batistas estão componentes como o pastor, a Assembléia Geral, os departamentos e os cargos. O pastor batista assume funções espirituais e administrativas. Como guia espiritual é identificado como “servo do Senhor”, “mensageiro da palavra” ou “guia do rebanho de Cristo”. Sua função não é propriamente ditar as regras ou escrever dogmas, mas sim, de zelar pela vida espiritual de sua membresia, pela observância das ordenanças neo-testamentárias, pela linha de moral exigida pela doutrina do grupo. No plano espiritual, está sujeito apenas à autoridade de Cristo, revelada no Novo Testamento e reconhecida por aqueles que aceitam a doutrina e se comprometem com as suas ordens. No plano administrativo, sua função coincide com a do “moderador” ou do presidente de uma “mesa administrativa”, dada às providências de caráter funcional exigidas pelo trabalho da igreja. Neste caso, a autoridade do pastor ou moderador estaria submetida a uma Assembléia Geral. (Teixeira, 1975, p. 130).

A Assembléia Geral é um grupo composto por todos os membros da comunidade “em comunhão”¹¹. É considerada a autoridade máxima da igreja, na decisão dos negócios administrativos. A Assembléia se reúne em sessões regulares ou extraordinárias, para discutir e tomar decisões sobre os mais diversos assuntos referentes à comunidade, através do voto descoberto, individual e verbal da maioria. A figura do “moderador” geralmente é exercida pelo pastor (mas que pode não ser) e funciona como um elemento orientador e organizador dos trabalhos. Por tal característica de funcionamento, os batistas procuram sempre ressaltar o caráter democrático de suas igrejas. Porém, tal democracia pode evidentemente, ser relativa, dependendo do assunto e das circunstâncias. Além da discussão de assuntos, nas assembleias, também se decide sobre os departamentos ou ministérios existentes na igreja e a distribuição dos cargos de caráter doutrinário e administrativo da igreja, a exemplo da escola Bíblica dominical e dos cargos de presidentes da Assembléia, vice, secretários, tesoueiros, etc. Vale ressaltar, que o poder de decisão desta Assembléia, incide inclusive, sobre o próprio pastor da igreja, que pode ser tirado de

¹¹ Isto é, batizados e vivendo conforme os preceitos batistas.

seu posto caso não atenda aos requisitos do mesmo. Isso porém, ocorre em casos que o pastor venha a praticar falta moral grave. Geralmente, vale o fato de que quanto mais carismático ele for, mas distante fica de obter a contestação de seu “rebanho”. Nesta estrutura então, o pastor tem sua ação limitada por uma assembleia soberana e todas as questões da igreja devem necessariamente passar pela discussão e aprovação de seus membros.

Conforme Teixeira (1975, p.135), os batistas possuem setores ou departamentos destinados a orientar doutrinariamente seus membros e promover a evangelização na sociedade. A autora agrupa estes departamentos em três categorias: os de caráter doutrinário ou de treinamento; os de caráter educacional; os de caráter missionário e evangelístico. Entre os departamentos de treinamento, tem maior relevância a Escola Bíblica Dominical. Esta consiste em reuniões todos os domingos, antes ou depois do culto, geralmente às manhãs, onde os membros sob a direção dos professores escolhidos pela Assembleia recebem os ensinamentos fundamentais da doutrina e das escrituras. A Escola Bíblica Dominical é o departamento básico mais importante de orientação doutrinária dos batistas, tanto para novos convertidos, como para os membros mais antigos. Os batistas mantêm também departamentos de caráter educacional, desenvolvendo escolas batistas, dentro de uma concepção de que a conversão da sociedade pode ser feita através da educação.

Um outro departamento de grande relevância nas comunidades batistas, de caráter evangelístico é o departamento ou ministério de missões. O trabalho missionário para os evangélicos e não somente para os batistas, tem como base uma ordem para a evangelização feita por Jesus, relatada no Evangelho de Marcos 16, versículo 15, onde lê-se: *“ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”*.¹² O trabalho missionário das igrejas batistas está ligado à Junta de Missões Nacionais- JMN e a Junta de Missões Mundiais- JMM, as agências que planejam, promovem e executam o projeto de ação missionária dos batistas brasileiros. Os missionários batistas atuam em municípios de todas as regiões do país, iniciando igrejas, apoiando as já existentes e abrindo novas frentes de trabalho em “campos pioneiros”. Em nível internacional, os batistas brasileiros

¹² Bíblia de estudo Almeida. Barueri-SP: Sociedades Bíblicas do Brasil, 2000. Novo Testamento, p.84.

desenvolvem ação missionária em países dos cinco continentes.¹³ Para tanto, as comunidades batistas disponibilizam recursos financeiros para enviarem e manterem seus missionários em regiões do Brasil ou no exterior.

Há também, outros departamentos e cargos que atendem demandas específicas da comunidade, como por exemplo: os ministérios de louvor, teatro, dança¹⁴, crianças, jovens, homens, mulheres, casais, idosos, com seus participantes e suas lideranças. Na distribuição dos cargos existentes em cada ministério, são levados como critérios, a escolha da Assembléia, indicação das lideranças, tempo de convertido e experiência no trabalho religioso. Os ministérios de louvor, teatro e dança, podem inclusive, depender da realização de testes de aptidão para os membros fazerem parte dos mesmos. Dentre os cargos existentes no trabalho religioso da comunidade destacamos o “ofício” de diácono ou de diaconiza. Conforme Teixeira (p.132), são exemplos de atribuições do diaconato: assistência aos doentes, necessitados e viúvas, supervisão das finanças da igreja, cuidado pela observância das regras de comportamento e zelo pelo nível moral dos membros. Uma vez consagrados para esta função, os diáconos exerciam mandato vitalício, salvo serem suspensos por alguma irregularidade e mesmo que mudassem para outra comunidade, continuavam nesta função. Embora não se trate de um cargo remunerado, o diaconato ocupa um papel importantíssimo na estrutura das igrejas batistas. Trata-se de um cargo de confiança, distribuído a indivíduos selecionados, que se tornam o braço direito do pastorado.

Se internamente os batistas se organizam pelo sistema presidencialista, com a presença do moderador e estruturado em departamentos e cargos, externamente as comunidades batistas coexistem de forma autônoma entre si, porém ligadas a convenções estaduais, que por sua vez se ligam a convenções nacionais. A estrutura eclesiástica batista é descentralizada, cada comunidade é autônoma e se relaciona por “laços de cooperação” entre si e em relação às convenções. Não há um líder nacional que centralize os rumos batistas, ao invés disto, há convenções. De acordo com Azevedo (1996, pp.195-196), na estrutura eclesiástica batista o órgão máximo é a Assembléia anual da Convenção, onde comparecem pastores e membros das comunidades para deliberação. Nestas são discutidas

¹³ Informação obtida em :

http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=20. Acesso: 30.09.2009.

¹⁴ Em alguns casos e mais recentemente, uma vez que, para os batistas, a dança ainda é objeto de discussão.

e votadas às questões batistas nacionais, um modelo que se repete no plano estadual e até mesmo regional. Para Teixeira (p.147), a Convenção é um órgão que reúne as igrejas e líderes batistas para estruturação do trabalho conjunto, sistemático e cooperativo. Ela assume o papel de órgão coordenador do pensamento e dos projetos das igrejas participantes. Embora o princípio de democracia e autonomia da igreja local exista entre os batistas, a convenção é um órgão diretivo das igrejas.

Atualmente, existem algumas convenções batistas atuando no Brasil, cada uma guardando aspectos doutrinários diferentes. A mais antiga, mais representativa e que possui maior número de igrejas agregadas é a Convenção Batista Brasileira. A segunda maior, a Convenção Batista Nacional surge como anteriormente abordado, pela controvérsia formada pela inserção de doutrinas pentecostais na denominação e pelos desligamentos de igrejas batistas por parte da CBB. A Convenção Batista Brasileira teve em todo o tempo de história da denominação uma importante atuação na direção e defesa da doutrina tradicional Batista. Foi organizada ainda em 1909 com o nome de União Batista da Bahia e posteriormente passou a se chamar Convenção Batista Brasileira. Desde o seu início foi um órgão criado para defender os interesses da Denominação e agregar em torno de si o maior número de congregações, buscando a cooperação mútua e unidade dos trabalhos do grupo no Brasil favorecendo seu crescimento.

As outras convenções se comparadas a CBB e a CBN, são menos expressivas e algumas também recebem influências pentecostais. Apontando algumas destas convenções, Pereira (2007,p. 52) fala:

“ Entre elas figuram a Associação das Igrejas Batistas Regulares, defensoras da antiga liturgia batista, sendo zelosas também no rigor das vestes e modas femininas e menos simpáticas ao emprego de guitarras e baterias nos cultos, além de certas discordâncias escatológicas com os tradicionais (CBB) e renovados (CBN); a Comunhão Batista Bíblica, uma outra convenção, cujo perfil se aproxima dos regulares, se diferenciando apenas em alguns aspectos doutrinários; e a Convenção Batista Independente, a única de inspiração européia entre as missões batistas em solo brasileiro, de característica pentecostal”.

Baseado num documento intitulado “A Filosofia da Convenção Batista Brasileira” e segundo o próprio discurso do grupo, a CBB seria:

“ Uma entidade religiosa, sem fins lucrativos, composta de igrejas batistas que decidem voluntariamente se unir para viverem juntas a mesma fé, promoverem o reino de Deus e assumirem o compromisso de fidelidade doutrinária, cooperação e empenho na execução dos programas convencionais. ... existe em função do propósito que o Senhor Jesus deu à sua igreja. Ela não

substitui a igreja local, mas aglutina recursos, analisa e sugere métodos, planos, e proporciona às igrejas condições melhores para o cumprimento de suas funções. ... representa, de forma adequada nos dias atuais, a solução dos batistas para a realização de suas aspirações comunitárias e o tratamento das questões de seu interesse, segundo a mesma linha de ensinamentos e exemplos bíblicos, buscando, assim, manter-se fiel ao propósito de Deus de salvar o mundo e de adquirir para si um povo peculiar”.¹⁵

Ligada à Convenção nacional, a Convenção Batista Baiana foi uma das primeiras a ser fundada ainda em 1909 e possui até o momento em que foi feita a consulta, 511 templos batistas por todo estado da Bahia.¹⁶ A relação entre os batistas e a Convenção Brasileira e as suas respectivas sucursais estaduais, se dá de forma autônoma e descentralizada. Procuram os batistas sempre destacar a democracia de sua organização e a filosofia de cooperação voluntária, ficando cada igreja autônoma na administração, decisões e condução de seus trabalhos. Na prática, porém, sempre que alguma delas contrariar os princípios batistas, será advertida e pode até mesmo sofrer expulsão como anteriormente já visto.

A Convenção Batista Baiana também mantém em Jaguaquara o Colégio Taylor-Egídio, e em Feira de Santana e Salvador o Seminário Teológico Batista do Nordeste, o que demonstra uma preocupação do grupo com a formação pastoral, além de possuírem a preocupação em atuar com assistência social. Possuem creches, escolas, consultórios médicos e centros comunitários, oferecem assessoria jurídica, atendimento psicológico e outros serviços sociais. Os batistas procuram atuar de forma intensa junto à sociedade circundante, tendo uma hábil estratégia de oferecimento destes serviços como forma de atrair demandas e paralelo a estes, o oferecimento da assistência “espiritual”, o que lhes garante visibilidade e oportunidade de evangelismo. Este caráter proselitista e estratégico dos batistas têm lhes assegurado ao longo dos anos um crescimento vertiginoso entre as denominações evangélicas presentes no país.

Não podemos deixar de citar alguns documentos que regem os batistas, como por exemplo, o “Pacto das Igrejas Batistas”, a “Declaração Doutrinária” e os estatutos internos das comunidades. O Pacto das Igrejas contém princípios que devem reger as igrejas batistas

¹⁵ Trecho da Filosofia da Convenção Batista Brasileira, disponível em <<http://www.batistas.org.br>> acessado em 26/01/2008.

¹⁶ Dados da convenção Brasileira disponível em <<http://www.batistas.org.br>> acessado em 26/01/2008.

como comprometimento com as doutrinas batistas, os princípios cristãos, fidelidade, disciplina, ética. A Declaração caracteriza os batistas, *“pela intensa e ativa cooperação entre suas igrejas, para voluntariamente contribuírem para a obra de missões a qual se consideram pioneiros entre os evangélicos nos tempos modernos”*.¹⁷ O estatuto da igreja não só contém normas de regimento interno das igrejas, como também é um documento necessário já que as igrejas evangélicas são instituições registradas pela Junta Comercial dos seus estados. Ele especifica as funções e a hierarquia destas dentro da comunidade, as eleições da diretoria e a organização dos processos administrativos.

Após o exposto, concluímos, conforme Serra (2005), que o modelo eclesiástico adotado pelos batistas lhe confere uma hierarquia de baixa complexidade, tanto no plano interno como no externo. Mesmo que o pastor se encontre no topo hierárquico do grupo, tem os poderes limitados pela Assembléia e apesar de se ligarem a convenções nacionais/estaduais/regionais, estas não hierarquizam o modelo da denominação. Este modelo torna as igrejas batistas burocráticas e funcionais em relação a outras entidades, além de descentralizar o poder.

A Primeira Igreja Batista de Pernambués

A PIBAPE foi organizada no dia 21 de abril de 1969, data em que alcançou sua independência ministerial¹⁸. Antes desta data, era uma congregação, fundada a partir do trabalho evangelístico da Igreja Batista Sião, localizada no bairro do Campo Grande em Salvador e que à época, tinha a frente dos seus trabalhos o pastor Valdívio Coelho. Vale ressaltar, que a igreja Sião e o pastor Valdívio foram bastante atuantes no tocante à evangelização entre os soteropolitanos e à fundação de comunidades batistas em Salvador. Segundo a historiadora Bianca Almeida¹⁹, que estudou a comunidade, a Igreja Batista Sião desempenhou nas décadas de 1960/1970, um papel relevante na sociedade soteropolitana, exercendo atividades assistencialistas, a exemplo do Hospital Evangélico, de escolas para alfabetização de adultos e da Casa de amparo Alzira Coelho Brito, além das atividades

¹⁷ Extraído da Declaração Doutrinária da CBB, disponível em <<http://www.batistas.org.br>> acessado em 26/01/2008.

¹⁸ Segundo consta na ata de organização da PIBAPE, livro 1, p. 1.

¹⁹ ALMEIDA, Bianca D'aebs Seixas. **Uma História das Mulheres Batistas Soteropolitanas**. Dissertação Mestrado em História. UFBA, 2006. Pp. 44-48.

evangelísticas no meio circundante. Foi organizada em 17 de abril de 1936 , pelo casal de missionários Maxcy Greco White , sua esposa Kate Mcox White e um grupo de 25 pessoas oriundas de várias comunidades batistas. Em 1949, após algumas mudanças, passou a funcionar no bairro do Campo Grande, abrigando uma elite sócio-econômica , em sua maioria mulheres de classe média. O pastor Valdívio Coelho sucedeu Maxcy Greco White e dirigiu a comunidade por 25 anos, partindo para trabalhos evangelísticos nos bairros, com a fundação de congregações, que posteriormente tornar-se-iam igrejas autônomas, como foi o caso da comunidade batista de Pernambués.

Fruto da ação evangelística de membros da Igreja Batista Sião realizada no bairro, o núcleo missionário que se transformou na PIBAPE, foi um dos primeiros a se instalar e evangelizar em Pernambués, que nesta época, não contava com a urbanização , população e quantidade de comunidades evangélicas que possui atualmente. Uma membra fundadora ainda viva ²⁰, nos relatou que ainda como congregação, a comunidade soube agir no bairro conforme o espírito proselitista dos batistas, colocando em práticas várias estratégias de evangelismo e inserção no bairro. Neste período, procuravam fazer o proselitismo direto indo de casa em casa, descendo e subindo ladeiras, promovendo cultos nas casas de quem aceitava, que serviam de doutrinação do simpatizante e cooptação de novos membros. Promoviam também o que chamavam de “conferências”, eventos de dois ou mais dias, em que pastores de outras comunidades eram chamados para pregar e atrair membreza. As estratégias empreendidas resultaram na converção de alguns moradores do bairro, em sua maioria mulheres donas de casa e que levavam os seus filhos menores para a igreja. ²¹

Sobre Pernambués entre os anos de 1960 e 1970, nossa informante o descreveu como um bairro ainda em desenvolvimento, que não possuía nem mesmo saneamento básico. *“Tinha algumas casas , todas afastadas, não tinha energia, não tinha água, a água era através de chafariz, só tinha uma linha de ônibus para a Barroquinha, era uma dificuldade ir para a Igreja Batista Sião”*. ²² Nestas condições não contava também com muitas agências religiosas e de acordo com a informante, estavam presentes no bairro apenas uma igreja Assembléia de Deus, uma Adventista e uma Testemunha de Jeová . O

²⁰ Entrevista realizada com a senhora Valneci Andrade Santana, 74 anos , membra fundadora e que foi durante 8 anos tesoureira da comunidade, no dia 14 de março de 2008.

²¹ Informado pela senhora Valneci Andrade Santana, 74 anos , membra fundadora e que foi durante 8 anos tesoureira da comunidade , em entrevista realizada no dia 14 de março de 2008.

²² Idem.

desenvolvimento e evangelismo da PIBAPE acompanhou o próprio desenvolvimento e povoamento do bairro, sendo que, desde os primeiros anos de trabalho proselitista a comunidade se tornou uma das principais e mais freqüentadas igrejas evangélicas presente no bairro. A congregação que deu origem a PIBAPE, funcionou “ *numa casinha de supapo como chamam , porque o bairro era muito atrasado e não tinha casa de construção era mais casas de barro* ” .²³

No início dos trabalhos da congregação, esteve à frente por algum tempo, uma missionária de nome Elzita, membra da Igreja Sião, que foi deslocada para outro trabalho evangelístico e no seu lugar assumiu um pastor de nome Mauro, após a organização da PIBAPE como igreja, como nos relatou nossa informante. Este fato ilustra as severas limitações quanto ao trabalho feminino na direção das comunidades existente entre os batistas das décadas em questão, mas com permanências ainda na atualidade. As mulheres batistas, ainda que se encarregassem dos esforços de evangelização nos bairros e organização de igrejas, não podiam assumir tais congregações e igrejas. O tema do sacerdócio feminino sempre foi e ainda é controverso entre os batistas, apesar da presença maciça de mulheres nos púlpitos e à frente de trabalhos eclesiásticos diversos.

Considerando que já havia membros e condições suficientes para a independência da congregação, a “igreja mãe” Sião, providenciou um culto para celebrar tal fato. Na ocasião, o redator da ata de organização da igreja relatou que:

“O pastor Valdívio em breves palavras delineou a trajetória histórica daquela congregação que foi fundada por bravos jovens da mocidade da Igreja Batista Sião , boa situação material e financeira e concluiu que o tempo era em tudo favorável para aquela efemeridade”.²⁴

A nova igreja contava com 59 membros entre homens e mulheres, alguns vindos da Igreja Batista Sião, de outras igrejas não especificadas na atas e do próprio bairro em decorrência do trabalho proselitista. A partir desta data, passou a se estruturar nos moldes batistas tradicionais adotando o modelo de gestão do tipo presidencialista, em que o pastor passa a ser o presidente do ministério e a realizar as assembléias mensais regulares. Assumiu como primeiro pastor, o senhor Mauro Galdino da Silva. Do primeiro pastor aos dias atuais, passaram cinco pastores pela direção da comunidade. O sustento da igreja

²³ Idem.

²⁴ Segundo consta na ata de organização da PIBAPE , livro 1, p. 1.

passou a depender dos dízimos e ofertas da membrezia, e a julgar pelas primeiras atas do livro nº 1, a comunidade não teve muita dificuldade para se manter.

Para traçar a composição social da comunidade, utilizamos como critério de definição a própria localização no bairro de Pernambués, daquele tempo e dos tempos atuais, uma vez que não encontramos na comunidade, livros ou fichas de registro de membros, somente pedidos de entrada, de uma membrezia em sua maioria de mulheres domésticas ou donas de casa como já falamos. O bairro de Pernambués em Salvador é atualmente, um dos mais populosos da capital baiana, e segundo estatísticas, nele vivem pouco mais de cem mil habitantes. É um bairro que agrega uma “área nobre” com grandes casas e conjuntos habitacionais, mas possui na maior parte da sua extensão, áreas muito pobres, possuindo também um terreno bem acidentado com muitas baixadas. Habitado por uma população de baixa renda, composto basicamente de moradias populares e de pequenos comércios. Localiza-se próximo aos bairros da Saramandaia, Cabula e tem ligações para avenidas importantes da cidade tais como: Paralela e a Avenida Rótula do Abacaxi. Para quem passa na Avenida Luís Eduardo Magalhães é possível ver numa parte do trecho o relevo e tipo de construções predominantes no bairro. Seus limites são o bairro do Cabula ao norte, a Avenida Paralela ao sul, ao leste a Avenida Luís Eduardo Magalhães e a área federal do 19º Batalhão de Comando, e ao oeste o bairro de Saramandaia. Por possuir uma densa aglomeração humana, o bairro enfrenta muitos problemas de estrutura e como a maioria dos bairros populares que compõem as cidades contemporâneas, enfrenta problemas como a violência, ação de bandidos, uso e tráfico de drogas. Constantemente aparece na mídia televisiva e escrita, por conta dos tiroteios e mortes que eventualmente ocorrem em sua extensão.²⁵

Logo nos primeiros anos de organização da nova igreja, começou o processo de construção de um novo templo. Segundo nossa informante²⁶, foi preciso tomar um empréstimo junto a uma financeira para compra de um terreno que fica na frente da casa onde funcionava a igreja e iniciar a construção, que se seguiu por anos à frente e contou também com os dízimos e ofertas de uma membrezia em franco crescimento. Na década de

²⁵ Algumas informações foram obtidas em : http://pt.wikipedia.org/wiki/Pernambu%C3%A9s_%28Salvador%29 . Acesso em 15/02/2008.

²⁶ Senhora Valneci Andrade Santana, 74 anos, membra fundadora e que foi durante 8 anos tesoureira da comunidade, em entrevista realizada no dia 14 de março de 2008.

1990, foi comprado um terreno ao lado do templo e anexado a antiga construção, além da construção de mais dois andares em cima do santuário para abrigar a parte administrativa da igreja. O prédio da comunidade foi concluído no ano de 1998, mas em 2002 passou por uma reforma, a fim de conseguir ampliar ainda mais a parte interna do santuário, pois a comunidade não parava de crescer.²⁷ Da “casinha de supapo”, a igreja cresceu e seu prédio atual ocupa uma área de 425 m², com quatro pavimentos: o santuário no térreo com capacidade para 450 pessoas, dois andares acima para abrigar os departamentos e uma cobertura reservada a eventos da comunidade. O atual pastor presidente é o senhor Francisco Davi que assumiu o posto no ano de 1982. No próximo capítulo discutiremos a Visão Celular e como ela alterou a tradicional estrutura e organização dos batistas.

²⁷ Informações fornecidas pelo pastor Francisco Davi, 48 anos, em entrevista concedida no dia 29 de fevereiro de 2008.

CAPÍTULO 2

A VISÃO CELULAR NO GOVERNO DOS 12

Neste capítulo, abordaremos como e em qual contexto surgiu a Visão, suas propostas e representações, como se inseriu no país, na Bahia e nas comunidades pesquisadas. Surgida no final do século XX, a Visão abriga em si muitas das idéias presentes num mundo em transformação, difundidas entre os protestantes na contemporaneidade.

Protestantismo e mudança social: os novos modelos de igrejas no final do século XX

O protestantismo missionário que se instalou no Brasil do século XIX trazia como bagagem ideológica uma herança puritana, a concepção de destino manifesto e de superioridade. Estas crenças condicionaram a forma como interpretavam a realidade, delineando os comportamentos e ações destes religiosos na nação brasileira. O Brasil era visto como num estágio inferior de desenvolvimento, o que para eles, legitimava uma missão libertadora da população local da ignorância e do subdesenvolvimento. Para Silva (1998), agiam como verdadeiros “cidadãos de outra pátria” pois, embora estabelecidos no país, pregavam a doutrina e os valores culturais de seus países de origem, rejeitando e entrando em choque com a sociedade e a cultura local tão impregnada pelo catolicismo e pelas influências indígenas, negras e euro-ibéricas. Mas outras características também fizeram parte do cotidiano destes grupos no país, como o anticatolicismo.

Conforme Mendonça (1984), quando chegaram ao Brasil, os missionários protestantes norte-americanos encontraram um cenário diferente daquele vivido em seu país: um catolicismo hegemônico, estabelecido desde a colonização e impregnado na sociedade e na cultura local. Acreditavam que o catolicismo havia se afastado do evangelho, tornando-se uma religião idólatra, pagã, carregada de fanatismo, sendo considerada uma das grandes responsáveis pela situação de subdesenvolvimento e de “cegueira” espiritual em que se encontrava o Brasil. A intenção de ruptura com os valores locais e a negação da religiosidade predominante, marcava o relacionamento com a sociedade local.

O comportamento sectário²⁸ formou uma identidade protestante, mas acabou por piorar a relação com a sociedade circundante. Ao exigir que seus fiéis tivessem um comportamento diferenciado das normas e condutas vigentes afastavam possíveis adeptos a nova fé. O sectarismo dificultava um crescimento mais expressivo, gerava a rejeição da sociedade frente a esta nova proposta religiosa e suas regras , tornando a cultura protestante antipopular como salienta Cunha (2007, p. 41) . A relação crítica entre igreja e sociedade determinou também um afastamento das igrejas evangélicas dos movimentos sociais, tornando quase nula a presença protestante na política, na vida comunitária e cultural do país. Preservava-se uma forte concepção do não envolvimento com a esfera política , considerada mundana, que afastava os fiéis de dimensão espiritual em que deviam viver.

A estratégia de crescimento era o proselitismo direto que objetivava a implantação de novas comunidades, para propagação da nova fé. A educação também era vista como uma estratégia , pois acreditavam que com métodos pedagógicos modernos , um discurso que enfatizava a modernização e democratização do país , promoveriam a transformação da realidade e da cultura local que tanto negavam. No entanto, conforme Cunha (2007, p. 41), a elite que teve acesso a esta educação se mostrou desinteressada na religião. A evangelização encontrou então, maior aceitação entre as massas pobres, algo que aconteceu não por estratégia missionária evangélica, mas por força da estrutura e da ideologia da sociedade brasileira do século XIX, pelo menos até a década de 1940. Para Bittencourt Filho (2003,p. 88), essa rejeição aos elementos formadores do que o autor chamou de Matriz Religiosa Brasileira, dificultou uma maior adesão ao protestantismo tradicional, posto que se tornou incapaz de atingir as camadas mais profundas da subjetividade dos brasileiros e permaneceu como uma proposta importada e postiça que serviu para propósitos políticos momentâneos ou conjunturais.

Em contrapartida, o protestantismo surgido nos últimos trinta anos do século XX trouxe à tona elementos praticamente opostos aos vistos anteriormente. Os acontecimentos de fim de século provocaram mudanças radicais na configuração mundial, representadas principalmente pelo avanço do capitalismo globalizado e das tecnologias da informação e das telecomunicações. Como não poderia deixar de ser, o protestantismo não escapou a

²⁸ De afastar-se, separar-se.

estas transformações econômicas, políticas e sócio-culturais que perpassaram toda a sociedade, ela as acompanhou, tentando ajustar-se, adaptar-se às novas circunstâncias e demandas. Surgiram novos grupos, novas propostas teológicas e um novo modo de “ser evangélico”, dando início a mudanças até então nunca vistas.

Diferente dos primeiros protestantes no Brasil, as igrejas evangélicas dos tempos atuais buscam mais a inserção. A inserção no sistema econômico, na política e na cultura brasileira. Desta última, até os aspectos que considerem mundanos ou impraticáveis podem ser ressignificados e adaptados ao uso dos eleitos. Os evangélicos contemporâneos ainda contam com a predominância católica na população brasileira, mas esta não constitui mais uma ameaça. Ao contrário da postura sectária e distante em que viviam seus antepassados, os protestantes destes novos tempos adotaram uma postura de flexibilização dos tradicionais usos e costumes. Tornaram-se mais agressivos e incisivos na adoção de estratégias de crescimento e participação na sociedade, inserindo-se mais na cultura nacional, aproximando-se e identificando-se mais com a sociedade circundante. Para Campos (2004, p. 124), isto evidencia o quanto o protestantismo dos últimos anos deixou de exercer um papel contra-mundano ou contra-cultura, com o fim de se obter maiores rendimentos de uma participação mais concreta no mundo da política, da educação e da comunicação social. Estes são os chamados neopentecostais, uma nova geração de igrejas e crentes, “anteados” com seu tempo.

O neopentecostalismo tornou-se evidente no final dos anos 1970 com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus, pelo ex-umbandista Edir Macedo em 1977. Saído da Igreja Nova Vida e até então funcionário da Casa de Loterias do Rio de Janeiro, Macedo resolveu iniciar sua própria igreja, contando inicialmente com a participação do seu cunhado Romildo R. Soares. Algum tempo depois, por divergências entre os dois, Soares resolveu sair e iniciar seu próprio empreendimento fundando a Igreja Internacional da Graça em 1980. A fundação destas duas novas igrejas marcou um momento novo na história do protestantismo brasileiro, reelaborando o discurso e as práticas pentecostais. As novas práticas e representações se baseiam na chamada Teologia da Prosperidade, na exacerbação da guerra espiritual, na flexibilização dos tradicionais usos e costumes dos crentes, na organização e gestão eclesial com forte traço empresarial e no uso maciço dos meios de comunicação para alavancar seus projetos religiosos.

Para Jardimino, o neopentecostalismo reelaborou a estrutura discursiva fundamentalista da qual são herdeiros, já que:

“O que se observa é que nessa reconstrução do discurso, o universo religioso buscou, dentre os vários meios que a Teologia oferece, delimitar o que dizer e o que não dizer; isto é, diante das várias possibilidades dadas por determinada conjuntura histórica o neopentecostalismo retoma o seu discurso fundante para reformulá-lo e adequá-lo às exigências de novos tempos, utilizando-se de estratégias discursivas para explicitar e atualizar o que deseja e rejeitar o indesejável” (2001, p. 25).

Os novos discursos, práticas e representações surgidos com a fundação destas novas igrejas influenciaram o meio evangélico, provocando mudanças também nos velhos grupos. Para Bastian (2000), nos últimos anos surgiram mais do que novos protestantismos, mas uma “nebulosa de heterodoxias” pentecostais, sincretismos, novos movimentos e uma tendência das igrejas históricas de se “neopentecostalizarem” em busca de técnicas de crescimento exponencial, ocasionando uma explosão nunca antes vista na história religiosa da América Latina. Os novos grupos e seus líderes detêm os meios suficientes para resistir ao tempo e fazer durar seus projetos de autonomia religiosa, como o exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus. Em poucos anos de atividade, conseguiu uma grande expansão, disseminando-se por vários países da América Latina, Brasil, Estados Unidos, África, Ásia, alguns países europeus e acumulando um espantoso patrimônio e número de fiéis. Nas décadas seguintes surgiu uma nova geração de igrejas não mais resultado de empreendimentos proselitistas vindos do exterior, como outrora, mas resultado do diálogo com o contexto nacional, fazendo emergir lideranças nacionais que se popularizaram pelo uso do forte apelo do discurso e dos recursos midiáticos.

Esta nova geração de igrejas foca no crescimento de membresia e de patrimônio. Neste intuito, conforme França (2007, p.68), as formas de governo das igrejas ganharam novos contornos e fizeram surgir novos modelos de gestão eclesiástica. A adoção destes novos modelos, por algumas igrejas, proporcionou um rápido crescimento quantitativo do número de fiéis, demandando maior atenção por parte da administração eclesiástica, no que diz respeito a função de administrador exercida pelo pastor. Estes novos modelos apresentam traços de uma racionalidade técnico-instrumental e adoção de planejamento estratégico nas suas relações sociais. A adoção de um novo modelo influencia as práticas de administração eclesiástica e os sistemas de controle podem se tornar mais ou menos sofisticados. Em geral, a adaptação destas igrejas segue a lógica e racionalidade do

mercado, passando pelo processo de “empresarização”²⁹ do mundo experimentado nos últimos anos.

Para Rega (2007), a explosão destes novos modelos no Brasil, ocorreu entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando chegou e se espalhou rapidamente pelo país uma forte “onda” de modelos de igrejas, adotados com “fervor” por muitas denominações. Métodos e modelos geralmente importados dos Estados Unidos, mas devidamente adaptados ao contexto nacional, que se firmaram entre muitos líderes religiosos como a alternativa do século para seus problemas de funcionamento e de crescimento eclesiástico. No quadro abaixo, adaptado de Rega (2007)³⁰, veremos esquematizados alguns destes modelos que chegaram ao Brasil:

Modelo	“Rede Ministerial”	“Igreja em Células”	“Igreja com Propósitos”	“Desenvolvimento Natural”
Origem	Willow Creek Community Church- EUA	John Wesley, pioneiro no evangelismo em grupos pequenos no final do século XVIII. Divulgadores: Ralph W. e Neighbour Jr.	Igreja Batista de Saddleback no sul da Califórnia Idealizador: Rick Warren	Conjunto de orientações para o crescimento de igrejas, desenvolvido através de pesquisas do alemão Christian Schwarz ³¹ , do Instituto para o Desenvolvimento Natural da Igreja
Resultados	Os quatro cultos dos fins de semana reúnem aproximadamente 23.000 pessoas	Wesley desenvolveu mais de 10.000 células(classes)	Começou em 1980 com Warren e família em sua casa, atualmente os cultos de final de semana reúnem 20.000 pessoas	Ele pesquisou cerca de 1.000 líderes de igrejas em 32 países e 5 continentes, buscando entender os fatores que levam as igrejas a crescerem ou não.
Exemplo brasileiro	Igreja Batista Central em Fortaleza	Primeira Igreja Batista do Ibes, Vila Velha -ES	Primeira Igreja Batista de São José dos Campos	Diversas comunidades adotaram este conjunto de orientações para o crescimento eclesiástico.

O modelo de “redes ministeriais” foi criado pelos líderes norte-americanos Bruce L. Bugbee, fundador e presidente da Network Ministries International (California, USA) e

²⁹ Discutiremos melhor esta teoria nos capítulo 3.

³⁰ Quadro: Novos modelos de igrejas IN: REGA, Lourenço Stelio. **Modelos e Alternativas de Igrejas e Ministérios**. Disponível em:

http://www.etica.pro.br/jeitinho/files/ModelosIgreja_EncontroExecutivos2004P.pdf

Acesso: 05/01/2009

³¹ Schwarz, Christian A. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**: guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Curitiba, Esperança, 2003.

Bill Hybels, pastor e fundador da Willow Creek Community Church (South Barrington, Chicago, Illinois, USA). A Willow Creek Community Church de Bill Hybels é apontada como a segunda maior igreja evangélica na América do Norte e como um referencial de modelo de crescimento de comunidades. Para Bill Hybels, a idéia do novo modelo surgiu após pesquisar sua vizinhança em um bairro do subúrbio de Chicago. Ele notou que as pessoas não freqüentavam igreja alguma por que se sentiam mal com a mensagem muito "negativa" que ouviam, sempre enfatizando o pecado, o que causava pra elas um sentimento de culpa. Hybels então, reformulou o discurso e a forma de realização dos cultos, flexibilizou alguns regras, como por exemplo a questão das vestimentas, colocou músicas mais "atuais" , como o "rock cristão" , conseguindo atrair sua vizinhança e aumentando sua membresia em poucos anos. Este modelo foca no treinamento e evangelização pessoal. Objetiva tornar pessoas comuns em "crentes frutíferos". Ao adotar o modelo, a estrutura da igreja deve se tornar flexível para alterar os ministérios, a forma de treinamento e o quadro de líderes. De acordo com o modelo, cada crente foi criado por Deus para desempenhar uma função singular na comunidade (a questão dos dons). Sendo então, busca-se "trabalhar" os dons e os ministérios da igreja para maximizar seus resultados, o que eles chamam de colocar as "pessoas certas" nos "lugares certos", pelas "razões certas".³²

A "igreja com propósitos" foi idealizada por Rick Warren, líder da Igreja Batista de Saddleback no sul da Califórnia. O modelo enxerga a igreja como um organismo vivo, que só não cresce se estiver doente. A "chave" para a igreja do século XXI é cuidar da sua "saúde espiritual", o que levaria ao crescimento. O foco está no discipulado e no estabelecimento de propósitos para a igreja. Esta se compromete a cumprir os cinco "propósitos" para as igrejas do modelo : reunir, edificar, adorar, ministrar e evangelizar. Conseguindo focar nestes propósitos a igreja irá crescer de forma "sadia". Para implantação é necessário replanejar a estrutura e os objetivos da igreja, adaptando-os aos propósitos e metas do modelo. O modelo vê o crente como um discípulo que deve fazer outros discípulos, seguindo os propósitos adotados pela comunidade.³³

³² Fontes: HYBELS, Bill. BUGBEE, Bruce . **Rede Ministerial** . São Paulo: Editora Vida,1996. REGA, Lourenço Stelio. **Modelos e Alternativas de Igrejas e Ministérios**. Disponível em: http://www.etica.pro.br/jeitinho/files/ModelosIgreja_EncontroExecutivos2004P.pdf. Acesso: 05/01/2009

³³ Fontes: Rick Warren. **Uma igreja com propósitos**. São Paulo: Editora Vida, 1998. REGA (2007) Op. Cit.

O método de Desenvolvimento Natural da Igreja foi idealizado após pesquisas realizadas pelo pastor alemão Christian Schwarz. Em sua pesquisa, Schwarz identificou quais são as oito “marcas de qualidade” das igrejas que crescem: liderança capacitadora, ministérios orientados pelos dons, espiritualidade contagiante, estruturas funcionais, culto inspirador, grupos familiares, evangelização orientada para as necessidades e relacionamentos marcados pelo amor fraternal. O método foca no discipulado e no crescimento através do diagnóstico dos processos funcionais da estrutura da igreja. A igreja é vista como um organismo vivo que deve se desenvolver naturalmente se os processos “naturais” de seu crescimento estiverem “liberados”. Este método parte da estrutura atual da igreja em questão. É realizado uma espécie de diagnóstico desta estrutura, através de um material em forma de questionário, identificando quais são os possíveis problemas existentes na comunidade que impedem seu crescimento ou “desenvolvimento natural”. A partir disto, é realizada uma “assessoria”, orientando quais medidas devem ser tomadas para alavancar o crescimento da igreja. Se a igreja conseguir atingir tais metas ou marcas de qualidade, seu potencial de crescimento é então “liberado”.³⁴

As “Igrejas em células” objetivam o crescimento da igreja através da multiplicação das células. Para se transformar numa igreja em células, a comunidade deve passar pelo processo de transição ou de celularização, como chamam. Este é o processo que irá mudar uma igreja convencional para uma igreja em células, e isto pode, dependendo de alguns fatores, levar de um a cinco anos para se completar. Essa transição se dá pela “conscientização” das lideranças e da membresia, pelo treinamento dos líderes e adaptação à estrutura de células. Todo o processo provoca uma mudança radical na estrutura da igreja. Cada crente é visto como um líder em potencial e as casas como células ou extensões da igreja, sendo então, a máxima é transformar “cada casa em uma igreja e cada crente um líder”.³⁵

Conforme Rega (2007), todas estas alternativas surgidas nos últimos anos oferecem um conceito de “igrejas-modelos” a serem “vendidos” como exemplos de ministérios eficientes. Uma primeira observação que fazemos é que há muitas semelhanças entre os

³⁴ Fontes: Schwarz, Christian A. **O Desenvolvimento Natural da Igreja: guia prático para cristãos e igrejas** que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Curitiba, Esperança, 2003. REGA (2007) Op. Cit.

³⁵ REGA (2007) Op. Cit.

modelos, talvez em virtude do período quase que simultâneo em que surgiram, permitindo um reaproveitamento de idéias. Apesar das semelhanças, cada modelo foca num aspecto, através do qual se espera que venha o crescimento numérico. Quase todos os modelos pressupõem uma alteração radical da estrutura eclesiástica das igrejas: dos departamentos aos processos funcionais. Todos os modelos vêem as pessoas como mão-de-obra para alavancar o crescimento numérico e qualitativo da suas estruturas eclesiásticas. Os “dons” e os ministérios são vistos como ferramentas que fazem a máquina eclesiástica funcionar. Rega (2007) argumenta que nenhum dos modelos contempla a cooperatividade entre as igrejas locais, pois a adoção de um mesmo modelo tende a reunir cada vez mais comunidades de diferentes denominações em torno das estratégias implantadas e não de convenções, como fazem os batistas por exemplo. Podemos afirmar então, que se nos últimos anos tornaram-se comuns encontros, congressos e seminários realizados pelos diferentes modelos aqui abordados, agregando as comunidades participantes, isto indica uma tendência crescente à individualização destas comunidades ou sua identificação e agrupamento a partir do modelo adotado e não mais pela filiação denominacional, doutrinária e das convenções, representando uma característica nova no protestantismo contemporâneo.

O fenômeno das igrejas em células e a criação da Visão no G12

Os cultos realizados em núcleos familiares são uma prática comum entre os evangélicos e remontam ao texto Bíblico do Novo Testamento, que relata as primeiras comunidades do cristianismo primitivo se reunindo em suas casas, compartilhando a nova fé, como também suas posses, pelas razões históricas da perseguição empreendida contra eles e, pela falta de templos. Estes primeiros cristãos só deixaram de ser estigmatizados e passaram a contar com templos para realização dos seus cultos, após a oficialização do cristianismo pelo Império Romano no século IV. Com a inserção do protestantismo no Brasil no século XIX, como visto anteriormente, insere-se também, a prática protestante dos cultos nos lares ou cultos domésticos. Com um discurso de “retorno” às bases do cristianismo primitivo, mais especificamente, o desta prática dos cultos nos lares, surgiram nos últimos anos do século XX, modelos de organização e crescimento de igrejas com

ênfase nos cultos domésticos, transformados porém, num novo conceito, como o de células, uma estratégia sistemática maior de crescimento.

O modelo de igrejas em células tornou-se muito comum em fins do século XX. No material examinado na pesquisa, obtivemos informações que denominações como: Batistas, Assembléia de Deus, Metodistas, Presbiterianos, entre outros ministérios independentes, e países como; EUA, Turquia, China, Rússia, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Coréia, Grécia, Canadá, Espanha, Argentina, Peru, Paraguai, México, Porto Rico, Venezuela, Panamá, Costa Rica, já adotaram este modelo³⁶. No Brasil, encontramos informações de que desde o início da década de 1980, já havia igrejas utilizando o sistema de células.³⁷

Dos países que adotaram o sistema de células, o caso da Coréia do Sul tem sido apontado como o exemplo de maior de sucesso, mais precisamente o exemplo da Igreja Central do Evangelho Pleno em Seul, Coréia, fundada e liderada pelo pastor David Paul Yonggi Cho. Os evangélicos representam algo em torno da metade da população deste país, de cerca de 47.470.969 habitantes³⁸, sendo um quarto deles pentecostais.³⁹ Discutindo o protestantismo e o uso da mídia transnacional⁴⁰, Carvalho (1998, p. 97), afirma que o panorama religioso da Coréia se alterou, nas últimas décadas, de um budismo tradicional, existente a cerca de mil anos, para um país nitidamente protestante, como consequência direta da influência audiovisual anglo-saxã (norte-americana e britânica), através de organizações de rádio e televisão evangélicas transnacionais.

A Igreja Central do Evangelho Pleno, em Seul Coréia, liderada pelo pastor David Paul Yonggi Cho, foi inaugurada em maio de 1958, inicialmente numa tenda. Passou a utilizar o sistema de células desde 1964, com um sistema de administração destes grupos familiares chamado de G-5. No ano em que adotaram o sistema, contavam com 2.400 membros, em 1993 chegaram a ter cerca de 700 mil membros e 51.000 líderes⁴¹. Exemplos como este, contribuiram para a transformação deste cenário religioso sul-

³⁶ CASTELLANOS, César. **Liderança de Sucesso Através do 12**. Tradução de Valnice Milhomens. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 2000.p 397.

³⁷ Revista Videira: A Revista da Igreja em Células. Ano II, nº 8, agosto de 2000. p. 25

³⁸ Fonte: http://www.indexmundi.com/pt/fatos/2000/coreia_do_sul/populacao.html. Acesso em: 30.09.2009. Dados de 2000.

³⁹ “Evangélicos pelo mundo” IN: Veja on-line, disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/em_resumo.html. Acesso: 06/04/2009.

⁴⁰ Que chega a diversos países.

⁴¹ Disponível em: <http://www.visaog12.com.br>. Acesso em 27/10/2003.

coreano. Encontramos num site ⁴² ligado a Visão, dados que demonstram o quanto a igreja sul-coreana tem influenciado seu campo religioso, pois:

“Nesse país muitas Igrejas de diversas denominações também têm adotado o movimento de Igreja em Células, o que tem elevado o número de evangélicos na capital Seul a quase 50% dos habitantes e na Coréia a mais de 40%. Hoje, as duas maiores Igrejas Presbiterianas do mundo, juntamente com a maior Congregação Metodista do mundo, são Igrejas em Células em Seul, além de outra da Assembléia de Deus, todas com mais de 80.000 membros.”

Em 2008 , a Yoido Full Gospel Church ou Igreja do Evangelho Pleno de Yoido completou 50 anos , tornando-se uma “mega congregação” , consolidando o modelo de células e alcançando a marca dos 800 mil membros, mais de 500 pastores e oito cultos por domingo, traduzidos para oito idiomas e veiculados ao vivo pela Internet, sendo reconhecida pelo Guinness Book como a maior igreja evangélica do planeta . A Igreja do Evangelho Pleno possui atualmente um mega templo, com capacidade para abrigar 25 mil pessoas junto a um complexo de prédios, com vários andares para abrigar os departamentos ministeriais e administrativos. A igreja fica numa ilha, de nome (Yoido), (o centro financeiro da cidade) e realiza vários cultos aos domingos, a cada 2 horas, reunido neste dias, cerca de 250.000 pessoas. Os cultos são traduzidos simultânea para várias línguas, através de fones de ouvido, que os visitantes recebem ao entrarem na comunidade. O sistema de células já alcançou cerca de um milhão de pessoas e está na base do crescimento explosivo desta comunidade. ⁴³

Na América Latina, o sistema de células ou de grupos familiares chamou a atenção do pastor colombiano César Domingues Castellanos. Após ter pastoreado durante alguns anos, pequenas comunidades e estar descontente com o pequeno crescimento de sua membresia, iniciou em 1983, sua própria igreja chamada de Missión Carismática Internacional- MCI em Santa Fé, Bogotá, contado apenas com oito membros. Como relatou em um dos livros que escreveu ⁴⁴, quando sua igreja atingiu o número de 30 membros, passou a utilizar um método que ele chamou de “planos estratégicos” , no qual estipulava

⁴² <http://www.visãog12.com.br>. Acesso em 27/10/2003.

⁴³ Disponível em : <http://www.cristianismohoje.com.br/artigo.php?artigo=33583>. Acesso: 06/04/2009.

⁴⁴ CASTELLANOS, César. **Sonha e Ganharás O Mundo**. Tradução de Valnice Milhomens. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 1999. p. 21

um número de convertidos que desejava fazer ao final de um determinado tempo, estimulando sua membresia a ajudá-lo na obtenção desta meta. Obtendo êxito em sua estratégia, chegou a ter 3.000 membros em sua comunidade. Neste período, visitou a Igreja Central do Evangelho Pleno em Seul e, segundo seu relato, vendo o mega auditório da igreja lotado, sentiu-se desafiado a ter uma das maiores igrejas evangélicas da América Latina, semelhante ao que ocorria na Coréia. Voltando à Colômbia, passou a implantar o método de crescimento de igrejas em células com base no modelo utilizado por Cho, o G-5, que consiste em um crescimento a partir de grupos de cinco.

Após algum tempo trabalhando com o sistema de células, sentiu-se insatisfeito com os resultados e com o crescimento lento. Procurou por um novo método, até que, segundo seu relato, teve a revelação do modelo dos doze ou G12, em 1991 através de um sonho. Sobre este fato relatou:

“Estando em um dos meus prolongados períodos de oração, pedindo a direção de Deus para algumas decisões, clamando por uma estratégia que ajudasse a frutificação de setenta células que tínhamos até então, recebi a extraordinária revelação do modelo dos doze...Deus o justificou recordando-me o modelo como Jesus havia trabalhado com doze discípulos...Nessa ocasião, escutei o Senhor, dizendo-me: vais reproduzir a Visão que tenho dado em doze homens, e estes devem fazê-lo com outros doze, e estes por sua vez com outros doze...” (1999,p. 59-60).

Na idealização do movimento existe uma forte tendência carismática e centralizadora da figura de seu fundador, que se auto-identifica como escolhido de Deus para ser portador desta nova estratégia religiosa. O fato de basear suas ações religiosas em experiências místicas e “reveladoras” aliadas ao uso do seu carisma pessoal para comandar e mobilizar um grande número de pessoas, além da crença de que o modelo que criou se propõe algo inovador, o aproxima teoricamente da figura de um profeta e não de um pastor convencional. Para Weber (1991, p.303), “*por profeta*” *queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino*”. Para Bourdieu (1998), o profeta é o agente religioso que em situações extraordinárias ou de crise, produz por seu discurso ou sua prática, uma nova concepção religiosa, sendo que, a legitimidade dessa inovação não é dada por uma instituição, mas pelo carisma que lhe é socialmente atribuído. Este carisma lhe dá

legitimidade para contestar a ordem religiosa vigente e instaurar uma nova ordem simbólica. Nas palavras de Bourdieu:

“A força de que dispõe o profeta cuja pretensão consiste em produzir e distribuir bens de salvação de um tipo novo e propenso a desvalorizar os antigos- tarefa pela qual conta exclusivamente com sua “pessoa” como única caução ou garantia na falta de qualquer capital inicial - , depende da aptidão de seu discurso e de sua prática para mobilizar os interesses religiosos virtualmente heréticos de grupos ou classes determinados de leigos, graças ao efeito de consagração que o mero fato da simbolização e da explicitação exerce.” (1998, p. 60)

O modelo G12 partiu de um modelo de células já existente, estendendo os grupos de cinco para doze, numa clara adaptação do modelo de Cho, objetivando resultados mais rápidos e mais eficientes, na opinião de seu idealizador. Além disto, o que também diferencia o G5 do G12, é o fato de que o segundo engloba mais um sistema administrativo e promove os chamados “encontros”⁴⁵ como uma fase inicial da transição. A escolha do número doze para Castellano, envolve não apenas uma questão de rapidez, mas engloba também um aspecto simbólico, baseado na revelação e nas escrituras bíblicas. O G12 faz referência aos doze discípulos que acompanharam Jesus em sua vida de pregações itinerantes, que posteriormente a seu mandado, tiveram a incumbência de espalhar a nova mensagem religiosa pelo mundo. Faz também referência a diversas passagens bíblicas em que o número doze aparece, o que para ele, reforça que sua escolha não se trata de uma mera coincidência e sim, de uma confirmação divina de que seu modelo proveria os resultados esperados e ainda estaria legitimado como um projeto genuinamente bíblico.

Com a implantação do novo modelo a igreja de Castellano vivenciou uma “explosão” numérica em sua membresia. Em 1983, quando iniciou a Missão Carismática Internacional- MCI contava com oito membros , em 2000 com cerca de 30.000 células e mais de 100.000 membros ⁴⁶ . Em janeiro de 2003, por ocasião da VII Convenção da Missão Carismática Internacional informou que a MCI possuía um total de 48.043 células somente em Bogotá.⁴⁷ Em 2008, completou 25 anos de existência, contabilizando 120 mil membros, sendo 50 mil na Colômbia e 15 mil células na cidade de Bogotá. ⁴⁸ Não podemos atestar a

⁴⁵ Discutiremos isto melhor mais a frente.

⁴⁶ Obtido em : <http://www.visaog12.com.br>. Acessado em: 27/10/2003.

⁴⁷ Revista G12: A Revista Oficial da Igreja em células no Modelo dos 12, Edição 11, fevereiro de 2003, p. 34.

⁴⁸ Disponível em :

http://www.mci12.com.co/index.php?option=com_content&task=view&id=61&Itemid=82. Acesso: 01/09/2008.

credibilidade destes números, mas usamos para ilustrar a explosão do crescimento dentro do sistema celular.

A Visão Celular parte da multiplicação de membros através das células, sempre buscando grupos de 12. As células são os grupos familiares como já mencionado, os cultos feitos nas casa dos fiéis, mas que podem também funcionar em outros locais como o local de trabalho, faculdades, escolas. As células são então, pontos extras e estratégicos de evangelismo ligados à igreja, são “pequenas Igrejas”, funcionando para cooptação de novos membros e doutrinação dos fiéis. O nome Visão celular vem da forma como foi concebido o modelo, através de uma “revelação divina” ou “visão”, no jargão evangélico. Ressalte-se o fato de que, as visões ou revelações através de sonhos e de pessoas, são mais comuns entre os pentecostais e neopentecostais. O fato de substituir a designação de grupos familiares ou cultos nas casas, por células está relacionado à representação do “corpo de Cristo”. Os evangélicos consideraram que a totalidade de fiéis espalhados pelo planeta forma, “a Grande Igreja de Cristo” ou o “Corpo de Cristo”, tendo Jesus como a “cabeça” deste corpo e os fiéis como os membros deste “corpo”. Partindo desta representação, da comparação entre Igreja e Corpo, os adeptos da Visão concebem os cultos nos lares como unidades menores ou micro de uma “igreja”, ou seja, as células de deste “corpo”.⁴⁹ Há também, uma comparação com a função da célula no “plano biológico” e uma célula do “plano espiritual”, argumentando-se que, como a célula humana vive em constante processo de multiplicação e crescimento, assim também, as células num sentido espiritual, tendem a crescer e se multiplicarem.

O G12, refere-se aos grupos de 12, formados nas células e entre as lideranças da comunidade. G12 pode portanto, significar grupos de doze ou governo dos doze, estratégica desenvolvida por Castellano e agregado ao sistema de células. Segundo o pastor, é um método de crescimento e de administração das células, que possui maior eficácia, pois o desenvolvimento das células deve ser acompanhado pela sua administração. O método G-5, oferece um ritmo de crescimento, multiplicativo por cinco. O G-12 oferece um crescimento multiplicativo por doze. O governo dos 12 é uma proposta de organização e gestão da igreja e das células. Toda a igreja deverá ser dividida em grupos de 12, a partir do G12 principal,

⁴⁹ Revista Videira, Ano II, nº 07, Junho de 2000. p. 10-11.

12 pessoas de confiança do pastor, formando uma estrutura hierárquica do tipo pirâmide, que levará à multiplicação da igreja sempre vezes 12 e permitirá o controle deste crescimento.⁵⁰

Inserção no Brasil, na Bahia e nas Comunidades.

No Brasil, o modelo desenvolvido pelo pastor colombiano César Castellano, chegou em 1998 através de dois pastores, a ex-pastora batista Valnice Milhomens e o pastor batista e baiano, Renê de Araújo Terra Nova. Milhomens, fundou a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, contando com apenas quatro membros. Posteriormente o nome foi mudado para Igreja Mundial do Senhor Jesus Cristo, com sede em São Paulo. Tomou conhecimento do modelo colombiano em meados de 1998, resolvendo adotá-lo. Desde então, tornou-se uma forte divulgadora da Visão no G12, traduzindo os livros de Castellanos e lançando outros de sua autoria, através de sua editora, a Palavra da Fé Produções. A pastora tornou sua igreja uma extensão da MCI e foi escolhida uma das doze internacionais de Castellano, na função de promover a Visão no Brasil. Em 2004, a Igreja Mundial possuía sessenta congregações em todo o país, além de filiais em Portugal, Moçambique, Suíça e Japão.⁵¹

Terra Nova antes de adotar a Visão, pastoreou como adjunto, a Igreja Batista da Encruzilhada em Recife –PE, onde usou um modelo de células ou grupos familiares. Posteriormente, pastoreou a Igreja Batista Memorial de Feira de Santana –BA e após um tempo, se mudou para Manaus – AM, onde foi pastorear a Igreja Batista Memorial de Manaus, uma comunidade tradicional ligada à Convenção Batista Brasileira. Lá tentou introduzir o sistema de células, adaptado do modelo de Cho na Coreia⁵², porém, não aceitando as mudanças, representantes da Convenção e líderes da Memorial de Manaus

⁵⁰ Uma explicação mais detalhada sobre o funcionamento das células se encontra no capítulo 4 e sobre o G12, no capítulo 3.

⁵¹ Dados apresentados pela reportagem de Veja: “Em nome do marketing: Igreja evangélica organizada como franquia torna-se o maior fenômeno desde o surgimento da Universal do Reino de Deus”. Edição 1873. 29 de setembro de 2004. Disponível em: http://veja.abril.com.br/290904/p_076.html. Acesso: 25/03/2009.

⁵² Entrevista de Terra Nova falando sobre sua transição para o modelo colombiano, disponível em <http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/estudos/g12/terranova.htm>. Acesso em 09/12/2008.

pediram sua saída da igreja. Em 1992, fundou a Primeira Igreja Batista da Restauração em Manaus contando com 169 membros.⁵³

Em junho de 1998, também tomou conhecimento da Visão e após ter participado de um encontro em Bogotá, voltou ao país decidido a implantar o modelo em sua congregação. No mês seguinte, realizou encontros e levou lideranças de sua comunidade à Bogotá para passarem por uma capacitação junto à fonte do movimento. Também se tornou um dos doze internacionais de Castellano, representando a MCI e sendo uma extensão desta igreja. Mudou o nome da sua Igreja para Ministério Internacional da Restauração – MIR e saiu por diversas capitais brasileiras promovendo conferências e congressos, a fim de divulgar a nova estratégia, conseguindo a adesão de muitas comunidades batistas. Também passou a vender os livros de Castellano e, produzir outros de sua autoria, para divulgação da Visão através de sua editora, a Semente de Vida Produções. Em 2001, foi consagrado apóstolo entre os participantes da Visão.

O título de Apóstolo é um tema gerador de controvérsias e discussões entre os evangélicos no Brasil. O termo vem do Novo Testamento, dos relatos da escolha dos doze seguidores de Jesus, que após sua morte, foram denominados como apóstolos, ou seja aqueles que vão após o mestre, que vão dar continuidade a sua obra. Nos tempos atuais, são poucos os pastores brasileiros que têm este título, como por exemplo, o pastor Miguel Ângelo fundador da Igreja Cristo Vive, pioneiro no Brasil em receber este título, Estevam Hernandes fundador da Igreja Renascer em Cristo, Valdomiro Santiago, ex – bispo da Universal que fundou em 1998 a Igreja Mundial do Poder de Deus, entre alguns outros. Em geral, recebem o título dentro de sua própria comunidade ou dentro dos limites da extensão de sua popularidade. No caso de Terra Nova, seu reconhecimento perpassa várias denominações, abrangendo uma vasta rede de igrejas que se interligam pela adoção da Visão. O argumento geralmente usado por estes que detêm o título é de que o apostolado não se encerrou nos tempos do cristianismo primitivo, mas que ainda nestes tempos é possível ser apóstolo, ter uma relevância ministerial como a alcançada pelos apóstolos do primeiro século, conforme acreditam os evangélicos.

⁵³ Histórico de fundação da Igreja Batista da Restauração em Manaus, disponível em : <http://www.mir12.com.br> . Acesso em : 09/02/2008.

Terra Nova destacou-se por conseguir em poucos anos divulgar a Visão em vários estados, formando uma extensa rede de igrejas e lideranças na Visão, ligadas e sob a “cobertura”⁵⁴ do MIR. Sua comunidade saltou de 169 membros em 1992, para 70.000 em 2005, possuindo neste ano, mais de 12 mil células⁵⁵. O MIR construiu um mega templo em Manaus com capacidade para 7,5 mil pessoas em cultos normais, mas que pode ser adaptado para 12,5 mil pessoas em dias de celebração de festas⁵⁶. Com este feito, foi considerada a maior igreja em células no G12 no Brasil. Terra Nova tornou-se o principal fomentador e divulgador da Visão no país, lhe acrescentando, porém, alguns aspectos, como a ênfase nos símbolos, festas e costumes de Israel, e a promoção de atos proféticos⁵⁷. As comunidades estudadas neste trabalho estão ligadas ao MIR. Portanto, centraremos nossa análise nas suas ações e na sua repercussão nestas comunidades.

Em poucos anos de divulgação no país, a Visão espalhou-se por todos os estados e denominações. Seu “sucesso” levou a Revista Veja em 2004, a defini-la como o maior fenômeno do meio evangélico, desde o surgimento da Igreja Universal e relacioná-la ao espantoso crescimento deste grupo observado nos últimos anos.⁵⁸ De acordo com a reportagem de Veja, a estratégia de células⁵⁹ é utilizada por boa parte das quase 1.000 denominações do tipo neopentecostais que existem atualmente no mundo. Seguindo o modelo da Coreia ou da Colômbia, já foram implantadas no Brasil, nos primeiros quatro anos da década de 2000, cerca de 30.000 novas igrejas, expansão só vista antes com o assombroso crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus. Um sucesso que incomodou as lideranças de duas das maiores denominações do país – a própria Universal e a Assembléia de Deus, a maior igreja do país, com quase 50% de todo o rebanho evangélico. O pastor Robson Rodovalho fundador do Ministério Sara Nossa Terra, bastante conhecido em São Paulo, é outro líder “de peso”, que adotou a Visão no G12 e também a

⁵⁴ É um termo que eles utilizam, no sentido de que o MIR dá “cobertura espiritual” às comunidades que aderiram à Visão através de Terra Nova.

⁵⁵ Em: <http://www.mir12.com.br/rededafamilia/pastores/apostlo.html>. Acesso em 09/02/2008.

⁵⁶ Entrevista concedida à Revista Enfoque (evangélica), disponível em:

<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=80&materia=999>. Acesso em 09/02/2008.

⁵⁷ Não iremos neste trabalho aprofundar a ênfase nos símbolos, festas e costumes de Israel, mas sobre a promoção dos chamados atos proféticos, falaremos melhor no capítulo 5.

⁵⁸ “Em nome do marketing: Igreja evangélica organizada como franquia torna-se o maior fenômeno desde o surgimento da Universal do Reino de Deus”. Edição 1873. 29 de setembro de 2004. Disponível em: http://veja.abril.com.br/290904/p_076.html. Acesso: 25/03/2009.

⁵⁹ Os vários modelos existentes, não só o do G12.

Igreja do Evangelho Quadrangular, uma das quatro maiores do país, com 7.500 igrejas e quase 10.000 pastores responsáveis por um rebanho estimado em 2 milhões de fiéis.

Na Bahia, a Visão chegou em 1999, com divulgação de Terra Nova auxiliado por seu irmão, o pastor Israel Terra Nova e um dos pastores do MIR, o baiano Marcel Alexandre da Silva. Israel Terra Nova assumiu a Igreja Batista Memorial em Feira de Santana – BA, após a saída de seu irmão. Em Feira de Santana a Memorial entrou na Visão e acabou influenciando outras comunidades da região. Em Salvador também houve boa aceitação, principalmente entre os batistas. Para manter a Visão no estado, Terra Nova, instituiu o pastor Marcel Alexandre (que também foi consagrado Apóstolo), como principal líder e responsável pelo G12 na Bahia. Marcel é também responsável pela Visão nos estados do Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Goiás e Brasília. Internacionalmente, tem sob sua responsabilidade o Japão, a Bolívia e Portugal.⁶⁰

A Primeira Igreja Batista do Brasil conheceu a Visão em fins de 1999, quando o então pastor, Ivan Pitzer, foi a Bogotá como faziam também outros pastores baianos da época. O ano de 2000 marca o início da transição⁶¹ e da passagem do pastorado de Ivan Pitzer e sua esposa Louraci de Souza, que pastorearam por 21 anos a comunidade, para seu filho, o pastor Milton Ebenézer e esposa, pastora Ninhara Souza, recém chegados dos Estados Unidos. Segundo Ebenézer, antes da transição da PIBB, foi preciso “trabalhar a mentalidade da igreja” e levá-la a adquirir uma “mentalidade celular”⁶². Em 2002, começou o processo de celularização da comunidade com a criação das primeiras células. Em 2003, foram “levantados”⁶³ os doze, estabelecendo definitivamente o novo modelo. Nos anos seguintes, os pastores Ivan Pitzer e Milton Ebenézer foram consagrados Apóstolos. Milton tornou-se um dos doze estaduais de Terra Nova na Bahia, formando com outros pastores locais, o grupo responsável pela Visão no estado. O pastor Milton relatou⁶⁴ que sua comunidade passou de 700 membros em 2000, para 5.000 em 2005, enfatizando que 80% desta membresia, foi ganha em decorrência da mudança para o

⁶⁰ Disponível em : http://m12bahia.com/ap_marcelejoice.html, acesso em 05/03/2008.

⁶¹ Antes de se tornar uma comunidade em células, a PIBB, já se enquadrava na categoria de uma batista “renovada”, pois já nos últimos anos da década de 1990, incorporou a sua liturgia a doutrina dos dons do Espírito Santo e os ministérios de libertação e cura interior, típicos do pentecostalismo.

⁶² Entrevista do pastor Milton Ebenézer concedida a Revista Geração Celular. Edição 03, abril de 2005, p 24-25.

⁶³ Como eles se referem a escolha do grupo dos 12.

⁶⁴ Dados válidos para o ano de 2005, em que concedeu a entrevista a Revista Geração Celular, edição 03, abril de 2005, p 24-25.

novo modelo e dos esforços de sua membresia . Em 2003, no dia 7 de setembro⁶⁵, foi realizado um batismo coletivo com 1.000 novos convertidos, algo inédito na história da PIBB . No total, ao longo dos primeiros cinco anos de Visão, 3.500 pessoas foram batizadas. Em 2008, após a realização de uma campanha que mobilizou toda a membresia, a PIBB atingiu o número de 10.000 fiéis ainda nos primeiros meses deste ano e após anunciar estes dados durante o culto, Ebenézer estabeleceu uma nova meta , conclamando sua membresia a conseguir mais 10.000 fiéis até o final do ano.⁶⁶

Diferentemente da PIBB, a Primeira Igreja Batista de Pernambués – PIBAPE, não passava por uma renovação na sua liturgia. Segundo o relato⁶⁷ de seu pastor presidente, Francisco Davi, se enquadrava na categoria de uma igreja batista tradicional, também filiada à Convenção Batista Baiana. Tomou conhecimento da Visão através de alguns pastores soteropolitanos que já haviam entrado no modelo, por volta do ano de 1999. Neste ano, resolveu participar de um encontro só para pastores realizado pelo MIR em Salvador. Um destes pastores, Samuel Vieira Souza, da Igreja Batista de Amaralina, exerceu papel relevante na sua escolha, levando-o a entrar na Visão e tornando-se seu discipulador.⁶⁸ No ano de 2000 começou a transição em sua comunidade.

Procedendo da mesma forma que a PIBB, realizando palestras para convencimento da membresia e realização dos encontros, a PIBAPE levou cerca de três anos para fazer a transição para a nova estrutura. Segundo seu pastor, ficou decidido na Assembléia que a comunidade passaria a ser uma igreja na Visão, mas ao procurarmos nas atas , não constatamos esta informação, encontramos somente alguns registros solicitando verbas para participação de alguns líderes da comunidade em eventos estaduais da Visão. Foram redigidas atas de assembléias mensais até o ano de 2001⁶⁹, o que demonstra a tendência

⁶⁵ Data escolhida por simbolizar a “libertação”.

⁶⁶ Dado obtido no culto do dia 07.09.2008.

⁶⁷ Entrevista concedida em 29/02/2008.

⁶⁸ Na Visão como já foi abordado, existe uma estrutura hierárquica bastante respeitada. Mesmo que entre pastores, vigora uma rede de relações baseadas na autoridade dos líderes e respeito e obediência dos liderados. Por exemplo, se um pastor leva outro a entrar na visão, torna-se seu discipulador ou líder na escala estadual da visão. O pastor levado contará com a ajuda e acompanhamento do seu líder na transição em sua comunidade, e será mobilizado sempre que necessário, pelo seu líder para participar dos eventos realizados pelo MIR em Salvador. Se por sua vez, este pastor fizer o mesmo processo com outro pastor, passa a ser também seu discipulador e assim sucessivamente. Terra Nova instituiu doze pastores estaduais, que instituíram mais doze, cada um, sendo então 144 abaixo destes. O pastor Samuel Souza é um destes 144.

⁶⁹ Atas do mês de agosto de 2001, livro nº 5.

na Visão de centralizar esta decisão na mão do líder da comunidade, sem que haja votação e escolha entre os membros, mesmo que tenha havido palestras para esclarecimento.

Tivemos problemas na constatação dos dados sobre o crescimento da membresia da PIBAPE. A comunidade não possuía estes dados sistematizados, nem uma forma de contagem dos membros ou registro informatizado. Baseava-se no número de cadeiras existentes no templo e na frequência nos cultos, segundo o pastor. Desta forma, ele nos informou que sua comunidade contava em 2000, com cerca de 600 membros e realizava três cultos cheios aos domingos.⁷⁰ Para o pastor, sua comunidade já contava com um bom crescimento neste período, sendo necessário chamar um pastor adicional, fato inédito até então. Outro fato inédito, foi a consagração, em 2002, de uma mulher membra da PIBAPE, a fiel Genilza Lima, como a primeira pastora da comunidade, desquitada e com filhos, recém saída do seminário de formação de pastores. Tal fato é permitido na Visão, pois conforme suas lideranças, há o incentivo e a legitimação do pastorado feminino.⁷¹

De acordo com o pastor da PIBAPE, não houve uma explosão do crescimento de sua membresia com a introdução do sistema de células. Na sua avaliação, a vantagem maior do novo modelo foi a questão evangelística, o fato de ter mobilizado sua membresia a se envolver mais no crescimento da comunidade através das células e o poder de penetração que estas tiveram no bairro. Não houve cem por cento de adesão da membresia, algumas pessoas permaneceram sem realizar o encontro, resistindo às mudanças em curso na comunidade, apesar dos apelos pastorais e da fiscalização do Governo dos 12 e de seus líderes. Como motivos para o crescimento não ter sido maior, o pastor apontou os conflitos ocorridos na transição, pois à medida que entravam novos membros, saíam vários outros. Alegou também, que em 2006, ano que considerou ter sido o auge da Visão na sua

⁷⁰ Entrevista concedida pelo pastor Francisco Davi, em 29/02/2008. Não podemos atestar estes dados, e na verdade a questão dos dados numéricos nas igrejas evangélicas é algo discutível. A PIBB possui um sistema informatizado de contagem de membros, mas a ênfase nos números presentes na visão pode levar a uma supervalorização destes números, ao passo que na PIBAPE por se tratar de um templo com extensões menores que a PIBB, este número pode ser bem menor que o estimado. Mas como precisamos trabalhar com estes dados numéricos, já que estamos abordando um modelo de crescimento, usamos estes dados fornecidos pelas igrejas que é o que dispomos.

⁷¹ Ressalte-se também, que na Visão, esposa de pastor torna-se também pastora para liderar junto ao seu esposo. Neste sentido, as respectivas esposas dos pastores presidente e do pastor auxiliar também foram constituídas pastoras na comunidade, sendo que somente a esposa do pastor auxiliar e a fiel Genilza, passaram por um seminário. Entretanto, as esposas ministram geralmente em cultos ou eventos direcionados às mulheres, tendo portanto, certas limitações ao seu ministério. Isto porém pode variar em cada comunidade.

comunidade, quando esta chegou a ter noventa células, o segundo pastor saiu para formar outro ministério e levou parte considerável de sua membresia. A divisão provocou um momento tenso na igreja, dificultando mais ainda a questão do controle numérico dos membros e do crescimento. Após este fato, o pastor Francisco Davi, nos contou que decepcionado, manifestou a intenção de sair da Visão, o que foi consumado no ano de 2008.⁷²

A controvérsia dos batistas com a Visão

Logo nos primeiros anos de sua inserção no Brasil e na Bahia, a Visão acabou gerando polêmica no meio evangélico e controvérsias entre os batistas, levando a um novo momento de ruptura na história desta denominação. A grande aceitação por parte das comunidades batistas baianas ao movimento da Visão Celular no Governo dos Doze, provocou uma tensão nas relações entre a Convenção Batista Baiana e as igrejas que estavam ligadas a elas. À medida que se expandiam as atividades da Visão no Estado, aumentavam as controvérsias no meio evangélico baiano, com as críticas lançadas pela Convenção em relação a algumas das novas propostas trazidas pela Visão. Tais críticas não se dirigiam ao sistema de células, tendo visto que, algumas igrejas batistas ligadas à Convenção faziam uso deste sistema, e a própria Convenção promovia cursos de ministração sobre igrejas em células, como constatamos nos exemplares do jornal O Batista Baiano consultados. O que gerou controvérsias foi especificamente o G12 e as modificações introduzidas por Terra Nova ao sistema de células no Brasil, a exemplo da ênfase nas práticas judaicas. Conflitos entre doutrinas, usos e costumes, mesmo que seja dentro de uma denominação, são comuns num campo religioso. Bourdieu (1998, p. 50), afirma que o campo religioso tende a esta dinâmica interna, de relações de concorrência opondo os diferentes especialistas e relações de transação que se estabelecem entre os especialistas e os leigos no interior do campo religioso, com base em diferentes interesses.

Em 2000, ainda em meio a um momento inicial de divulgação da Visão na Bahia, a Convenção se pronunciou contrária ao movimento. Numa reunião do conselho de coordenação, a CBBa afirmou que :

⁷² Entrevista concedida em 29/02/2008.

“O Movimento traz consigo doutrinas não pertinentes à Palavra de Deus, ao povo batista, em especial ao povo Batista da Convenção Batista Baiana e da Convenção Batista Brasileira. Algumas dessas doutrinas já vêm desde sua origem (Bogotá-Colômbia) e outras foram acrescidas pela versão brasileira e que tem causado dificuldades de relacionamento entre pastor e Igreja, mormente por causa daqueles que não estão aceitando a maneira e a forma como o assunto está sendo trazido e introduzido na Igreja. Em algumas Igrejas o assunto tem gerado descontentamento muito sério entre os irmãos”.⁷³

Travou-se uma espécie de “guerra de representações”, entre o discurso de renovação e crescimento que tanto entusiasmavam as igrejas que entravam na Visão e o discurso da Convenção, de manter a identidade batista construída ao longo dos anos. Trabalhando com práticas e representações, no campo da História Cultural, o historiador Roger Chartier (1990), afirmou que: *“as lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”*. No ano seguinte, por ocasião da realização da 78ª Assembléia da CBBa, a questão do G12 voltou à pauta de discussão entre os batistas convencionados, que resolveram tomar medidas mais energéticas com as igrejas batistas que estavam entrando na Visão, o que se supõe tratar-se de um número considerável. A este respeito afirmaram:

“Outra decisão importante, tomada em Assembléia extraordinária foi o repúdio ao conteúdo herético do G12. A assembléia aprovou o relatório apresentado sobre a questão, que esclarece ser o modelo ou método de células Bíblico, mas condenou e repudiou as práticas heréticas do G12, como maldição hereditária, regressão e esposa do pastor ser pastora também automaticamente. Determinou que as Igrejas que estão “na Visão” devem ser notificadas e instadas a retirar dos seus programas as aberrações doutrinárias, teológicas, filosóficas e eclesiológicas, sob pena de aplicação do que prevê o artigo 2º do estatuto da CBBa.”⁴²

Em 2003, a CBBa decidiu pela expulsão de todas as igrejas participantes da Visão Celular no Governo dos Doze, entretanto, indiferentes ao que ficou ordenado, estas igrejas continuaram suas práticas e se tornaram independentes. Uma questão importante na sobrevivência destas igrejas, foi o fato de estarem ligadas a então extensão do MCI no Brasil, o MIR, e pelo fato de que o grupo dos 12 estaduais de Terra Nova atuou

⁷³ Igreja em Células e G12; Palavra da Convenção Batista Baiana, informativo do Conselho de Coordenação da CBBa, reunido nos dias 11 e 12 de abril de 2000. p. 01

⁴² Jornal O Batista Baiano, Julho de 2001. P.06

como uma espécie de mantenedor e promotor da Visão no Estado. Apesar de não ter sido criada uma nova convenção para abrigar as igrejas batistas e de outras denominações que adotaram o modelo colombiano, a estrutura de rede que envolve o MIR e as igrejas baianas, além do grupo responsável pela Visão no Estado, acabou por suprir este papel da Convenção, pois todo suporte necessário a estas igrejas é encontrado dentro do próprio movimento. Como afirmou um dos nossos entrevistados “ *todas as igrejas que entraram na Visão caminham juntas, independente da denominação*”.⁷⁴

Para seu idealizador e seus simpatizantes, a Visão representa um modelo revolucionário no meio protestante contemporâneo. Concebido como o “modelo para a igreja do novo milênio”, a Visão Celular no Governo dos Doze, causou entusiasmo e ganhou adeptos no mundo , no Brasil e na Bahia. Apesar da polêmica gerada, a Visão propôs e conseguiu colocar em cheque o que eles chamam de “velhas estruturas” do protestantismo tradicional e mesmo após a exclusão da Convenção , continuou a expandir suas atividades e se firmou como uma nova proposta eclesial. A Reelaboração da estrutura eclesial , agregando-lhe aspectos empresariais, garantiu a estes religiosos um eficaz método de crescimento e de gestão destes resultados. Para eles, a igreja tornou-se mais eficiente na aquisição e na retenção de novos membros. Para estes religiosos, há um plano estratégico maior de conquista da nação para Cristo, e neste caso, os espaços dos templos, das casas e das ruas se articulam e se transformaram em poderosas armas para alcançar estes objetivos.

⁷⁴ Entrevista concedida pelo pastor Christiani Silva Franco em 12/03/2008.

CAPÍTULO 3

A Visão nos Templos: Novos paradigmas, Sistema de células e Governo dos 12

Neste capítulo, discutiremos as práticas, representações e discursos presentes na Visão, no tocante ao espaço dos templos. Inserida num tempo e espaço cada vez mais marcado pela lógica de mercado, a Visão buscou num discurso de adaptação aos novos tempos, se apoiar numa sofisticada estrutura empresarial e num sistema de redes, a fim de obter um rápido crescimento da membresia e promover uma eficaz gestão dos resultados das comunidades que aderem.

Protestantismo e mercado: as igrejas se adaptam aos novos tempos

A inserção da religião no sistema de mercado, suscitou no campo religioso uma discussão polêmica, e ao mesmo tempo, uma prática ambígua. Para Campos (1997), a relação entre a religião e mercado, entendido como um lugar de troca de mercadorias, nunca obedeceu a padrões únicos, já que tanto o comércio quanto a religião são fenômenos dinâmicos e mutantes no tempo e espaço. A partir do século XVI as condições históricas propiciaram o surgimento e solidificação de um sistema de mercado, ao qual o fenômeno religioso acabou gradualmente também se adaptando. Após passar por grandes avivamentos espirituais, nos séculos XVII e XVIII, o protestantismo ampliou sua participação no mercado mundial de “bens simbólicos”, conforme teoria de Bourdieu (1998), através das missões evangelizadoras, que ocorriam paralela à expansão militar, imperialista e capitalista em curso neste período, em direção à África, América Latina e Ásia. Neste sentido, o autor afirma que a partir do triunfo do mercado na contemporaneidade, não se pode mais falar que a religião usa as leis do mercado para vender sua mercadoria, mas que ela mesma se submeteu àquelas leis e se transformou numa mercadoria também vendável no mercado.

Para nos auxiliar no entendimento das relações entre religião e mercado, recorreremos a Bourdieu (1998), na sua teoria do “mercado dos bens simbólicos”. Para o autor, o “mercado”, estabelece três instâncias: a dos produtores ou fornecedores, a dos bens simbólicos produzidos ou os “produtos”, e a dos consumidores destes bens. Para Bourdieu, os campos são espaços sociais, onde ocorrem lutas entre as coletividades, agentes e instâncias, assim como a elaboração de estratégias individuais de acumulação do capital simbólico, usados nos processos de troca. Nesta perspectiva, a procura, produção e o consumo de bens religiosos / simbólicos, são vistos através do conflito existente nas relações entre os agentes religiosos clericais e leigos, na disputa pelo controle dos meios de produção e distribuição destes bens.

A submissão da religião aos interesses de seus “consumidores” é uma questão essencial para entender o neopentecostalismo, segundo Campos (1997), pois traz de volta as discussões sobre a interioridade das pessoas, suas fantasias, desejos e sonhos, matéria-prima que sempre ligou magia e religiosidade popular. Num tempo e espaço marcados pela hegemonia capitalista, como afirma Jardimino (2001), o neopentecostalismo se tornou a “religião do ajuste”, conforme palavras do próprio autor. Ajustou-se ao uso dos meios de comunicação de massa para disseminar a mensagem religiosa, à aplicação do marketing na igreja para promover o comércio dos bens religiosos e a adoção de modelos empresariais na organização eclesial das igrejas. Variando-se as opiniões, há quem encare como uma questão de oportunismo, e há quem encare como uma necessidade destes grupos, uma estratégia de sobrevivência numa sociedade em rápida transformação.

Para Houtart (2002), nesta fase contemporânea de acumulação capitalista, em que a exclusão, desigualdades e injustiças sociais estão se acirrando, a religião possui um papel ambivalente. Pode cumprir um papel de legitimação do mercado capitalista, neste caso adequando-se a ele e pregando a inserção, ou pode agir no sentido de resistência, de denúncia, ou de defesa de uma outra sociedade. Segundo Jardimino (2001), a religião percebeu que numa sociedade massificada pelo império dos meios de comunicação de massa, não teria chances de competir com seus diferentes parceiros no mercado e na oferta dos “bens religiosos”, assim, a propaganda e o marketing se tornaram ferramentas imprescindíveis a estes grupos para alavancarem seus projetos. No tocante ao protestantismo, foi a partir do surgimento do chamado neopentecostalismo e suas práticas,

que os olhos dos pesquisadores se voltaram com mais avidez a esta relação, tornando comum o conceito de “mercantilização” da esfera do sagrado.

A “mercantilização” do sagrado

De acordo com Campos (1997, p. 177), o conceito de “mercantilização do sagrado”, foi utilizado largamente nos últimos anos pelo senso comum, imprensa e alguns escritos acadêmicos, num sentido pejorativo e estigmatizante, o que se configura uma forma apologética de falar das relações entre a religião e o mercado. Para o autor, o conceito leva a incompreensões e equívocos incompatíveis com o discurso científico, além de levar a um reducionismo que não favorece a compreensão mais ampla do fenômeno religioso. Afirmar que uma determinada religião é mercantilista, tornou-se um estigma de difícil remoção, atribuído principalmente à Igreja Universal do Reino de Deus e por conseqüência, a quaisquer outras denominações caracterizadas como neopentecostais. O autor salienta ainda, a notável incoerência deste estigma negativo ligado ao termo, uma vez que, se no sistema capitalista em que vivemos, todas as coisas e até pessoas estão atreladas ao mercado, a religião certamente não ficaria de fora. A mídia foi responsável por inculcar primeiramente à IURD e tornar censo comum, o estereótipo de igrejas neopentecostais como balcões de comercialização do sagrado, o que tornou esta discussão extremamente pejorativa.

O neopentecostalismo a partir da sua principal representante, a IURD, tornou visível uma acomodação das crenças originalmente protestantes ao sistema de mercado, pois este conseguiu atrair para a sua órbita até mesmo as idéias e práticas religiosas, substituindo a famosa “ética protestante” da prática da poupança ascética, segundo a teoria de Weber, por uma ética de consumo compulsório (CAMPOS, 1997, p. 176). A pluralidade religiosa que se evidenciou nos últimos anos do século XX, impulsionou alguns responsáveis pelas organizações religiosas a buscarem, no universo do marketing, princípios, técnicas e estratégias, que os ajudassem a melhorar a performance de suas organizações no concorrido mercado religioso. Conforme Campos (1997), é preciso entender este marketing (aplicado à religião), não apenas como uma forma de vender, mas como algo que envolve o conhecimento do mercado, a sua segmentação. Isto inclui a adoção de um olhar, do ponto de vista dos clientes e não somente simples técnicas para vender um produto. Neste sentido,

o neopentecostalismo e seus representantes, construíram mecanismos garantidores da expansão e sobrevivência institucional, que se expressam na necessidade de satisfazer os desejos e as exigências do seu público-alvo. Estas igrejas entendem as necessidades físicas, espirituais e psicológicas das pessoas, o comportamento religioso e que benefícios buscam, além de usar os veículos apropriados para “vender” seus produtos.

A adesão e o investimento dos grupos protestantes aos meios de comunicação se fez inicialmente através do rádio, e num segundo momento através da presença maciça na televisão, fenômeno que ficou conhecido entre os cientistas sociais como “igreja eletrônica”. A veiculação de programas evangélicos na mídia televisiva brasileira, começou no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, com a exibição de programas apresentados por pregadores norte-americanos, conhecidos como tele-evangelistas. Programas que não estavam vinculados a nenhuma denominação específica, sendo fruto de empreendimentos pessoais, mas que serviam para promover a conversão de pessoas e a adesão às igrejas que apoiavam financeiramente e viabilizavam a veiculação destes programas no Brasil. O sucesso adquirido com os programas começou a trazer visibilidade às igrejas evangélicas, algo até então não experimentado. Ao longo dos anos os evangélicos brasileiros buscaram aprimorar o uso do espaço conquistado na mídia. Segundo Cunha (2007), as primeiras tentativas de se produzir programas feitos por brasileiros não passavam de uma mera reprodução na tv do que se fazia nas rádios.

Em contrapartida, no final do século XX já era possível constatar não somente o uso eficiente da mídia e da aplicação de estratégias de marketing por estes religiosos, como a disputa por alguns deles, pela propriedade de emissoras de rádio e principalmente de tv. As aquisições são negócios, mas também instrumentos de proselitismo em massa que alavancam o crescimento dos grupos e a inserção na política, a exemplo da Igreja Universal e da Renascer em Cristo. Porém, a atuação destes grupos não se limita à propriedade de emissoras de rádio e de tv, mas também a criação de gravadoras e editoras que veiculam a música e a literatura própria destes grupos, como livros, revistas, além dos portais na Internet. Nos últimos anos o que se assistiu foi uma intensa busca por participação na mídia e pela inserção destes grupos com a criação de um “mercado evangélico”, com uma oferta cada vez maior de bens religiosos e entretenimento voltados para este crescente segmento.

De acordo com Cunha (2007), a ênfase no consumo e no tratamento destinados aos cristãos como segmento de mercado, dão à mídia evangélica um novo caráter e um novo papel. Entre os anos 1960 e 1980, os programas evangélicos de rádio e tv privilegiavam os cultos e as pregações, com ênfase nas experiências de cura, de exorcismo e na proposta de salvação em Jesus Cristo. Nos tempos atuais, a programação se tornou variada e adaptada à dinâmica dos programas seculares. Oferta-se o “entretenimento cristão”, tal como clipes, shows musicais, filmes bíblicos, programas de auditório, de entrevistas e debates. Antes, os programas centravam-se em um personagem carismático, portador das promessas de cura e salvação, os tele-evangelistas. Nos dias atuais, estes deram lugar a diversos apresentadores que possuem seus próprios programas, tornando-se famosos e dividindo a exposição de sua imagem com os cantores / artistas, a exemplo do que acontece na mídia secular. Tanto na programação de rádio e tv, tanto na literatura impressa, a ênfase atual da mensagem transmitida não é na “igreja” e na adesão a ela, mas no cultivo de uma religiosidade que não depende dela, mas que é intimista, autônoma e individualizada.

A veiculação dos programas evangélicos na mídia televisiva nos últimos anos mostra o apelo ao consumo e a relação de concorrência entre os grupos. Algumas igrejas como a IURD e a Renascer em Cristo, por exemplo, usam o espaço na mídia para a comercialização de bens religiosos, o que ocupa boa parte da programação. Juntamente com a oferta de produtos, evidencia-se a flexibilização das normas evangélicas transmitidas de forma mais leve, adaptadas ao “público alvo”, enfatiza-se a arrecadação de dinheiro para manter no ar a programação, usa-se o espaço para desqualificar outras religiões, para defender sua posição em relação às outras igrejas e para aumentar sua influência sobre a sociedade e o número de fiéis.

O mercado está presente também nos próprios templos, que nos últimos anos se transformaram e romperam com a concepção cristã de que o espaço do templo onde se desenvolvem os ritos é sagrado e consagrado para esta atividade, opondo-se ao espaço profano. Os templos se tornaram mega espaços, com amplas acomodações, capacidade para centenas de pessoas, equipados com lanchonetes e lojas que comercializam a literatura, os cds, os dvds e objetos religiosos diversos, unindo a fé às compras e ao lazer. Como exemplo, temos o próprio caso do templo sede da Universal em Salvador, uma mega construção localizada na avenida Antônio Carlos Magalhães, nas proximidades do

Shopping Iguatemi , que abriga além de um imenso santuário, lojas de produtos evangélicos diversos e lanchonetes. O marketing aplicado à religião , já se consolidou até mesmo como disciplina curricular de diversos cursos de teologia, tanto evangélicos como católicos , além do oferecimento de cursos especializados, no nível de graduação e de pós-graduação. Cresce também o número de publicações e consultores sobre o tema, para auxiliar os pastores e lideranças religiosas no uso destas ferramentas.

A “empresarização” do sagrado

De acordo com Serra (2005), a crescente complexidade das práticas e abordagens administrativas, traduzidas na construção de novos modelos e concepções teóricas, tem representado desafio importante para as organizações contemporâneas, especialmente aquelas que, constituídas sob motivações de natureza substantiva, vêm-se agora pressionadas a cumprir exigências de eficiência e eficácia. A dimensão econômica, ou o mercado, ao invadir esses espaços, exerce pressão sobre a capacidade gerencial e estratégica dessas organizações, levando-as a buscar modelos mais próximos do setor empresarial e, as organizações eclesiais não fugiram a essa tendência. Mendes e Silva (2006), chegam a conclusões semelhantes num estudo com líderes religiosos do protestantismo tradicional e neopentecostal. Para os autores, as transformações por que passam as organizações religiosas atuais, podem ser comparadas àquelas observadas no cotidiano secular, cujos objetivos residem na busca do “tripé”: qualidade, produtividade e eficiência.

O conceito de “empresarização do sagrado” foi utilizado por Serra (2005), para classificar o notório processo de adequação aos parâmetros empresariais por quais vem passando as igrejas evangélicas nos últimos anos. Seu estudo foi realizado em Santa Catarina, com a denominação Batista, Assembléia de Deus e a Igreja Universal, modelos institucionais do protestantismo histórico, do pentecostalismo e do neopentecostalismo, respectivamente. O autor aponta com exemplos indicadores de tal processo neste setor, entre outros, a crescente profissionalização do pessoal a serviço destas organizações eclesiais, a adoção de técnicas administrativas, entre as quais, o planejamento estratégico , as ferramentas de marketing, a utilização de tecnologias da informação e a exploração da internet como meio de transmissão e comunicação das propostas religiosas e também como meio para captação de recursos financeiros pela comercialização de produtos. O autor reforça a idéia de que, um mercado religioso pluralista e concorrencial

na busca por fiéis, aliado a tentativa de sobrevivência e expansão em meio a esta pluralidade, especialmente entre os evangélicos, tem influenciado as mudanças, diversificações, crescimento e divisões evidenciadas neste setor, e a conseqüente substituição dos antigos modelos organizacionais por outros mercadologicamente mais eficazes e aceitos.

De forma semelhante, Mendes e Silva (2006), atribuem como razão destas transformações, as próprias transformações do mundo do trabalho, resultante de uma política de mercado, que atingem igualmente as organizações religiosas. Do trabalhador/líder se exige dedicação, competência e eficiência em todas as suas atividades, e das igrejas se exige que estejam atentas às demandas e transformações do “mercado religioso”, para satisfazer seu “clientes-membros”. Para os autores, isto explica a variedade de crenças, programas e itens de serviços, oferecidos pelas igrejas contemporâneas além das variedades de competências e atividades desempenhadas pelas lideranças religiosas.

Serra, parte do pressuposto de que o protestantismo brasileiro têm se conformado ao ethos do “mundo-empresa”, na expressão utilizada pelo pensador francês Andreu Solè (2004, apud Serra, 2005)⁷⁵, cuja máxima propõe que o nosso mundo está organizado por e para a empresa. Posto isto, reconhece-se que a atual estruturação organizacional das igrejas evangélicas, reflete uma aproximação com um tipo de linguagem, métodos e técnicas característicos do mundo empresarial, anteriormente ausentes nas práticas eclesiais. A manifestação da “empresarização do mundo”, processo através do qual designa-se a influência crescente da empresa sobre os seres humanos, pode ser percebido de diversas maneiras, a exemplo das inúmeras privatizações que vêm ocorrendo em todo o mundo, a adoção generalizada de sofisticados sistemas de gestão e a extensão da linguagem empresarial a todos os espaços organizacionais. Cada vez mais os métodos, ferramentas e práticas comuns às empresas, penetram nas organizações em geral, de tal maneira que pela primeira vez na história da humanidade, uma organização – a empresa – torna-se o modelo universal de organização de todas as atividades humanas (SOLE, 2004a, apud Serra, 2005).

Para França (2007), estas transformações fizeram surgir estes novos modelos de gestão eclesial, focados no rápido crescimento “quantitativo” do número de fiéis, o que

⁷⁵ SOLÈ, Andreu. ¿Qué es una empresa ? Construcción de un ideal tipo transdisciplinario. Papel de trabajo. Paris, 2004a & Construction d'un idéaltype de l'entreprise afin d'étudier l' "entreprisation" du monde. Papier de travail. Paris, 2004b.

tem demandado maior atenção por parte da função de administrador exercida pelo pastor. Além de apresentarem traços de uma racionalidade técnico-instrumental e adoção de planejamento estratégico nas suas relações sociais. Para o autor, estes novos modelos influenciam diretamente nas práticas da administração eclesiástica fazendo surgir sistemas de controle cada vez mais sofisticados. Falcão Sobrinho (2002, apud França, 2007)⁷⁶, argumenta que as formas de governo eclesiástico surgem devido a imposições mais ou menos freqüentes, como as razões doutrinárias, sócio-culturais, históricas e estratégicas. Para este autor, uma igreja pode assumir um modelo de governo como parte de sua estratégia, visando alcançar, com maior eficiência, os seus objetivos institucionais. Seriam as “razões de qualidade”, ou seja, as razões impostas pela qualidade da administração necessária para que sejam alcançados os resultados esperados.

O estabelecimento de alvos ou metas para as ações eclesiais, no tocante ao crescimento numérico da membresia e a aquisição de patrimônio, também tem sido um forte indício desta empresarização do campo protestante, seguindo uma lógica de pressão por resultados e cobrança de eficiência por parte das lideranças e pessoas envolvidas no trabalho religioso, similar ao que ocorre numa empresa. Fazendo uma comparação desta prática com uma empresa Cunha (2007, p. 53), afirma que:

“Observam-se pelo menos duas conseqüências desta postura no cenário religioso evangélico no Brasil. Uma delas diz respeito ao corpo pastoral. A eficiência passa a ser um valor a ser buscado pelos líderes das diferentes igrejas à luz do que ocorre no mercado secular. Neste, um funcionário é estimulado a mostrar resultados, isto é, colaborar com a empresa para que ela atinja os objetivos de maior lucratividade com o menor custo possível. Nas igrejas, um pastor eficiente deve liderar uma comunidade que apresente resultados: crescimento do número de membros e aumento de patrimônio da igreja e dos seus membros. Às lideranças em escala hierárquica superior, cabe a tarefa de cobrar o alcance desses objetivos, estabelecendo alvos numéricos a serem atingidos pelos pastores e igrejas isso estimula a busca do reconhecimento e, conseqüentemente, a competição” .

Quanto mais eficiente for o modelo adotado para o crescimento, a formação de lideranças e a gestão dos métodos, mais eficiente será também a “colheita” dos resultados, usando um jargão comum no meio evangélico. A semelhança com uma empresa, parece não preocupar estes religiosos, desde que a igreja atinja seus alvos de crescimento. O cumprimento missionário de salvação das almas continua a existir e estar na pautas destes

⁷⁶ FALCÃO SOBRINHO, J. **A Túnica Inconsultil: Um estudo sobre a doutrina da Igreja**. 2ª edição . Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

evangélicos, mas a diferença é que agora dispõe e buscam fazer uso de um arsenal mais potente, como adotar um modelo empresarial para estrutura eclesial, técnicas de marketing aplicados aos “bens religiosos” e , claro a visibilidade que a mídia contemporânea os oferece.

O conceito empresarial na Visão

Antes mesmo de nos determos com mais detalhes sobre a idealização do modelo da Visão Celular no Governo dos 12, faremos uma breve consideração sobre como o surgimento deste novo modelo está relacionado ao contexto até aqui discutido, no tocante a sua adequação ao sistema de mercado e ao conceito empresarial . Para o seu idealizador, a Visão é concebida como um modelo revolucionário para o desenvolvimento e gestão de igrejas do século XXI. A idéia de que, um modelo que sobrevive e rende êxito às igrejas, neste novo e concorrido campo religioso, é o que melhor se adequar às novas exigências mercadológicas, está presente na Visão.

Para Castellanos, portanto, o modelo por ele desenvolvido está totalmente “adequado” às exigências do século XXI , pois foi concebido dentro de um conceito empresarial e antenado às demandas de seu tempo . Definindo qual o ideal de “Igreja do século XXI”, o pastor afirmou :

“A igreja do século XXI é aquela em que o pastor terá uma responsabilidade que demandará a maior eficiência, e que o impulsionará a trabalhar com um conceito empresarial, pois a igreja é a empresa mais importante de uma nação , pelo que o mesmo crescimento exigirá que haja dois setores no interior da igreja : um setor de caráter administrativo, com todos os departamentos necessários em qualquer companhia, e outro relacionado com o cuidado pastoral onde se achará uma equipe de pastores especializados. Em outras palavras , uma parte objetiva e outra espiritual que estarão apontando para o mesmo objetivo, e na qual o pastor geral desenvolverá a supervisão global da igreja”⁷⁷.

Nesta perspectiva, Castellano faz uma crítica aos métodos e estruturas tradicionais do protestantismo, considerados por ele ultrapassados. Nos relatos abaixo, o pastor continua a argumentar:

⁷⁷ CASTELLANOS, César. **Sonha e Ganharás O Mundo**. Tradução de Valnice Milhomens. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 1999. p. 146

“a História da Igreja cristã nos mostra grandes homens...a quem Deus usou tremendamente e foram eficientes para sua época em séculos passados, mas no presente, quando a tecnologia está muito avançada, as cidades têm crescido e, por conseguinte, as populações têm aumentado, requer-se métodos e estratégias distintas das que eles utilizaram.Evidentemente que continuamos com a difusão dos mesmos princípios cristãos, mais utilizando métodos mais ajustados ao nosso tempo”⁷⁸

“A igreja do século XXI é aquela que conta com um pastorado sobrenatural...as congregações de tipo paroquial, nas quais não há mais de 200 pessoas, não estarão no modelo, porque cada igreja será de no mínimo cem mil membros , com um pastorado especializado, coordenado através do modelo dos 12, impactando toda uma cidade ou nação...estamos dando os passos que nos localizarão na igreja de vanguarda”⁷⁹

“Para poder mover-se de acordo com as exigências do século XXI, todo pastor deve mudar sua maneira tradicional de pensar, romper os moldes e entrar na Visão Celular...sei que alguns estão desde já dispostos, mas o sistema administrativo da igreja não os deixa implementar as reformas. Isto tem que ser mudado. A época das assembléias e dos comitês de anciãos para dar passos importantes na igreja, já passou na história.”⁸⁰

O novo modelo é apresentado como uma alternativa revolucionária para as igrejas do século XXI, ressalte-se em um concorrido campo religioso, como o modelo de crescimento de sucesso garantido. Isto ilustra que, o próprio discurso sobre a Visão é uma grande estratégia de marketing. Ao idealizar o modelo em células no G12, o pastor colombiano, na teoria de Bourdieu (1998), criou mais um produto a ser oferecido no mercado dos bens simbólicos. Promovendo o marketing de sua criação, em meio a vários outros modelos e propostas de crescimento, como já abordamos, Castellanos atribui ao modelo G12 o “alto valor” de ser a única alternativa eficaz de crescimento e gestão eclesial dos novos tempos, como fica claro neste argumento :

“Estamos às portas do século XXI, aproximando-nos de um novo milênio e a igreja tem que seguir cumprido com a Grande Comissão. A frutificação neste milênio será tão incalculável, que a colheita só poderá ser alcançada por aquelas igrejas que tenham entrado na Visão Celular. Não há alternativa: a igreja celular é a igreja do século XXI”⁸¹

Este discurso causou fervor e polêmica no meio evangélico , além de contribuir para a exportação do novo modelo criado por Castellano, inclusive para o Brasil.

⁷⁸ CASTELLANOS, op.cit. p. 144

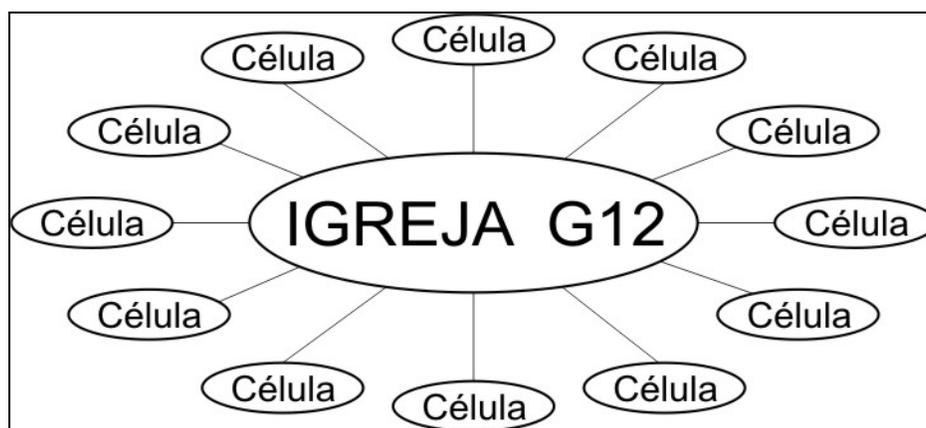
⁷⁹ CASTELLANOS, op.cit. p. 145

⁸⁰ CASTELLANOS, op.cit. p. 146

⁸¹ CASTELLANOS, op.cit. p. 143

Estrutura , Organização e Funcionamento

A estrutura das comunidades batistas na Visão G12 é modificada . A primeira e principal evidencia disto é a própria questão de passarem a se estruturar no sistema de células, num processo que eles chamam de “celularização”. A celularização ou a criação de células, não é considerada mais uma estratégia de expansão , mais um programa adotado, é a nova estrutura de crescimento da comunidade. O processo de celularização é considerado uma transição de uma igreja tradicional para uma igreja em células. O processo se inicia a partir do pastor da comunidade , depois de tomar conhecimento do modelo, que se encarrega de difundir e legitimar a nova proposta levando sua membresia a “entrar na Visão”, o que pode levar de um a três anos. A intenção é que neste período , a comunidade esteja estruturada em “igreja-mãe” ou matriz, ligada a várias células, funcionando como “igrejas filhas” , como mostra a figura abaixo⁸²:



Nesta estrutura de igreja em células, são focados quatro pontos: evangelismo, consolidação, treinamento e envio. O evangelismo, ou seja, a cooptação de novos fiéis, continua ocorrendo nos cultos como normalmente ocorre entre os batistas, mas conta agora

⁸² Retirado de : Argachof, Márcio. **G12: O fruto do engano no Corpo de Cristo**. Disponível em ; www.jesussite.com.br. Acesso em 04/03/2008

com os pontos extras de pregação nas casas dos fiéis, as células. A consolidação⁸³ é o processo de doutrinação dos novos fiéis, oriundos dos cultos ou das células. Cada pessoa que “se converte” preenche fichas nos templos ou nas células, informando dados como endereço e telefone. Posteriormente, ela recebe ligações e visitas pessoais dos chamados consolidadores, os responsáveis por convencer estas pessoas a continuar freqüentando a comunidade e também encaminhá-lo a freqüentar uma célula. Caso isto ocorra, a pessoa é levada a passar pelo processo de formação de discípulos ou líderes. Na primeira etapa tem o pré-encontro, o encontro e o pós-encontro. Posteriormente, freqüentará a Escola de Líderes, que possui vários níveis. Quando for considerado apto, será “enviado”, ou seja, abrirá uma célula e levará outros novos membros a passar pelo mesmo processo, sempre tendo a supervisão de outros líderes. O desenvolvimento destas estratégias torna mais acirrado o controle sobre o ganho e o acompanhamento dos novos decididos, uma ação sem precedentes entre os protestantes tradicionais e até mesmo neopentecostais, onde não há uma estratégia definida de permanência de novos membros.

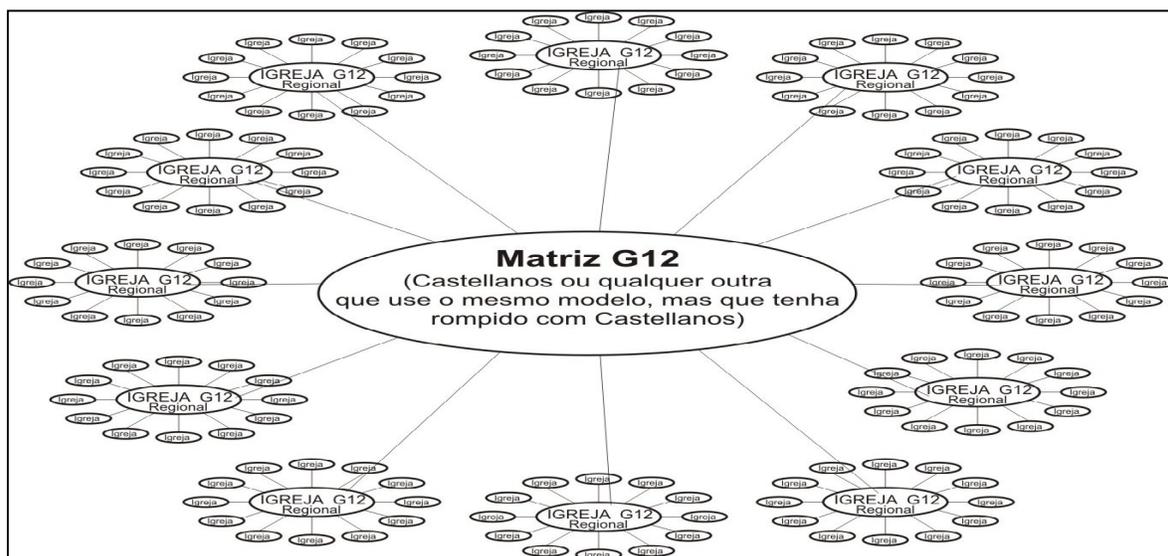
Ao adotar o modelo de células no G12, os pastores participam de palestras, adquirem materiais como livros ou vídeos, manuais de implantação e ligam-se a outros pastores que já tenham adotado o modelo, iniciando a celularização de sua comunidade. O pastor é o responsável por levar lideranças e membresia da sua comunidade a passar pelas etapas do processo. Escolhe também, entre as lideranças, alguns que lhe ajudarão no processo, o seu grupo de doze pessoas, que será o governo dos doze ou o G12. Após o encontro, o G12 passa para a chamada “escola de líderes”, um curso para formação de lideranças. Estes primeiros “doze”, ligados diretamente ao pastor, serão considerados a “primeira geração” de líderes dentro modelo, que gerará cada um, mais doze e assim sucessivamente. Em alguns anos, espera-se que haja varias gerações de lideranças gerando o crescimento exponencial. Vale ressaltar, que na Visão é enfatizado o trabalho do casal de pastores. O pastor “levanta”⁸⁴ seus “doze”, ao mesmo tempo em que a pastora faz o mesmo. Serão então, dois governos, os “doze” do pastor e as “doze” da pastora. O processo de escolha dos “doze” é, porém, uma etapa demorada, pois envolve a distribuição de cargos de

⁸³ Ou discipulado, formação de discípulos, fazendo uma alusão ao próprio Jesus que fez discípulos. Na Visão, a prática da consolidação objetiva tornar o novo convertido, mais do que um freqüentador da igreja, um discípulo, um seguidor de Jesus, no sentido de ter mais fidelidade a nova fé, e estar ciente da própria responsabilidade de ajudar no crescimento da igreja.

⁸⁴ Este é o termo usado pelas lideranças.

confiança que não estarão sujeitos a votação, como no modelo congregacional batista. A intenção é que durante o tempo de celularização, estejam sendo “levantados” os “doze”.

Nos primeiros anos, as pregações giram em torno do esclarecimento e convencimento da membresia ao passo que esta é levada a passar pelas etapas do pré-encontro, encontro, pós-encontro e escola de líderes. A “primeira geração” começa a abrir as primeiras células, com três pessoas para auxiliar. A meta é que a célula chegue a doze membros, preferencialmente novos convertidos, para que, cada um destes doze, posteriormente saiam e abram suas próprias células, depois de passarem pelos processos do encontro e escola de líderes, dando continuidade ao processo multiplicativo. Se as primeiras doze células chegarem a 12 pessoas cada, haverá em pouco tempo 144 pessoas, a “segunda geração”, que fazem 1.728 pessoas, que fazem 20.736 pessoas e assim sucessivamente. Se conseguir chegar a esta proporção, a igreja já terá se dividido (ou se multiplicado) e terá uma rede de igrejas satélites ligadas à igreja mãe que iniciou a multiplicação. Como ilustra a figura abaixo:⁸⁵



Lembrando que há a divisão dos “doze” do pastor as “doze” da pastora, o que aumenta a escala multiplicativa. Com tantas células e lideranças, há um risco evidente de dissidências na comunidade, mas procura-se evitar isto, pois o interesse é que a

⁸⁵ Retirado de : Argachof, Márcio. **G12: O fruto do engano no Corpo de Cristo**. Disponível em ; www.jesussite.com.br. Acesso em 04/03/2008

comunidade se torne uma mega-igreja. Uma comunidade é considerada uma igreja em Células no Governo dos 12, quando completa o processo de celularização: quando as células já estão promovendo o crescimento e as primeiras lideranças já estão formadas.

Após o processo de celularização, a organização interna dos templos é modificada. A comunidade é dividida em “parte administrativa” e em “parte espiritual”. A “parte administrativa”, passa pelo processo de empresarização, como já abordado, a “parte espiritual”, ou seja, as questões sobre crescimento, evangelismo e tomadas de decisões a respeito de cargos e ministérios passa pelo processo de reestruturação e pela centralização do G12. A forma de organização proposta pela Visão, rompe com o tradicional sistema congregacional e presidencialista dos batistas, abolindo algumas de suas características e reelaborando outras.

Em primeiro lugar, a figura do pastor passa de condutor de um “rebanho”, de presidente da diretoria ou conselho da comunidade, para a de um “profeta” e patriarca de futuras gerações, responsável por promover a renovação e o grande avivamento na sua comunidade. Os seus “doze” adquirem também um status autoritário relevante, pois estão logo abaixo do pastor, na escala hierárquica, e a intenção é que se tornem também pastores auxiliares. A formação dos “doze” e de lideranças tem como objetivo acompanhar o crescimento da membresia, auxiliando o pastor. Nesta lógica, quanto mais membros tiverem, mais terá líderes que fazem às vezes de pastores, para acompanhar estes membros. Isto na Visão é visto como uma forma de descentralização do poder pastoral, isto porém é discutível, pois o que se evidencia é o contrário. O poder é “redistribuído” do pastor para os 12, mas este permanece como figura central, pois ele ainda é o principal líder na comunidade, agora até mais enfatizado, com outros significados, como já visto. Evidencia-se uma organização mais centralizadora, mais hierarquizada e com um sistema de controle da membresia mais forte do que visto nas comunidades batistas tradicionais. As assembleias para tomadas de decisões, formadas por lideranças e membros, com direito a participação e voto, comuns entre os batistas da Convenção, são dissolvidas. As principais decisões ficam a cargo do pastor e do G12, pois: “a época das assembleias e dos comitês de anciãos para dar passos importantes na igreja, já passou na história.”⁸⁶

⁸⁶ CASTELLANOS, op.cit. p. 146

Os cargos eclesiásticos comuns entre os batistas como: diáconos, presbíteros, evangelistas, são abolidos. Na Visão, todos ou são líderes, ou são discípulos que serão líderes. São abolidos também departamentos de ações sociais, como evangelismo em prisões, em áreas abertas, distribuições de sopas a mendigos, etc. Todos os esforços da comunidade, são direcionados para as células, que passam a ser o lugar de ajuda aos excluídos sociais.⁸⁷ Os ministérios passam a se chamar “redes” de homens, mulheres, idosos, jovens, crianças, louvor, teatro, dança. O nome “rede” é uma alusão a rede de pescaria. Com a celularização, o foco principal da comunidade passa ser o evangelismo para o crescimento, um evangelismo que alcance cada vez mais pessoas.

Entretanto, este aspecto da Visão, nos remeteu ao pensamento do sociólogo espanhol Manuel Castells em seu livro: *A Sociedade em rede*. Para Castells (1990), a sociedade contemporânea vem passando por profundas transformações nos últimos anos, sobretudo na tecnologia e na informação, que refletiram nos domínios cultura, da política e da economia, nos seus sistemas estruturantes e nas relações entre grupos e pessoas. A sociedade atual, para Castells, se organiza em redes, que se interconectam através de um conjunto de “nós”. A principal característica da rede é que ela é uma estrutura aberta, em constante expansão, o que se dá pela integração de novos nós, desde que compartilhem os mesmos códigos, como por exemplo, um conjunto de valores ou um objetivo. A estrutura de redes tem sido decisiva para potencializar ações que teriam impacto muito reduzido se fossem feitas por uma única entidade ou segmento. No caso da Visão, a estrutura em redes favorece que a igreja cresça e se mantenha interligada às suas “igrejas-filhas”, compartilhando e propagando seus valores e objetivos, promovendo uma ação evangelística potencializada.

O ministério de missões e o investimento nesta ação, bastante comum entre os batistas, são desativados, pois na Visão, o papel missionário da igreja é transferido para as células, as missões são feitas através delas no bairro, na cidade, no país. As escolas bíblicas dominicais também saem de cena. O doutrinamento dos novos fiéis e a “edificação” dos membros é feito nas células.

A concepção sobre o espaço dos templos também é alterado na Visão. Há uma tendência à internacionalização e globalização destes espaços. Isto fica evidente na mudança de nomes dados aos templos. A própria Igreja Fundada por Castellanos, tem

⁸⁷ Falaremos melhor sobre isto no capítulo 4.

como nome, Missão Carismática Internacional. A Igreja fundada por Valnice Milhomens, passou de Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, para Igreja Mundial do Senhor Jesus Cristo. Terra Nova mudou sua Primeira Igreja Batista da Restauração em Manaus, para Ministério Internacional da Restauração e a Primeira Igreja Batista do Brasil, que pesquisamos, manteve seu nome na frente do templo, mas foi acrescido um subtítulo: Casa de Oração Mundial. Novamente isto nos remete à sociedade em rede, ao mundo globalizado e as pretensões globalizantes. Nas representações dos líderes da Visão, o evangelismo através das células, pode alcançar toda uma cidade, um país, várias nações. Vêm também, os templos como edificações espirituais, responsáveis por orar pela nação e por outros países.

A organização externa destes batistas também foi alterada, com a ruptura das comunidades na Visão com a Convenção Batista em 2003. Passaram a se agrupar não mais por identidades doutrinárias ou denominacionais, mas agora pelo modelo adotado, promovendo eventos, congressos e reuniões. Formaram também, lideranças do G12 no país. Valnice Milhomens e René Terra Nova, procuraram fazer cada um, doze lideranças estaduais, que levantaram lideranças municipais. Estas lideranças são responsáveis pelos rumos da Visão, no país e nos estados, divulgando, promovendo eventos e tomando as decisões necessárias. Isto evidencia a tendência destas lideranças nacionais e regionais do G12, de assumir um papel antes representado pelas Convenções Batistas, embora não vejam estes grupos como uma nova organização, mas sim como uma espécie de conselho.

CAPÍTULO 4

A VISÃO NAS CASAS: FAMILIAS, CELULAS E QUESTÕES SOCIAIS

Neste capítulo, discutiremos como a Visão utilizou e transformou o espaço das casas numa estratégia de expansão e de participação mais incisiva na sociedade circundante. Discutiremos o conceito de células, como estas produzem o crescimento da membresia e como, para estes evangélicos, cumprem também um importante papel, de resgate da instituição familiar e de assistência social e espiritual aos excluídos da sociedade. Por último, analisaremos algumas experiências de liderança na Visão, no tocante a atuação destes líderes em suas famílias e o cotidiano vivenciado nestas células.

Protestantismo e família: os evangélicos frente aos novos modelos familiares

Dentre as transformações que se tornaram mais nítidas no final do século XX e que também repercutiram no meio religioso, estão as mudanças no tocante aos padrões de famílias e de relacionamentos. Para Giddens (2005, p.151), tornou-se uma característica cotidiana dos nossos tempos a grande diversidade de formas de famílias e de núcleos domésticos. Embora as instituições da família e do casamento ainda existam e sejam importantes, elas passaram por uma mudança drástica de caráter. Não somente a família e núcleo doméstico mudaram, como também as expectativas que as pessoas tem de seus relacionamentos umas com as outras, diminuindo a necessidade de “intimidade” ou “compromisso” nas suas relações afetivo-pessoais. As sociedades do mundo inteiro têm se deparado com estes novos fatores na instituição familiar e no Brasil não tem sido diferente.

Em primeiro lugar, está o fato de que o casamento não ter mais a mesma importância de outros tempos. As pessoas então menos propensas a se casar ou estão casando mais tarde e a taxa de divórcios tem aumentado significativamente, embora muitos deste divorciados voltem a se casar novamente com outros parceiros. O divórcio contribuiu para o crescimento das chamadas famílias “monoparentais”, com filhos que são criados só pela mãe ou só pelo pai. Crescem também as famílias “reconstituídas” que se formam através de segundos casamentos ou através de novos relacionamentos, envolvendo filhos de uniões

anteriores. As pessoas estão também optando por viverem juntas (coabitar) antes do casamento ou até mesmo permanecendo assim ao invés de se casarem. Machado (1996, p.117) afirma que os estudos sobre a família no Brasil das últimas décadas destacam estas mudanças ocorridas e sugere uma crise do padrão familiar nuclear dominante entre nós, o modelo patriarcal. Fatores como o crescimento da chefia feminina nas famílias, a queda da taxas de fecundidade, o aumento do numero de separações, o incremento do nível educacional das mulheres e sua maior participação em atividades remuneradas são freqüentemente apontados como redefinição dos papéis de gênero e do surgimento de novos arranjos familiares.

Dados revelados pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2000, mostram que aos poucos, a mulher tem conquistado sua emancipação financeira, dependendo cada vez menos do homem para sustentar um lar. De acordo com o levantamento, o percentual feminino na população ocupada passou de 38,8%, em 1999, para 40,3%, em 2000. O número de domicílios sob a responsabilidade de uma mulher saltou de 18,1%, em 1991, para 24,9%, em 1999. Acrescentem-se ainda, a este contexto atual, os casos de mulheres casadas ou solteiras que por liberdade de escolha optam por não terem filhos, procurando valorizar mais suas carreiras, além do crescente numero de parcerias, casamentos ou uniões estáveis entre gays e lésbicas que muitas vezes decidem também adotar filhos e formar uma família. Há também, os problemas que perpassam as famílias, como a violência familiar contra as mulheres ou filhos e os casos de abuso sexual infantil e incesto que tem sido cada vez mais vistos na mídia e no nosso cotidiano.

Conforme Giddens (2005, p. 151-154), observa-se hoje a “desintegração” das formas tradicionais de vida familiar e isto tem sido enfrentado por uma parcela da sociedade, com resistência e apelos a um retorno aos “tempos dourados” do passado. Se as famílias estão realmente “em colapso”⁸⁸, como alguns alegam, as implicações são significativas, pois a família é ponto de encontro para uma gama de processos que afetam a sociedade como um todo. A crescente igualdade entre os sexos, o amplo ingresso de mulheres na força de trabalho, as mudanças no comportamento sexual e nas expectativas, e a transformação na relação entre lar e trabalho, para este autor, apontam a ênfase nas necessidades individuais

⁸⁸ A expressão “colapso da família” foi usada pelo autor e nós decidimos mantê-la por considerarmos pertinente a esta discussão e ao próprio pensamento dos evangélicos, que costumam em seus discursos referir-se assim à realidade que estão vivenciando, falando do colapso ou crise da família, do caos social, etc.

se sobrepujando à família como instituição básica da sociedade afetando de forma diferente os diferentes grupos sociais. Nesta parcela da população que interpreta estas mudanças como um sinal de colapso da família, buscando estratégias de manutenção dos padrões familiares, estão principalmente os evangélicos.

Um exemplo disto pode ser encontrado em Campos Rodrigues (2007)⁸⁹, no estudo realizado com membros da comunidade de nome Videira - Igreja em Células, que é uma igreja celular no governo dos 12, em Goiânia. A autora afirmou que tais mudanças vêm despertando a preocupação das instituições religiosas de uma maneira geral, aliadas a perda do sentido de família estruturada e nomeada como modelo patriarcal, pai-mãe e filhos vivendo juntos em uma mesma casa. As separações os desquites e divórcios estão se tornando regra em vez de exceção, e estes problemas têm afetado também as famílias cristãs protestantes, aumentando o número de famílias “arruinadas”. Também a questão da inserção da mulher no mercado de trabalho e os chamados movimentos feministas dão margem a questionamentos a respeito dos lugares tradicionais do homem e da mulher, inclusive dentro das igrejas, onde as mulheres são consagradas a apóstolas, bispas, pastoras, presbíteras e diaconas, demonstrando uma ruptura com o poder centrado no homem em meio ao “colapso” familiar.

Um artigo encontrado⁹⁰ num portal evangélico interdenominacional também é um bom exemplo desta preocupação dos grupos evangélicos com a crise da família e dos relacionamentos. Ao longo de todo o texto, o seu articulista fala sobre os novos arranjos familiares anteriormente abordados, entretanto, entrevista evangélicos separados, que criam sozinhos seus filhos. Num dado momento, o autor se pergunta: *afinal, como as igrejas têm se comportado diante dos novos modelos de famílias que elas próprias abrigam?* Sintetizando as idéias do texto que respondem a esta pergunta, nas palavras do articulista:

“Mas é com tristeza que muitos encaram as separações entre casais, principalmente entre aqueles que nasceram e cresceram numa igreja. Afinal, casamento é algo que Deus leva a sério... Se é notório e percebido pela Igreja os movimentos que aceleram as separações e se a comunidade evangélica tem sido

⁸⁹ CAMPOS RODRIGUES, Ana Dias. **Família e sexualidade: o caso da Videira – Igreja em Células**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

⁹⁰ **Famílias diferentes: novos modelos de famílias na Igreja**
Disponível em : http://www.elnet.com.br/familia_interna.php?materia=3121. Acesso: 09.01.2009. Sem o nome do autor.

atingida por inúmeras influências de pressões a que tantos casais são submetidos, o necessário seria criar um hospital de feridos emocionais na esfera afetiva e familiar... Esses e outros novos formatos de família tornaram-se um desafio para muitas igrejas evangélicas e são reflexos de que as igrejas não conseguem escapar das mudanças na sociedade... As “novas famílias” estão ali, sentadas nos bancos, participando dos cultos, das orações, do louvor e de várias outras programações da igreja”.⁹¹

Para uma parcela destes evangélicos, diante de tal contexto de desintegração da estrutura familiar, determinadas estratégias são tomadas, como forma de “reação” e de preservação dos valores familiares. Em seu estudo, Campos Rodrigues (2007, p.119), procurou perceber como, diante de tais mudanças, a Videira - Igreja em Células vai tratar essas alterações na família. Como se trata de um grupo G12, como já abordado, há o discurso de “volta às origens” e isto repercute na questão familiar. Segundo a autora, a Videira vê a necessidade de voltar a Bíblia para saber como Deus quer que as famílias vivam. São enfatizados os discursos sobre a família como “invenção” de Deus, sua imagem e semelhança, sobre o casamento como uma das instituições mais importantes, destacando o modelo ideal de família – pai, mãe e filhos e sobre o ato sexual dentro do matrimônio. Para as lideranças da comunidade Videira, a família está sendo “bombardeada” e precisa se posicionar. Um ataque no sentido espiritual, cujos reflexos são as coisas consideradas 'mundanas' que tem entrado na igreja, exigindo uma postura de líder por parte de homens e em mulheres. Mesmos os solteiros têm um papel importante nesta “luta”, os jovens são desafiados a buscar o padrão de Deus para suas vidas e suas famílias, além de se preservarem sexualmente, numa clara preocupação com a perpetuação da família patriarcal e a com a “saúde” e pureza dos relacionamentos. Os movimentos feministas também são apontados como responsáveis pela degradação da tradicional família patriarcal.

Embora não pretendamos fazer uma discussão mais aprofundada sobre todas as representações sobre família e sexualidade presentes na Visão, esta discussão nos serve de introdução ou contextualização para discutirmos as representações sobre as células dentro dos lares como forma de “restaurar” e alcançar as famílias, que é mais precisamente nosso foco. No material analisado na pesquisa e também nas observações participantes nos cultos,

⁹¹ **Famílias diferentes: novos modelos de famílias na Igreja**

Disponível em : http://www.elnet.com.br/familia_interna.php?materia=3121. Acesso: 09.01.2009. Sem o nome do autor.

pudemos confirmar as conclusões apresentadas por Campos Rodrigues (2007), no que se refere ao discurso do G12 sobre a questão da família na contemporaneidade da posição da igreja sobre isto. É justamente aí que reside um dos argumentos mais incisivos de legitimação das células, na crença de que uma vez aberta num lar, a célula irá restaurar a família ou até mesmo no caso de pessoas solteiras, irá favorecer a conversão dos demais membros familiares contribuindo em escala mais coletiva para sanar o problema da desintegração e da violência nos núcleos familiares. Mas antes de passarmos a esta discussão, analisaremos a transformação dos tradicionais cultos domésticos no conceito de células presente na Visão.

O conceito de Células na Visão

Uma célula não é um simples culto doméstico, nas suas formas habituais. Os protestantes sempre cultivaram o hábito de se reunir em casas, principalmente em famílias evangélicas, ou que pelo menos os pais sejam. As tradicionais reuniões nos lares, semanalmente ou em ocasiões específicas, servem para reunir os “irmãos”, para leitura bíblica, para realização de orações e para a “edificação” espiritual. Os cultos de ação de graças são também comuns entre os evangélicos, para agradecer bênçãos alcançadas, comemorar aniversários, casamentos e outras ocasiões. Algumas denominações fazem dos cultos nas casas estratégias de evangelismo, onde os membros promovem reuniões semanais e procuram convidar pessoas não evangélicas na tentativa de convertê-las, mas estes cultos são vistos como atividades opcionais em que os membros decidem se querem, quando e como promovê-las. Na Visão Celular, há uma resignificação destes tradicionais cultos domésticos evangélicos, que são transformados numa estratégia de proselitismo mais incisivo, sistematizado e eficiente que o habitual. Primeiro porque, como argumenta seu próprio idealizador, o pastor colombiano César Castellano (2000), elas não são mais “um programa” da igreja, elas são “o programa da igreja” e todos os esforços devem girar em torno delas. A estrutura eclesial da igreja é transformada para comportar o sistema de células e a quantidade de membros que delas virão, as células por sua vez, na capacidade que possuem de fazer novos membros num ritmo mais acelerado, garantem a explosão numérica da membresia. O espaço dos templos e das casas vão estar articulados neste sistema promovendo o crescimento.

Uma primeira diferença entre células e cultos domésticos é que na Visão há uma ênfase na formação ou capacitação dos que vão abrir e gerenciar uma célula. Não é qualquer membro que está apto a abrir sua casa para receber pessoas, a qualquer momento que desejar, antes é preciso passar por um curso de formação, chamado de “escola de líderes”, com duração mínima de seis meses . O tempo também foi pensado estrategicamente, para que os alunos não abandonem o curso e estejam aptos mais rapidamente, dentro de um padrão de eficiência do sistema. O discurso de que todos podem ser líderes, busca “despertar” a liderança e as potencialidades de cada um, pois a máxima da Visão é fazer de “cada casa uma célula e cada crente um líder”. A escola de líderes pode ter em alguns casos até quatro níveis de formação, pois o líder assume algumas funções pastorais. O próprio papel do líder na direção de sua célula é de ser o “pastor” daquele grupo de pessoas que está sob sua responsabilidade.

A ênfase no treinamento e o estabelecimento de níveis de formação foram inclusive, reforçados após o rompimento com a Convenção ocorrida entre os batistas. Como as denominações que estavam aderindo ao movimento estavam sendo excluídas do rol de convencionados e dos seminários teológicos de formação de pastores, Terra Nova instituiu, “a escola de pastores”⁹², para dar formação teológica convencional de pastores dentro do próprio movimento de acordo com as suas diretrizes. O tempo neste caso também é estratégico e prima pela rapidez, já que o curso tem duração de dois anos, contra os cerca de quatro anos de duração dos cursos teológicos evangélicos tradicionais.

A sistematização dos trabalhos dentro das células é outro diferencial . As células funcionam de uma forma pré-determinada e padronizada. Acontecem uma vez por semana, num mesmo dia e horário, salvo quaisquer problemas que gerem exceções, no prazo máximo de uma hora de duração, para não entediar os visitantes. Há um esquema que deve ser seguido à risca, começando sempre com uma dinâmica “quebra-gelo” ou mensagem de abertura, seguido de cânticos ou “louvores” e a realização de uma oração. Logo após é feita a ministração de uma mensagem Bíblica, previamente passada a todos os líderes da igreja, que estarão pregando sobre o mesmo tema na mesma semana. Há também um momento para os presentes fazerem pedidos de oração ou compartilharem alguma experiência. Ao

⁹² Publicação do MIR contendo informações, mensagens e programação do Congresso de Resgate da Nação de 2004. p. 51

final dos trabalhos é servido um lanche, que na concepção do grupo, funciona como um atrativo a mais aos convidados, principalmente aos não-crentes. O objetivo na célula é fazer uma espécie de resumo de um culto habitual, de forma mais estratégica, leve, informal e atrativa aos participantes, num ambiente aconchegante como uma casa, de maneira que facilite o desenvolvimento do relacionamento entre os membros e entre o líder e seus liderados.

As células são preferencialmente homogêneas: só de mulheres, de homens, de jovens, idosos e até crianças, numa concepção de isto facilita o trabalho com as questões específicas de cada grupo, como por exemplo, os problemas vivenciados e compartilhados por esposas e maridos, jovens, idosos, etc. Também em relação às recomendações e aconselhamentos. O discurso é que para uma líder é mais simples lidar com os problemas das mulheres que participam de sua célula, pois compartilham dos mesmos papéis de mães, esposas, etc. Assim como os homens compartilham dos mesmos papéis de pais, maridos, provedores e “cabeças” da casa, etc. Isto promove o desenvolvimento de afinidades entre os participantes, além de permitir a interferência do líder nos problemas pessoais vivenciados pelos membros.

A célula se inicia com três componentes: o líder que irá coordená-la, um líder auxiliar, seu assistente e o anfitrião que oferece a casa. O líder de células é responsável pela direção da célula e pelo pastoreamento de seus membros. Necessariamente ele tem que fazer parte de um Grupo de Doze, estar sob a liderança de alguém. O líder auxiliar é um líder em treinamento, que é considerado apto a assumir responsabilidades secundárias, auxiliando ou até assumindo a direção das reuniões. O anfitrião é a pessoa que oferece a casa ou outro ambiente para a realização da célula. O líder pode fazer a célula em sua própria casa e neste caso chama dois assistentes. O objetivo é que os três componentes iniciais consigam trazer novos participantes, especialmente não evangélicos, para que possam se converter e se tornarem membros da igreja mãe. Ao atingir um número de doze membros ao todo, a célula tem que se dividir. Um assistente sairá e levará consigo alguns dos membros para formar uma nova célula, que passará pelo mesmo processo futuramente. Sendo assim, as células tendem a cissiparidade, motivo pelo qual são comparadas às células do organismo, pois sua função é se multiplicar, produzindo o crescimento do “corpo”. As

células se dividem e dão origem a outras, mas sempre ligadas à igreja mãe, colaborando para o seu crescimento.

Cada pessoa convertida numa célula é encaminhada a freqüentar a igreja mãe alternando a freqüência com a célula. Será também encaminhada a passar por todas as etapas da Visão como a consolidação (discipulado, doutrinação), encontro, escola de líderes e abertura de célula, galgando a “escada do sucesso” da estrutura celular. O objetivo não é somente que a pessoa se converta, mas que permaneça na comunidade e que colabore para o seu crescimento. A Visão consegue estrategicamente cooptar a participação de toda a membresia e envolvê-la no trabalho de crescimento. Consegue também, manter um controle mais forte, pois toda pessoa participante de uma célula é acompanhada de perto pelo seu líder, que é cobrado e presta conta dos seus discípulos. Se a pessoa resolver sair da comunidade e da célula, o líder saberá rapidamente e irá procurá-la e fazê-la voltar. Todos os membros que já estão e os que entram na comunidade deverão ser vinculados a uma célula. Se a pessoa se converte nos cultos é encaminhada a uma célula e passará por todas as etapas. Se a conversão for numa célula, será da mesma forma, todos são induzidos a entrar no sistema de controle e de expansão.

A gestão das células é outro aspecto peculiar e diferenciador na estratégia da Visão, ela se dá através do G12. Cada pessoa que se torna líder estará sob a liderança de um outro líder e a ele prestará contas sobre o desenvolvimento e multiplicação de sua célula. A estrutura hierárquica do G12 age em função do gerenciamento e do crescimento das células na igreja. Cada um dos doze do pastor e as doze da pastora formam uma equipe de doze líderes e estes mais doze, assim sucessivamente, cobrando os resultados das células de “cima para baixo”. A estrutura permite que quanto mais células a igreja tenha, mais haverá quem as gerencie e trabalhe pela sua multiplicação. Se há “gerações” de doze se formando haverá mais células sendo abertas. Vale ressaltar, que é comum na Visão a criação de campanhas estabelecendo cotas ou alvos a serem atingidos em determinado tempo, estimulando mais ainda as lideranças e a membresia a trabalharem pelo crescimento do número de fiéis e do patrimônio da igreja.

Por último, as células são consideradas uma “extensão da igreja”, pontos extras de pregação, funcionando de uma forma mais elaborada e gerenciada. Elas vão onde o templo não pode ir. Elas podem funcionar em colégios, faculdades, locais de trabalho entre outros,

mas o local considerado privilegiado para o seu funcionamento é no ambiente familiar. Elas aumentam o poder de penetração da igreja no seu bairro e nestes locais, além de atingir um público que normalmente não vai a uma igreja evangélica, pois a figura carismática do líder pode exercer um poder de convencimento junto aos seus vizinhos, amigos e familiares. Tendo maior penetração no bairro onde se localiza, terá maior influência e conseguirá novas conversões numa velocidade maior. Quanto mais células ela tiver, mais aumentará sua membresia e mesmo concorrendo com outras agências evangélicas presentes no bairro, estará em vantagem. No caso de grandes templos que contam com membros de vários bairros, elas penetram em várias destas localidades, formando diversos pontos extras de pregação na cidade, ligados à igreja mãe, uma verdadeira rede de igrejas interligadas pela estrutura celular.

Células, famílias e realidade social

Paralela à crescente preocupação com a degradação da família e suas ações no sentido de resgatá-la, os evangélicos do início do século também se depararam com o acirramento da problemática social evidenciada nos últimos anos e intensificaram seus discursos e ações voltados à sociedade, e mais que isso, nesta virada de século, os evangélicos se propuseram a repensar o chamado “papel da igreja” frente à questão social. Estabelecido e seguido desde os primórdios do cristianismo e amplamente descrito nos trechos bíblicos, este papel se baseia em práticas de cunho assistencialista, que atualmente encabeçam a lista de ações constantes nas mais variadas denominações existentes no país. Entre estas práticas, estão a ajuda a moradores de rua e pessoas de baixa renda, distribuição de cestas básicas, refeições, roupas, oferecimento de cursos de rápida duração e qualificação profissional, atendimento médico, odontológico, estético⁹³, projetos que visam a recuperação de pessoas portadoras de vícios como álcool e drogas e de presos, com visitas e estabelecimento de pequenas congregações em presídios, entre outras.

Os batistas brasileiros desde muito tempo, estabeleceram práticas voltadas aos problemas sociais como uma das bases da sua atuação junto à sociedade circundante, ao lado das missões e da educação. Isto está expresso claramente na Convenção Batista

⁹³ Fazendo cortes de cabelo e barba.

Brasileira, como uma determinação de que as comunidades batistas espalhadas pelo país, desenvolvam e coloquem em prática suas ações sociais, cumprindo assim, um dos propósitos divinos na terra. Na Convenção, inclusive, entre vários departamentos está o DAS- Departamento de Ação Social , como órgão que incentiva e oferece consulta às comunidades que desejem iniciar projetos de ação social.

Buscando definir objetivos e fundamentos, os batistas consideram que a ação social:

“ Expressa e busca cumprir os propósitos do reino de Deus na sociedade, com o objetivo de propiciar condições para a plena realização da pessoa humana em relação a si mesma, ao próximo , à natureza e a Deus... e entre outros fundamentos desta ação, estão a crença de que a ação social desafia os próprios crentes e igrejas batistas a assumirem e viverem sua responsabilidade social, a fim de serem modelos para a sociedade e uma alternativa para o mundo e a compreensão de que a ação social dos batistas é individual, no sentido da responsabilidade do crente como pessoa, e comunitária, no sentido da responsabilidade da igreja...”⁹⁴

Para os batistas então, a prática da ação social é entendida como uma missão, uma responsabilidade da igreja em seu tempo. Para Rubem Alves (1979), esta missão que acreditam possuir junto à sociedade, tem um caráter ao mesmo tempo temporal e espiritual, de transformação da sociedade. Para eles, o papel da igreja é executar com competência sua missão, pois “o fator realmente revolucionário da sociedade é a Igreja”. Uma das concepções presentes entre alguns protestantes, é a de a transformação da sociedade passa pela transformação do indivíduo. À medida que cada pessoa se converta a Cristo, a ordem vigente então será mudada. Trata-se nas palavras deste autor, da lógica do “converta-se o indivíduo e a sociedade se converterá”. Esta interpretação protestante enxerga uma raiz moral e espiritual na natureza da problemática social.

Encontramos em outro autor, argumento parecido sobre a questão da conversão e de como ela refletirá na forma de apreensão da realidade social e na intervenção junto à mesma. Num estudo que relacionou assistência social e religião em Porto Alegre, Pereira Neto (2005, p.35) considera que há no Brasil algo que ele chamou de “campo da caridade e da assistência social”, de domínio das instituições religiosas, que confundem suas atividades assistenciais, com utopias de justiça social baseadas em sua experiência pessoal e visão de mundo. Para o autor, a mobilização de um agente religioso passa pelo seu

⁹⁴ Obtido no site da Convenção.:

http://batistas.com/index.php?option=com_ckforms&view=ckforms&id=1&Itemid=44. Acesso em 10/02/2010.

processo de conversão e sua experiência conduzirá sua ação. A idéia de salvação para os necessitados está então diretamente vinculada à salvação do próprio agente religioso que procede ao trabalho de amparo.

Pereira Neto (2005), considera também, que a ação social desenvolvida pelas agências religiosas produz um conceito de cidadania baseado em relações tradicionalmente clientelistas⁹⁵, concomitante com a ordem estabelecida, que mantêm relações com a esfera pública e o poder político. A mesma opinião que encontramos em Machado (2005). Num estudo sobre a atuação parlamentar e os discursos dos evangélicos eleitos em 2002, para o legislativo estadual do Rio de Janeiro, a autora argumenta que estas práticas clientelísticas e a relação entre engajamento em ação social e articulação política, são inclusive, estratégias antigas na cultura política brasileira, mas que articuladas à pertença religiosa, ganham legitimidade ética. Ainda em Machado, encontramos um dado interessante, o fato de que era comum entre os políticos evangélicos por ela entrevistados, o discurso de crítica às políticas ou programas assistenciais implantados pelo então recente governo Lula, como o Fome Zero, considerando-se que estes grupos também fazem uso das práticas assistencialistas como estamos discutindo.

A ação social para estes evangélicos da virada do século XX, parte de uma idéia de cidadania, estabelece com o poder temporal uma relação de trocas clientelistas, favorecendo sua legitimação, ainda que haja a crítica desta mesma ordem estabelecida. Os evangélicos da Visão, como cidadãos de seu tempo, não estão alheios a estas idéias, e a realidade e da qual fazem parte e são atores. Suas ações refletem os anseios e esperanças de uma vida melhor e da solução para os problemas que assolavam e ainda assolam o país. Mas quais eram as circunstâncias que vivenciavam os grupos religiosos retratados em nossa pesquisa em fins do século XX e início do XXI? Quais representações tinham sobre esta realidade? E como agiram na busca da transformação em meio a celularização de suas igrejas?

Como se trata de um capítulo recente de nossa História, não é uma tarefa fácil contextualizar este período. Buscamos, portanto, esboçar um panorama do período no Brasil e na Bahia, apontando seus principais fatos. De forma geral, os anos 1990 significaram um retrocesso sem precedentes no desenvolvimento humano do planeta,

⁹⁵ Que esperam privilégios, trocas de favores.

principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil, como apontou o relatório anual da ONU (Organização das Nações Unidas), divulgado em 2003, afirmando que o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que mede a qualidade de vida a partir de indicadores sociais como renda, saúde e educação, caiu significativamente nestes países, segundo o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). As desigualdades sociais aumentaram e a expectativa de vida diminuiu. “*Para muitos países, os anos 1990 foram uma década de desespero*” confirmou o relatório.⁹⁶ O Brasil, a Bahia e a cidade de Salvador, imersas neste contexto, sentiram os custos sociais deste mundo em transformação. No período que abrange nosso recorte, dos de 1998 a 2008, o país esteve sob os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula da Silva e refletindo os efeitos de suas principais medidas políticas e acontecimentos de seus mandatos.

A chamada era FHC teve início em 1994, quando saído do ministério da fazenda do governo de Itamar Franco, venceu as eleições daquele ano, impulsionado pelo sucesso do Plano Real, que fora anunciado em 1993 e implantado em 1994. O plano consistia numa série de medidas com o objetivo de conter a inflação e estabilizar a economia, que em seus primeiros anos se mostrou a mais bem-sucedida tentativa de combater a alta inflação brasileira que sempre ameaçou a economia do país (LUNA e KLEIN, 2007, p. 49.). Em seu primeiro mandato, garantido o êxito da estabilidade dada pelo Plano Real, Fernando Henrique retomou o programa de privatizações de empresas estatais, que já vinha desde o governo Collor de Melo e abriu a economia nacional ao mercado mundial, na contramão das políticas nacionalistas que foram implementadas desde a era Vargas. Sua política econômica neoliberal trouxe conseqüências sociais imediatas, como fechamento de empresas e o aumento do desemprego em todo Brasil. Segundo Luna e Klein (2007, p. 49), por “ironia do destino” (friso nosso), tanto Itamar, ferrenho nacionalista e defensor de monopólios públicos, quanto Fernando Henrique Cardoso, famoso intelectual de esquerda e proponente da teoria da dependência, acabaram promovendo as privatizações e a liberalização da economia nacional. Os oito anos de governo FCH privilegiaram uma política econômica de controle da inflação e estabilização da economia, tendo o Plano Real como carro chefe, mas pecou pela ausência de medidas destinadas a melhorar o perfil da distribuição de renda e de uma política voltada para a solução dos problemas sociais. Ao

⁹⁶ Extraído do Jornal Folha de São Paulo de 08.07.2003.

longo da era FHC, os problemas sociais do Brasil se agravaram, como a recessão e os altos níveis de desemprego, a violência cresceu, sobretudo nas grandes cidades e o salário mínimo continuou insuficiente para o sustento das famílias brasileiras.

A questão da desigualdade no Brasil é um problema que se arrasta desde sua formação, governo após governo, mas que se agravou nas últimas décadas. Para Luna e Klein (2007, p. 262), por qualquer critério que se utilize, o Brasil é uma das sociedades mais injustas do mundo, com alarmantes indicadores de desigualdades não só de classe, mas também de região e raça. O país exibe níveis de desigualdade e pobreza muito altos até para os padrões da América Latina, a região com maior grau de desigualdade no mundo e a educação é com certeza um fator fundamental para o problema. Neste sentido, muito se discutiu sobre a real eficácia do Plano Real na diminuição destas desigualdades e promoção da melhoria de vida das classes menos favorecidas do país, demonstrando que as opiniões divergem e que há muitas ressalvas à estabilidade promovida pelo Plano. Alguns estudos e autores ⁹⁷ apontam que o processo de estabilização monetária que se deu nos primeiros anos do Plano Real, promoveu o controle da inflação, uma pequena redução nas taxas de desemprego e aumento do salário mínimo e do poder aquisitivo das classes pobres, o que se considerou ter levado a uma relativa diminuição das desigualdades de classe vigentes no Brasil, representando um “alento” aos segmentos mais pobres da população.

⁹⁷ A exemplo de : SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO-SEPLANTEC. **A Espacialização da Pobreza no território Baiano** p. 13 e **Tendências da economia baiana**. p. 47. Bahia : 2000. FILGUEIRAS, Luiz. **Economia brasileira: as fragilidades estruturais permanecem**. IN: Revista Bahia Análise e Dados, v. 10, nº 3, retrospectiva 2000, p IN: Bahia 2000, publicação da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Salvador, 1999. p 46. SANTOS, Luiz Chateaubriand Cavalcante dos. **Os postos de trabalho no ano de 2000**. IN: Revista Bahia Análise e Dados, v. 10, nº 3, retrospectiva 2000. Publicação da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Salvador, 2000. p 114. GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. **Níveis de Renda e Padrão Distributivo na Bahia dos anos 90: perspectivas e proposições**. IN: Bahia 2000, publicação da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Salvador, 1999. pp.321. BAPTISTA, Creomar. **Bahia Pobreza e Renda nos anos 90**. Série Políticas Públicas da SPE/SEPLANTEC. Bahia, 2001. pp. 9-10. LUNA, Francisco Vidal, KLEIN, Hebert S. **O Brasil desde 1980**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007. p. 271.

Em contrapartida, os autores também enfatizam que a política econômica adotada em fins do século XX no país, não alterou profundamente os problemas sociais vivenciados pelos brasileiros. Para Luna e Klein (2007), os primeiros anos do plano foram marcados pelo sucesso, mas logo outros fatores reverteram o processo. De um lado, havia a instabilidade da economia internacional, que tornou o Brasil mais vulnerável a crises externas e levou à posterior adoção de medidas recessivas para ajustar a balança de pagamentos. De outro lado, havia a adoção de reformas liberais privatizantes e a abertura da economia, que provocaram grandes transformações na indústria e no mercado de trabalho, levando ao desemprego. Os empregos restantes aumentaram suas exigências à qualificação dos trabalhadores. Conforme Pochmann (2007), entre 1980 e 2003, o salário mínimo nacional perdeu 50,9% do seu poder de compra e o índice nacional de desemprego aberto foi multiplicado por 2,9 vezes. As medidas amenizadoras tomadas na década de 1990, não foram suficientes para alterar os padrões de forte concentração de renda que marcam o país, já há muitos anos. Opinião semelhante à de Filgueiras (1999), quando afirma que a aparente certeza que se propagou na época, de que o país havia retomado após anos de estagnação, a rota do crescimento sustentável, não passou de uma mera crença de natureza político-ideológica, que não se apoiou nas fragilidades da economia brasileira. O alívio em curto prazo exigiu do governo diversas medidas para manter as aparências, mas que custou caro à maioria da população brasileira menos favorecida e não significou a solução, ou ao menos, a melhoria efetiva das péssimas condições de vida destas classes no país. Guimarães (1999), afirmou que num país como o Brasil onde prevalece um dos maiores níveis de concentração de renda do mundo, a estabilização monetária, por si só, seria insuficiente para reverter ou atenuar significativamente esse quadro, uma vez que, sobre o mesmo, além do processo inflacionário, exercem influência, outros sérios problemas estruturais como: a estrutura fundiária, tributária, desigualdades regionais, níveis de escolaridade, dentre outros.

A Bahia em fins do século XX apresentava um contexto um pouco contraditório. Estudos ⁹⁸ mostram que nos últimos anos da década de 90, a economia baiana teve um

⁹⁸ Estudos da SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO-SEPLANTEC: **A Espacialização da Pobreza no Território Baiano** pp. 12-13 e **Tendências da economia baiana**. p. 47. Bahia : 2000. BAPTISTA, Creomar. **Bahia Pobreza e Renda nos anos 90**. Série Políticas Públicas da SPE/SEPLANTEC. Bahia, 2001. pp. 9-10 .

desempenho um pouco acima da média nacional, favorecido pela estabilização econômica promovida pelo Plano Real. Este desempenho atraiu investimentos industriais como fábricas de calçados, têxteis, de confecções, de plásticos, hotéis e carros, como a fábrica da Ford, que se instalaram no Estado nos primeiros anos da década de 2000. A expansão industrial no Estado foi um fato recente e considerável para seu desenvolvimento, dadas a suas raízes agrárias. Desde o período colonial, em decorrência do seu processo de ocupação territorial, político, econômico e demográfico, formou-se na Bahia uma sociedade de base agrária-escravocrata. A transição de sua economia rural / agrária para uma economia urbana / industrial, ocorreu de forma lenta ao longo do século XX, mais precisamente nas três últimas décadas deste século, com a implantação de pólos industriais na década de 1970, na chamada Região Metropolitana de Salvador e com a construção de eixos rodoviários de integração nacional.

Ao contrário do desenvolvimento econômico, visto com entusiasmo, não houve melhoria nas condições de vida dos baianos. Mesmo com o PIB (Produto Interno Bruto) baiano em 6º lugar no ranking nacional, o crescimento da indústria e a vocação turística do Estado, os indicadores sociais colocaram a Bahia entre os estados mais pobres da nação e apontaram para uma grande dicotomia entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social, estruturado desde o processo de formação e modernização da sociedade brasileira e do Estado da Bahia.⁹⁹ O controle da inflação não segurou uma realidade que piorou muito nas últimas duas décadas dos anos 1990; o crescimento das taxas de desemprego no país e no Estado. A discutível redução das desigualdades de renda, não impediu o aumento significativo do número de indigentes e de pessoas que viviam abaixo do considerado limite da pobreza.¹⁰⁰

No ano de 1999, ocorreram as comemorações pelos 450 anos de Salvador e em 2000, pelos 500 anos do Brasil. O clima, porém, não era de festividades, pois sua população menos favorecida sofria com deficientes condições de vida. Salvador no ano de 2000, possuía uma população de 2.443.107 habitantes, segundo os dados do censo realizado pelo IBGE neste ano. A capital baiana apresentava problemas típicos de uma metrópole, como a falta de habitação para as classes menos favorecidas, saneamento básico, o crescimento

⁹⁹ SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO-SEPLANTEC. **A Espacialização da Pobreza no Território Baiano**. Bahia, 2000. p 15.

¹⁰⁰ Idem, p. 13.

desordenado e ocupação urbana precária, ocupação de encostas, deslizamentos de terra nos períodos de chuva e o processo de favelização. Evidenciando a segregação e exclusão na cidade (SOUZA, 2000).

A má distribuição de renda e o desemprego alcançavam índices muito altos, até mesmo para região Nordeste. Somente na cidade, existiam mais de 10.000 famílias no limite da pobreza.¹⁰¹ De acordo com Santos (2000), a anunciada redução do desemprego em Salvador e em sua região metropolitana, no início dos anos 2000, por conta da política antiinflacionária e das indústrias que se instalavam no Estado, não camuflava a real situação: o índice de desemprego na cidade permaneceu como o mais alto do país, o que lhe rendeu por sinal, o título de “capital do desemprego” neste e em outros anos. No seu mercado de trabalho, predominavam ocupações precárias, de elevada rotatividade, com baixos rendimentos e distribuídos nos serviços domésticos, na construção civil e no trabalho autônomo, onde é maior a presença de uma população jovem, de baixa escolaridade, negra, recém imigrada e mais diferenciada em face da condição de gênero.

Em 2002, o desgaste da imagem de FHC e o desejo de mudança da população, não favoreceram a vitória do candidato oficial, José Serra. Na sua 4ª tentativa, finalmente chegava ao poder Luís Inácio Lula da Silva, que em janeiro de 2003, na cerimônia de posse, foi assistido por milhares de pessoas entusiasmadas. A vitória de um ex-metalúrgico, sem diploma universitário, nem educação secundária formal, de linguajar e estilo que refletiam as origens de imigrante nordestino para São Paulo, foi um fato inédito. Pela primeira vez, um presidente com este perfil, chegava à presidência do país. Seus primeiros anos de governo foram marcados por um grande apoio popular, por sua história de vida e pelas promessas feitas na campanha, de melhorar as condições de vida da população, privilegiando as questões sociais, com não havia feito o governo anterior (LUNA e KLEIN, 2007). Mais uma vez, o brasileiro depositava suas esperanças em um novo governo. Logo no início de sua gestão, encontrou diversas dificuldades, inclusive problemas dentro do próprio partido. Anunciou uma medida social, o Fome Zero, que foi logo abandonado. O programa de maior sucesso do seu governo passou a ser o Bolsa Família, um programa de

¹⁰¹ De acordo com estudo da SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO-SEPLANTEC. **A Espacialização da Pobreza no Território Baiano**. Bahia, 2000. p 19. Este estudo utiliza como padrão indicador de pobreza, famílias sem rendimento, ou com rendimento familiar inferior a meio salário mínimo.

distribuição de renda à parcela mais pobre da população. Mas apesar das expectativas, o governo Lula mesmo em seu início, não agradou tanto. A flexibilização do discurso tradicional do PT, as continuidades dos passos seguidos pela administração anterior e ainda, os escândalos que viriam, não corresponderam às expectativas do país e sua demanda por melhorias efetivas (FORTES, 2007).

Neste cenário brasileiro, baiano e soteropolitano em que estão inseridas as comunidades que analisamos que representações possuem sobre esta realidade e que soluções apontam para a transformação desta? A fala de um dos nossos entrevistados, reforça a já discutida questão da conversão como ponto de partida para a mudança social, mas acrescenta a preocupação com o núcleo familiar e a busca pela inserção na esfera política¹⁰² :

“ Pensamos que a sociedade só muda se mudar o homem que faz parte dessa sociedade. Para haver mudança, acreditamos que é preciso levar cada cidadão baiano a conhecer o evangelho de Cristo e transicionar sua mente às verdades do Evangelho. A partir desta mudança de vida, de mente, de caráter, de pessoa, de valores, muda-se a família e muda-se a sociedade em geral. Esta é a principal forma , outra forma é buscarmos orarmos, trabalharmos para que homens comprometidos com Deus façam parte da direção da cidade, do Estado, ocupem estes lugares para que eles sejam também colaboradores nesta transição para uma Bahia mais justa, mais igual, mais bonita. Temos uma terra tão linda, tão cheia de riquezas, mas com um povo tão sofrido , tão pobre e acreditamos que este não é o desejo de Deus”¹⁰³.

As representações destes evangélicos evidenciam a idéia de que a Bahia é uma terra bem provida de belezas naturais e riquezas, mas que contrasta com a pobreza e a desigualdade em que vivem a maioria dos seus habitantes. Em uma primeira instância, a má administração dos poderes políticos baianos é apontado como uma explicação para tal realidade, o que lhes serve também como discurso legitimador para a inserção de evangélicos na administração local.

Outra causa referida por nossos entrevistados para explicar a raiz dos problemas sociais do Estado, enfatiza os aspectos “espirituais” como causadores dos problemas e neste caso, as religiosidades africana e católica são diretamente relacionadas a esta realidade e apontadas como culpadas tanto pelas mazelas sociais, como pela falta de consciência política dos baianos. A respeito disto um entrevistado afirmou:

¹⁰² Que discutiremos melhor no capítulo 5.

¹⁰³ Entrevista concedida pelo pastor Christiani Silva Franco em 12/03/2008.

“Claro que há o aspecto espiritual de ser um Estado muito místico, com muitas influências, infelizmente supersticiosas que vem do Candomblé. A Bahia é onde se concentra o maior número de negros, os africanos que trouxeram a religião. O catolicismo é muito forte e aí vem a idolatria, que é um aspecto que eu considero também negativo, por ser um povo também acomodado que não vai buscar seus direitos. Se você tiver um problema de seca, você vai pra uma imagem fazer procissão ao invés de reivindicar seus direitos, então há um aspecto espiritual, mas movido pela ignorância das pessoas e ignorância espiritual também, por não conhecer a palavra, não conhecer a verdade. São pessoas mergulhadas na superstição, na ignorância, por conta de duas religiões que infelizmente não contribuem para a libertação deste povo, libertação espiritual”.¹⁰⁴

Uma terra presa ao misticismo, à idolatria, à ignorância espiritual, entregue ao descaso dos poderes públicos, à corrupção, à pobreza, que precisa se libertar e conhecer a verdade são imagens da Bahia constantes nas representações destes evangélicos. Mas quais soluções apontam em meio a esta realidade? Como transformá-la ? Os evangélicos em sua maioria, como já discutido anteriormente, promovem uma ação social assistencialista, voltada aos excluídos sociais como moradores de rua, viciados, desempregados, pobres, e se direciona às ruas, presídios e outros locais. Em contrapartida, na Visão, a ação social que consideram transformadora, volta-se agora para as famílias, e não somente aos indivíduos em situação de vulnerabilidade, saindo das ruas para dentro da casa das pessoas. Não é que as igrejas que adotem o modelo celular tenham que abandonar totalmente seus projetos assistencialistas, mas acabam por fazê-lo, pois a transição para as células exige que todo o trabalho da igreja se volte para elas, que passam a serem vistas como ponto de partida para a transformação social.

A relação entre células, famílias e transformação social está expressa na própria concepção da função das células segundo seu idealizador. Sobre isso num trecho de sua obra Castellano afirmou:

“O trabalho celular é para restaurar famílias. O mundo inteiro está sendo sacudido pela crise familiar. Onde quer que vamos descobrimos que as pessoas necessitam de uma resposta que dê solução à problemática que vivem com família , quer como casais, ou na relação entre pais e filhos. As células devem estar preparadas para atender esta necessidade. Nela se busca que os filhos restaurem a relação com seus pais, os pais com seus filhos, a mulher com o marido e o homem com sua mulher. Para conseguir que este trabalho seja bem sucedido , necessita-se ter discernimento de espíritos, chegar à raiz do problema, sarar feridas profundas da alma, romper cadeias e ataduras do passado. Nas células, as famílias são vistas como pequenas igrejas nas quais se ministra com a

¹⁰⁴ Entrevista concedida pelo pastor Francisco Davi, em 29/02/2008.

intenção de reafirmar os laços de consangüinidade e a preeminência do amor entre conjugues, irmãos, filhos, etc. Estamos convencidos de que a base para restabelecer a sociedade é restaurar seu núcleo principal, que é a família.”¹⁰⁵

As células passam a ser a base para a restauração social por que buscam restaurar seu núcleo principal, as famílias, dentro de uma concepção de raízes espirituais e morais para os problemas sociais. A máxima evangélica anteriormente vista do “converta-se o homem e a sociedade se converterá”, pode ser alterada para “converta-se a família e a sociedade se converterá”. Neste sentido, a célula visa a conversão familiar e o reforço dos valores familiares em crise na atualidade, como o próprio casamento, a castidade dos solteiros, a criação dos filhos, a observância aos valores Bíblicos, entre outros.

Além do ponto de partida para a mudança social, as células atuam como mediadoras entre a igreja e os necessitados, pois na concepção destes evangélicos, nesta relação entre igreja e sociedade, elas:

“ São uma ponte, porque é mais fácil nós entrarmos nas casas das pessoas do que elas virem aos templos. As células são uma porta aberta para as pessoas conhecerem o Evangelho, terem suas vidas abençoadas, restauradas, pessoas que são drogadas abandonarem as drogas, os alcoólatras abandonarem o vício, etc.”¹⁰⁶

O ambiente familiar é privilegiado pelas lideranças da Visão para a abertura de células, pois para eles, restaurando famílias, se restaura também o equilíbrio social. O papel da igreja continua sendo o de dar a assistência espiritual aos necessitados, de cuidar dos excluídos, ou seja, a igreja continua cumprindo sua missão, mas agora com outras estratégias, abrindo suas casas e oferecendo um ambiente de acolhimento familiar.

Por outro lado, se as famílias são vistas como pequenas igrejas que se preparam para atender os necessitados e oferecer-lhes um ambiente familiar, a própria igreja precisa também se parecer com uma família e tornar-se um ambiente atraente para aqueles que adentram suas portas. Parecendo com uma grande família ela pode atuar mais estrategicamente nos problemas da sociedade circundante, na cooptação e na manutenção de seus novos membros, pois :

“Somente como família, a igreja pode ser resposta para as mães solteiras, os abandonados, os traumatizados, os rejeitados sociais, os marginalizados, os pobres e os esquecidos. Na mente de todo homem, o lar é ponto de convergência: o lugar de aceitação e de expressão incondicionais; um lugar de acolhimento e

¹⁰⁵ CASTELLANOS, César. **Liderança de Sucesso Através do 12**. Tradução de Valnice Milhomens. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 2000. p. 331

¹⁰⁶ Idem.

aconchego. A igreja, dentre tantas ilustrações Bíblicas, é um lar que deve ter todas estas expressões de vida e amor.”¹⁰⁷

Vemos portando, as alusões à família como igreja e à igreja como família, além da relação entre células, famílias e mudança social no discurso da Visão Celular. Mas como e até que ponto isso afetou as comunidades por nós estudadas? Em ambas comunidades uma das perguntas que fizemos nas entrevistas foi se a comunidade em questão já prestou ou ainda prestava algum tipo de assistência social como de costume entre os batistas. Na PIBB, segundo nos relatou um dos nossos entrevistados ¹⁰⁸ não havia no momento um departamento ou órgão específico que prestasse assistência social. Consideram a manutenção da faculdade e da escola evangélica um trabalho social, por possuírem preços baixos, o que possibilitaria o ingresso de pessoas, que não possuem boas condições financeiras, numa faculdade e numa escola com ensino de qualidade, contribuindo para a sociedade na área da educação. O pastor nos relatou ainda, que a PIBB estaria analisando uma outra forma de contribuição social, um plano futuro, pois até então, o foco estaria no modelo celular. Nesta comunidade, portanto, as tradicionais práticas assistencialistas dos batistas foram abandonadas em virtude da celularização da igreja e das representações anteriormente vistas sobre o trabalho celular.

Na PIBAPE, encontramos situação diversa. A comunidade criou anos atrás e ainda mantinha no momento de realização da entrevista, a Sociedade Beneficente Eliel Santos - SOBELIS. Segundo nos relatou o pastor desta comunidade, ¹⁰⁹ esta sociedade beneficente tem reconhecimento a nível federal, estadual e municipal, recebendo uma ajuda indireta do governo do Estado através da arrecadação de notas fiscais. Na SOBELIS é oferecido atendimento médico gratuito, realizado por um membro da comunidade, cestas básicas em eventuais arrecadações com a membresia, além de ocasionais cursos de curta duração como artesanato. A comunidade já realizou também visitas de evangelismo em presídios, através do projeto de nome “SOS Presídio”, evangelismo semanal junto a moradores de rua, com entrega de sopa, pão e café e junto a profissionais do sexo e travestis na orla da cidade. Ambos projetos, porém, foram desativados à medida que a comunidade fazia sua transição para a Visão, porque todos os esforços foram direcionados para o trabalho com as células,

¹⁰⁷ Revista Videira, ano I, nº 6, abril de 2000. p. 14.

¹⁰⁸ Pastor Christiani Silva Franco em entrevista realizada em 12/03/2008.

¹⁰⁹ Pastor Francisco Davi, em entrevista realizada em 29/02/2008.

sendo mantida somente a SOBELIS, mas com uma atuação mais restrita, caracterizando nesta comunidade uma situação de coexistência das antigas práticas sociais batistas com as novas propostas trazidas pela Visão.

Para os participantes da Visão, portanto, o modelo além de colaborar estrategicamente no crescimento da igreja, também possibilita a participação social dos evangélicos na transformação da sociedade; partindo das famílias para sua cidade, seu estado, sua nação, numa ação social mais incisiva e estratégica, que traria resultados mais rápidos. Mas se o trabalho celular direciona-se às famílias, torna-se crucial a figura do líder de células e sua atuação junto a sua família, o que discutiremos no próximo tópico.

Famílias e experiências de liderança na Visão

Dentro de um contexto percebido como de degradação da família e objetivando-se a transformação social, os evangélicos da Visão, consideram que o trabalho com células visa o resgate e o fortalecimento do tradicional modelo familiar, preparando mulheres, homens e casais, para atuarem em suas famílias, convertendo-as e tornando-as modelos a serem seguidos pela sociedade. Mas, mais do que a simples conversão dos seus familiares, estes líderes de células buscam o envolvimento de sua família no próprio trabalho celular, colaborando na sua manutenção e crescimento, formando um verdadeiro “sacerdócio familiar”. Este conceito está expresso na própria concepção da Visão Celular, conforme fala seu idealizador:

“ Deus nos chamou para formar famílias sacerdotais, onde homens e mulheres estão consagrados ao Senhor, individualmente, como casais, e que, como conseqüência, poderiam guiar seus filhos em sujeição a eles e em obediência a Deus. Pela nossa experiência, cremos no sacerdócio da família como algo de impacto em nossos dias para influir positivamente na sociedade”.¹¹⁰
 “A crise da liderança cresce muito em nossos dias. O mundo inteiro clama por dirigentes íntegros no interior das famílias; os filhos reivindicam pais responsáveis; ou os pais anelam pelo respeito dos seus filhos; em outras palavras, buscam-se influências positivas para dar-se um curso correto à vida”.¹¹¹

¹¹⁰ CASTELLANOS, César. **Sonha e ganharás o mundo**. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 1999.p. 157, no capítulo intitulado “famílias sacerdotais”.

¹¹¹ CASTELLANOS, César. **Liderança de Sucesso Através do 12**. Tradução de Valnice Milhomens. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 2000. p. 34

Levando-se em consideração o conceito e os objetivos do trabalho com células, as representações de família como igreja e igreja como família e a relação entre células, famílias e mudança social, presentes no discurso da Visão Celular, buscamos compreender e analisar a partir de algumas experiências de liderança, um pouco destas trajetórias religiosas, da atuação junto às famílias, os êxitos e dificuldades vivenciados em suas práticas cotidianas. Para isso entrevistamos 4 membros das comunidades estudadas, mais especificamente um casal e duas mulheres.

Nossa primeira entrevistada foi a líder Maria César de Azevedo, 51 anos de idade e 18 anos de convertida, casada pela segunda vez e com três filhos de um casamento anterior. M^a César já participava de ministérios na igreja, antes da chegada da Visão na PIBB, exercendo o cargo de professora da Escola Bíblica Dominical, fazendo parte do departamento de ensino aos novos convertidos, participando de um grupo de cura interior e libertação, além de ter sido secretária da comunidade. Em 1994, após um curso de missiologia¹¹², foi chamada para dirigir uma congregação no Bairro da Paz juntamente com outros irmãos. Neste trabalho permaneceu por alguns anos, colaborando para a construção do ministério que atualmente se chama Igreja Batista Betesda e que prossegue sem a tutela da PIBB. Como já desenvolvia um trabalho eclesial há muito tempo, nos revelou não ter tido dificuldades em aceitar e desenvolver o trabalho proposto pela Visão na ocasião em que a PIBB começou a passar pelo seu processo de transição. Já no início deste processo, formou com outras lideranças da PIBB o primeiro grupo de membros a passar pelo encontro e ser escalado para ajudar na transição, sendo designada para trabalhar na escola de líderes como coordenadora e professora. Fez, portanto, parte da “primeira geração” da Visão na PIBB e foi também chamada posteriormente para integrar o seletivo grupo de 12 da pastora NINHARA Souza.

Sua primeira célula foi aberta na casa de uma fiel, que era sua discípula, no bairro da Pituba. Quando esta assumiu a célula, Maria César abriu outra célula desta vez em sua casa no ano de 2001. Neste período encontrava-se viúva e morando com seus três filhos adolescentes também evangélicos e já realizava cultos domésticos frequentemente em sua residência, experiência que lhe foi favorável ao implantar sua célula. Em cerca de dois anos conseguiu multiplicar sua célula e formar seu grupo de doze mulheres, todas legitimadas na

¹¹² Que prepara missionários e missionárias para atuar em frentes de trabalho das comunidades batistas.

igreja em um culto festivo que celebrou a consolidação do modelo celular na PIBB no ano de 2003. Continuando a multiplicar sua célula e formar lideranças com relativa rapidez, fechou o ano de 2008 contabilizando 132 células e 605 mulheres sob a sua liderança, que formam a chamada “macrocélula”¹¹³ de M^a César, considerada por ela, em suas próprias palavras: “*toda uma linhagem que parte de mim*”.¹¹⁴

Fora o trabalho eclesiástico, M^a César é funcionária pública de um cartório em Lauro de Freitas, dona de casa, estudante do quarto semestre de Pedagogia (na faculdade anexa a PIBB), faz aconselhamentos, visita eventualmente suas células espalhadas em vários bairros de Salvador, leciona na “escola de mestres”, prega na PIBB e também em outras comunidades quando solicitada. Em 2007 tornou-se escritora, lançando o seu primeiro livro de nome “Liderança comprometida”, que lhe rendeu o convite em 2008 para pregar em 27 igrejas dentro e fora de Salvador. Em 2009 lançou seu segundo livro “Você merece uma explicação: demônios precisam de portas para entrar”, em que fala sobre batalha espiritual. Participa eventualmente dos eventos e congressos da Visão dentro e fora da Bahia e no período em que realizamos a entrevista, estava em vias de torna-se pastora, só aguardando um comunicado oficial dos Apóstolos para sua legitimação.

Luís Carlos Sá, seu esposo, 51 anos de idade e 10 anos de convertido, iniciou sua trajetória religiosa, convertendo-se em setembro de 1999, na Primeira Igreja Batista de Pernambués - PIBAPE, aos 41 anos, época em que a comunidade começava a implantar a Visão . Sua trajetória, pois, se confunde e se atrela à própria trajetória da Visão na comunidade e na Bahia. Com apenas seis meses de convertido, começou a ensinar como professor adjunto na Escola Bíblica Dominical e em 10 meses já era professor titular. Com a transição da Igreja, fez o encontro, escola de líderes e logo após sua formação, decidiu abrir sua primeira célula no bairro de Cana Brava, onde funcionava uma congregação batista sustentada pela PIBAPE, na qual era líder adjunto no ano de 2001. Desta célula multiplicou e ficou com três células no bairro, todas mistas de crianças e adultos, homens e mulheres.¹¹⁵

Na época, era casado, mas como nos relatou, foi deixado por sua companheira que não aceitou sua conversão. Voltou então, a morar com os pais, no bairro de Cosme de

¹¹³ O conjunto de todas as células e liderados de um líder.

¹¹⁴ Entrevista concedida pela fiel e líder da PIBB, Maria César de Azevedo em 27.09.2009, na referida igreja.

¹¹⁵ Luís Carlos Sá entrevistado em 27.09.2009 no templo da PIBB.

Farias no ano de 2002, onde abriu outra célula. Seus pais e outros familiares já eram evangélicos de várias denominações, mas segundo o entrevistado, isto não foi motivo para impedi-lo de abrir a célula, pois em suas palavras: *“eu estava pregando a Palavra de Deus, não estava fazendo nada de mais”*. Em 2005, resolveu sair da PIBAPE, alegando como motivo a busca por uma nova companheira. Ingressou na PIBB, onde começou a trabalhar na livraria anexa ao templo e conheceu M^a César, casando-se com ela em novembro de 2006. As oito células que chegou a ter na PIBAPE, uma em Cosme de Farias, três em Cana Brava e quatro em Pernambuco deixou-as todas e recomeçou do zero sua trajetória de liderança na sua nova comunidade. Após meses frequentando os cultos e não participando de nenhum ministério, foi convidado a participar de um grupo de 12 e após seu casamento abriu sua primeira célula no apartamento de um dos seus discípulos nos arredores do templo. Na ocasião da entrevista, contava com esta e mais duas células, no bairro de Mata Escura e na Federação, além da sua célula onde reúne seu grupo de 12, contabilizando 35 homens sob sua liderança.

A respeito da liderança deste casal, teceremos algumas considerações. Uma primeira questão que nos sobreveio foi o diferente nível dos ministérios desenvolvido pelo casal. M^a César é o que se considera na Visão, o exemplo de uma líder de sucesso, uma mulher que possui uma longa trajetória eclesial, que obteve rapidamente o resultado numérico esperado com o trabalho celular e que continua a trazer resultados, que lidera uma vasta rede de mulheres, que concilia várias atividades dentro e fora da igreja, ou seja, que condiz com os padrões de eficiência e produtividade exigidos na Visão. Seu esposo possui menos tempo de vida religiosa e de trabalho com células, mas pode ser considerado um líder de êxito, pois já possui uma rede de liderados. Está porém, numa condição abaixo que e sua esposa no tocante a hierarquia religiosa. Ambos podem ser considerados um exemplo de sacerdócio familiar, já que atuam juntos em diversas ocasiões dentro e fora da comunidade, como por exemplo em celebrações e em atos proféticos, mas não formam necessariamente uma família tradicional e não possuem o mesmo status e posição na comunidade, além de possuírem ministérios paralelos e independentes. M^a César já exercia antes de se casar novamente, o papel de chefe de família, além de ter conseguido um papel destacado e respeitado junto a sua comunidade, que rendeu o reconhecimento como pastora, faltando somente a oficialização. Enquanto seu esposo, Luis Sá, ainda está iniciando sua trajetória

na comunidade e precisa subir alguns degraus dentro do modelo celular para equiparar-se ministerialmente a sua esposa. Mas como esta condição é vivenciada pelo casal dentro do discurso celular?

No G12, há uma ênfase no ministério de casais e a difusão da idéia de que a Visão Celular “nivela” a todos: homens e mulheres, novos e velhos convertidos, líderes e liderados, na mesma condição. Não somente no sentido de que todos são iguais perante Deus, mas partindo do princípio de que todos passaram pela mesma formação, pelos mesmos passos dentro do modelo. Quando perguntamos separadamente ao casal sobre o que pensavam sobre tal situação, ambos foram enfáticos ao responderem que lidavam com tranqüilidade com este fato, aludindo ao suposto nivelamento que o modelo promove. Para M^a César, seu esposo quando a conheceu, já a encontrou com este ministério bem desenvolvido, portanto, aceitou com facilidade sua condição e se tornou, segundo nos relatou, um intercessor¹¹⁶, colaborador e divulgador de seu trabalho, entendendo sua rotina e acompanhando-a sempre que vai pregar em outras igrejas. Para Luis Sá, o fato de sua esposa ter um ministério mais desenvolvido é algo encarado positivamente, pois como nos disse: *“minha esposa não está na minha frente, ela está ao meu lado e pela necessidade eu sempre estou ao lado dela”*. Além disto, ele considera estar quebrando um tabu comum entre os homens no meio evangélico, por reconhecer que sua esposa tem mais células que ele e está numa posição maior que a sua, agindo de forma a incentivar e divulgar o trabalho que ela realiza.

Mas até que ponto este discurso está em conformidade com a prática destes casais da Visão? Não podemos dizer que o simples discurso de nivelamento que proferem dentro do modelo celular, acabou com todas as diferenças existentes, de tempo de conversão, de posições hierárquicas dentro da comunidade e de gênero, pois na concepção do modelo, além da ênfase no ministério ou sacerdócio de casais e famílias, permanece a velha ênfase do sacerdócio do homem na família e na igreja. A respeito disto Castellanos, afirmou:

“A Bíblia é plena de relatos em que vemos o homem como “ cabeça” em distintos processos de liderança em sua própria vida, na família, na sociedade.”
117

“O líder tem que entender que sua primeira conquista tem de ser sua família, uma vez que, quando Deus estabeleceu o matrimônio, delegou funções muito específicas para cada um dos conjugues. O Senhor confiou a liderança da família

¹¹⁶ No meio evangélico, aquele que ora intercede pela vida de uma pessoa.

¹¹⁷ Castellanos, César. *Sonha e Ganharás o mundo*. Op.cit. p. 157

ao homem, o qual não deve confundir com um governo ditatorial, pelo contrário, ele deve responder, como líder a todas as necessidades do seu lar.”¹¹⁸

Sendo então, se por um lado, o discurso da Visão nivela e incentiva o trabalho eclesialístico de casais de líderes e famílias, por outro lado, este discurso enfatiza quem deve exercer o poder de liderança no casal ou na família sacerdotal.

Se a condição hierárquica é reconhecida e vivenciada com tranquilidade pelo casal M^a César e Luis Sá dentro do discurso celular, o fato de serem um casal atuante no ministério é apontado por eles como algo que potencializa sua produtividade dentro da Visão. Na entrevista de Luis Sá eram recorrentes as idéias de acréscimo, prosperidade, multiplicação, “frutificação”, que o casamento proporciona ao ministério do homem e da mulher. “*Paulo*¹¹⁹ *foi solteiro no ministério dele, mas eu creio que tudo que ele conquistou no ministério dele, se ele fosse casado, conquistaria mais*”. Podemos entender que esta produtividade potencializada na vida do casal provém da própria circunstância em que se encontram. Antes de conhecer M^a César, ela e os filhos já eram evangélicos e já faziam cultos em sua casa, e entrando na Visão, todos passaram a colaborar com o trabalho das células. Não há portanto, nessa família nenhum entrave ao trabalho celular e aos eventos extra-igreja que o casal participa. Diferente seria num casal ou família em que somente o homem ou a mulher, houvessem se convertido e tivessem a incumbência de convencer seu parceiro e filhos a se converterem e aceitarem a célula em suas casas, o que certamente poderia interferir ou comprometer a produtividade esperada do líder.

O sacerdócio do casal ou da família, com o funcionamento de uma célula numa casa, também “força” aos casais ou um dos cônjuges, a se adequar e adequar seu casamento à moral e à doutrina protestante. Isto é inclusive uma condição para que uma célula seja aberta na casa de um casal. Em primeiro lugar, se somente um dos conjugues se converteu e se tornou líder, precisa da permissão do outro para abrir a célula na sua casa. Se forem um casal que apenas cohabita (mora junto), precisam oficializar o casamento. Se há problemas conjugais, eles precisam ser resolvidos antes da abertura da célula, ou procura-se resolvê-los à medida que o trabalho tem andamento. Isto se justifica pelo fato de que, se a Visão busca a transformação social a partir das famílias, seus componentes precisam ser exemplo

¹¹⁸ Castellanos, César. Liderança de Sucesso através dos 12. Op. cit. P. 126.

¹¹⁹ Referindo-se ao Apóstolo Paulo e seu ministério descrito no Novo Testamento.

de santificação, de comportamento, para influenciar aqueles que freqüentam. Isto fica evidente nas palavras de Luis Sá:

“O principio da Visão Celular é ter uma célula na sua casa por que você precisa primeiro formar sua família. A primeira sede do homem cristão é sua própria família. Quando nós abrimos uma célula na nossa casa, nós vamos ser uma luz para a nossa família, para nossos vizinhos e para a sociedade. O líder que abre uma célula, vai abrir a casa dele, a privacidade dele, se for um homem que não tem amor a esposa e aos filhos, ele não vai ter coragem de demonstrar esse caráter perverso aos outros. A célula serve primeiro para o líder ser um modelo, porque ninguém vai acompanhar um líder fumante, prostituto, bebedor, mau caráter. Se o líder não for modelos, não vai formar modelos.”¹²⁰

O sacerdócio do casal e a abertura de células entre estes, visa contribuir para diminuição do numero de divórcios, de coabitações, de traições, de violência doméstica e de outros problemas vivenciados pelos casais, além de colocar homens, mulheres e filhos no trabalho sistemático pelo crescimento da igreja. E quanto aos solteiros? Nossas próximas entrevistadas são solteiras, jovens, filhas de famílias numerosas e que vivenciaram de forma diferente a formação como líderes e a abertura de células em suas casas.

A fiel Daniele Maciel dos Santos, também da PIBB, tem 27 anos e três anos e meio de convertida. Reside no bairro de Fazenda Grande do Retiro com seus pais, três irmãos e uma avó.¹²¹ Como nos relatou, resolveu se tornar líder após sentir-se “tocada” pelos sucessivos apelos feitos durante as pregações, iniciando a escola de líderes em 2007 e concluindo em 2008. Durante o curso e mesmo após sua conclusão, participou de uma célula, período que encarou como uma preparação para iniciar sua própria célula. Na ocasião em que a entrevistamos, havia aberto sua primeira célula na casa de seus pais um mês antes. Por ser recente, sua célula só contava com três pessoas: uma irmã, uma amiga e uma vizinha, todas praticamente na mesma faixa etária que Daniele, uma delas inclusive, nos alertou a própria entrevistada, foi quem a “ganhou pra Jesus”, no entanto, se tornou uma de suas discípulas.

Apesar de estar iniciando sua trajetória de liderança na Visão, Daniele conseguiu um feito interessante para uma novata: converteu praticamente toda a sua família antes mesmo de concluir seu curso de líder. Nascida numa família de católicos praticantes, assim que se

¹²⁰ Luís Carlos Sá entrevistado em 27.09.2009 no templo da PIBB.

¹²¹ Daniele Maciel dos Santos entrevistada em 02.10.2009, na sua residência.

converteu, Daniele viu-se incumbida da missão de “salvar” sua família. A seguir um trecho do seu relato em que fala sobre este processo:

“Eu comecei a ir para o culto e chegava em casa e falava sobre tudo que eu aprendia, falava como era o pastor, a pregação, os louvores e eles começaram a ver o testemunho em mim, pois eu era muita tímida e o Senhor me tratou pra começar a falar da Palavra, das coisas de Deus. Eles foram vendo como eu fui mudando e isso foi tocando o coração deles. Eu comecei a convidá-los quando tinha eventos alegres que eu via que dava pra conquistá-los. Todos eram católicos praticantes. Foi uma dificuldade muito grande, neste sentido, minha avó, por exemplo, tinha no quarto dela uma bancada cheia de imagens e eu comecei a falar que aquilo não agradava a Deus, que tinha na Bíblia e eu comecei a ler pra ela estes trechos. Minha avó começou a creditar e meu pai se levantou, falou que não era pra eu me meter na religião deles, pois ele respeitou a minha. Mas eu fiquei orando e insistindo e assim consegui convertê-los um após o outro”.¹²²

Todos em sua casa se converteram com exceção de seu pai, que porém, freqüente e participa de alguns cultos e eventos da PIBB, quando a filha o convida. Se a conversão de sua família não se deu exatamente após a abertura de uma célula em sua casa, o que é buscado no modelo celular, não está também desassociada da Visão. A própria Daniele argumentou, que aprendeu freqüentando a escola de líderes, estratégias de como proceder em casa (a questão do testemunho, do exemplo) e de como abordar seus familiares. Como já foi salientado anteriormente, a Visão propõe estratégias mais incisivas de conversão, levando seus adeptos a perseguirem com mais afinco o ideal de converter toda uma família. No caso de Daniele, só após a conversão de sua família foi possível abrir uma célula em sua casa, sem gerar conflitos. Segundo seu relato, agora seus familiares além de aceitar, também ajudam na realização da célula.

Um pouco diferente foi o caso da fiel da PIBAPE, Patrícia de Castro Silva, 37 anos de idade e 15 anos de convertida.¹²³ Sua trajetória de liderança foi curta e não teve continuidade, pois sua única célula aberta acabou fechando, e a própria PIBAPE, como já falado, também saiu da Visão. Sua formação como líder começou em 2002, motivada pela euforia que tomava conta da comunidade por ocasião da implantação do modelo celular. Enquanto cursava a escola de líderes foi chamada para participar de uma célula, cuidando de crianças. Após algum tempo, decidiu reunir algumas pessoas da célula que participava e

¹²² Idem.

¹²³ Patrícia de Castro Silva foi entrevistada em 06.10.2009 em sua residência.

chamar algumas vizinhas próximas, para dar início a sua própria célula na casa de seus pais. Patrícia vive com uma família numerosa, e alguns dentre seus familiares são evangélicos de várias denominações. Nos contou que sua primeira dificuldade foi convencer a mãe (seu pai é falecido) e as irmãs a permitirem que ela abrisse a célula. Sua mãe que não é evangélica viu com desconfiança tal fato e suas irmãs que são de outras denominações a criticaram, pois como já abordado anteriormente, naquele momento, a Visão era bastante criticada no meio evangélico em geral.

A célula de Patrícia começou com seis mulheres e chegou ao número máximo de quinze. Destas mulheres que freqüentavam sua célula, a maioria segundo Patrícia, era casada, o que lhe custou algumas dificuldades na questão do aconselhamento (que precisava fazer com certa freqüência), sendo solteira e como ela mesma colocou, sem muita experiência de vida. Sua célula durou apenas dois anos, nunca chegou a multiplicar e enfrentou o problema da rotatividade (muitas participantes saíam, outras novas chegavam) e do excesso de problemas, que se acumulavam sobre ela. Nas palavras de Patrícia, suas dificuldades pioraram quando ela precisou trabalhar fora e deixou designadas algumas pessoas para dar continuidade a célula, o que levou a um certo desentendimento com suas lideradas e fez com que ela perdesse aos poucos o controle e até o interesse sobre sua célula. A nosso pedido, fazendo uma auto-avaliação das razões do fechamento de sua célula, Patrícia nos revelou uma série de questões sintetizadas nas palavras abaixo:

“Eu acho também que eu tinha pouca experiência para lidar com tantos problemas que surgiam, porque todo dia surgia uma coisa, todo dia e não era igual, eram coisas diferentes... eu acho que devia ter me esforçado mais, ter tido mais coragem, eu acho que me acomodei... eu me sentia sufocada com tantos problemas pra resolver, mas por outro lado, quando tinha situações que eram resolvidas eu me sentia gratificada, porque não tinha só problema. Nós tivemos vitórias e derrotas, teve muita coisa boa também... eu avalio que enquanto durou foi muito bom, mas teve muitos altos e baixos. Quando a Visão chegou, todo mundo ficou empolgado, mas depois foi esfriando. Então neste contexto eu também fui esfriando. A verdade é que você precisa depender muito de Deus, ter disciplina, tempo pra se dedicar, querer e enfrentar tudo, independente de receber uma recompensa ou um obrigado, você não sabe se a pessoa que ajudou vai voltar pra te agradecer, mas tem que saber que aquilo que você fez não foi em vão, tem que fazer sem querer reconhecimento”.¹²⁴

A célula de Patrícia fechou num contexto em que a PIBAPE também enfrentava problemas com a permanência da Visão e várias outras células já haviam fechado, o que levou a saída da comunidade da Visão em 2008, como já abordado. Em contrapartida,

¹²⁴ Depoimento de Patrícia de Castro Silva em 06.10.2009 em sua residência.

Patrícia considera que apesar das dificuldades e do fato de não ser mais uma líder, a abertura de uma célula em sua casa fez diferença para sua família. De 10 pessoas da família, cinco pessoas já eram evangélicas de varias denominações, passaram a participar da célula mais continuaram em suas respectivas igrejas. Do restante, nenhum chegou a se converter através da célula, mas ela considera que acabou sendo para eles, um meio de ouvir “a Palavra de Deus”, o que contribuiu para que se interessassem em ir para a igreja.

Com contextos familiares específicos e bem diferentes, as experiências de liderança de Daniele e Patrícia podem ser entendidas pela própria avaliação que estas fazem e pelas circunstancias em que atuaram. Daniele considerou que seu exemplo pessoal de mudança e sua insistência foi um fator relevante para a conversão de sua família, já Patrícia apontou coisas como a falta de experiência em lidar com os vários problemas que se apresentavam, acomodação, falta de tempo, dedicação, etc. Daniele conheceu a Visão no mesmo tempo em que se converteu, direcionando toda a euforia de uma nova convertida para o trabalho de converter toda uma família. Encontrando em sua casa, ainda que de maioria católica, um ambiente mais propicio à sua pregação. Enquanto que Patrícia, que convivia numa família onde alguns já eram crentes, teve que lidar com as críticas e desconfianças que estes tinham em relação ao modelo celular, além de vivenciar o enfraquecimento do modelo em sua comunidade.

Ambos os casos nos mostram que a eficiência e a produtividade na Visão dependem muito de fatores como o êxito do modelo na comunidade em questão, das motivações pessoais, do grau de envolvimento com o modelo, das condições encontradas no ambiente familiar e a capacidade destes lideres em lidar com os problemas e dificuldades que encontram nesta trajetória. Percebemos também, que para os solteiros, a abertura de uma célula e a formação de uma família sacerdotal, torna-se uma tarefa mais difícil, pelo fato de atuarem sozinhos em ambientes muitas vezes tão complexos e que lhe exijam certos comportamentos.

Se para os casais, a abertura da célula leva a uma adaptação aos padrões evangélicos, e isto é uma condição para o seu funcionamento, para os solteiros elas servem para inculcar e firmar valores, modelos de comportamento e relacionamentos presentes na Bíblia . Aos que desejam abrir uma célula, na casa de sua família, rígidos padrões de santidade também

são exigidos, como a castidade, a obediência aos pais, entre outros, pois o exemplo do líder é apontado como uma forma de converter a família.

Como última questão, avaliando todas as entrevistas realizadas no tocante ao cotidiano das células, não pudemos deixar de observar, o que chamamos de “efeito terapêutico” das células para os seus freqüentantes e as “multifunções” desempenhadas pelos líderes junto aos seus liderados. As células como já vimos, são homogêneas, mulheres lidam com mulheres, homens com homens, casais com casais, etc. O perfil de freqüentantes da célula principal de M^a César é em sua maioria de mulheres casadas, mas também solteiras acima dos trinta e cinco anos. Os freqüentadores das células de Luis Sá também em sua maioria são homens casados e apenas dois são solteiros, todos na faixa dos quarenta aos cinquenta anos. Em ambos os casos, os problemas mais recorrentes que chegam a estes líderes são as questões que envolvem o casamento, como a relação entre os conjugues, a criação dos filhos, etc. Já na célula de Daniele, suas primeiras freqüentadoras são como ela, moças jovens, abaixo dos trinta anos, que estão as voltas com questões sobre o comportamento com os pais, com o namoro, a expectativa de um casamento, a castidade, entre outros. Na célula de Patrícia, haviam mais mulheres casadas, algo que para ela, foi apontado como uma dificuldade quando tinha que aconselhar suas lideradas.

Estas circunstâncias tornam as células , um ambiente propício para que as pessoas se abram, falem de seus problemas cotidianos, compartilhem com os demais freqüentadores suas questões e recebam aconselhamentos e orações dos seus líderes. Nestas condições , também exigem de seus líderes, uma certa flexibilidade e capacidade para lidar com tantas questões que envolvem a totalidade da vida de seus liderados. Nas falas dos nossos entrevistados, em alguns momentos, estas circunstâncias e este cotidiano vivenciado nas células, bem como a atuação destes líderes, nos pareceu uma espécie de “terapia de grupo”. Apesar de não ser exatamente esta a proposta das células como já salientamos, e de seus líderes não pensarem desta forma¹²⁵, é possível observar a semelhança e a funcionalidade disto para o grupo. Como anteriormente abordado, as células seguem uma rotina, mas num dado momento desta seqüência é dado espaço para que as pessoas falem sobre algum problema e peçam oração para aquilo. Neste momento, uma dona de casa pode falar sobre

¹²⁵ Quando indaguei se ele achava isto, Luis Sá não gostou muito da comparação.

sua casa, sobre o marido e assim outras que também passem pelo mesmo problema podem ali compartilhar e orar pela solução do que foi exposto.

Mas este efeito terapêutico ocorre mais especificamente nas chamadas “células de edificação”, que são as células que reúnem os discípulos do líder (seus doze). Nas células de evangelismo, que são as células comuns, por terem uma alta rotatividade de pessoas, a intimidade do grupo pode ser mais difícil. A relação entre o líder e seus doze é mais duradoura e estreita, o que torna mais evidente o controle que o líder exerce sobre os seus liderados, além da total confiança que os liderados tem em expor problemas pessoais aos seus líderes e ao grupo. As pessoas desabafam e se sentem aliviadas em ver que as demais pessoas do grupo passam por problemas semelhantes e a ajudam em oração. Por sua vez, os líderes tem acesso a detalhes da vida de seus liderados e, se esforçam em ser para eles, como mentores e exemplos ao mesmo tempo. Uma fala de Luis Sá exemplifica esta questão. Quando perguntamos a ele sobre a semelhança com uma terapia de grupo e as multifunções que o líder desempenha ele respondeu:

“Tem um pouco disto. O líder é advogado, psicólogo, médico, ele é personal trainer, porque quando o discípulo tá muito gordo, a gente dá uma meta pra ele emagrecer e eles obedecem pelo bem da saúde. Eu mesmo estou buscando emagrecer e me exercitar pra usar meu corpo como exemplo pra eles.”¹²⁶

Vimos até agora que as células fazem parte do plano estratégico de expansão, de participação e de resgate da família na concepção destes evangélicos na Visão, mas para estes, não basta reestruturar a igreja, estar nas casas e formar famílias modelos. É também preciso ir às ruas, fazer guerra espiritual, demarcar seu espaço e relacionar-se com a esfera política como veremos no próximo capítulo.

¹²⁶ Em 27.09.2009 no templo da PIBB.

CAPÍTULO 5

A VISÃO NAS RUAS: MARCHAS, ATOS PROFÉTICOS E REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS

Neste último capítulo, num contexto de transformação cultural que alterou as práticas e representações do protestantismo histórico, abordaremos como a Visão ganhou as ruas de Salvador, através das marchas evangélicas e da realização dos chamados atos proféticos, numa clara estratégia de visibilidade e demarcação de territórios. Veremos também as representações políticas presentes na Visão, no tocante à participação cívica, relações com o poder estabelecido, eleições e voto.

Protestantismo e adequação cultural: os evangélicos se inserem na sociedade

Nas últimas décadas do século XX, além do processo de inserção na lógica de mercado, da intensificação das ações sociais, e do discurso de restauração da família, a religião passou por uma mudança radical em sua relação com a sociedade e suas instituições. Isto se tornou evidente com a flexibilização dos tradicionais usos e costumes do protestantismo histórico e pentecostal, com a exacerbação da noção de Guerra Espiritual e com a inserção na esfera política. O que se observa e que chamou a atenção dos estudiosos é que o neopentecostalismo tornou-se a expressão mais brasileira do protestantismo, que mais se tornou parecido com a sociedade na qual está inserido. Os tradicionais usos e costumes praticados nas igrejas históricas e pentecostais, sempre foram reconhecidos pelos crentes como símbolos de conversão, prova de regeneração e sinal de santificação. Conforme Mariano (1999p. 204), foram as revolucionárias transformações culturais e comportamentais que varreram o Ocidente a partir dos anos 1960 e a necessidade de atrair mais fieis, que fizeram com que estas igrejas se adaptassem aos novos valores, hábitos e gosto dos fieis , flexibilizando a tradicional identidade estética e comportamental pentecostal.

Um exemplo desta mudança é a questão da diversão, que sempre foi delicada para a cultura evangélica assentada nas bases do puritanismo estadunidense. Para Cunha (2007, p. 146), os primeiros grupos evangélicos construíram no Brasil uma cultura de repressão do

corpo e de todo prazer que pudesse advir dele ou a ele ser direcionado. Numa concepção de corpo como “templo do espírito”, todas as coisas e aspectos que “pervertessem” a “natureza pura” do corpo deveriam ser evitados, como o fumo, o consumo de bebidas alcoólicas, a maquiagem, as vestimentas que expõem o corpo, a dança, o sexo fora do casamento e sem fins de procriação, até mesmo o lazer e a diversão, uma ética assumida mais radicalmente pelos pentecostais. Ao longo do tempo, as igrejas históricas passaram a permiti-los, no entanto, dentro do espaço religioso e entre eles mesmos, tentando-se evitar a má influência e a contaminação com os incrédulos e sua diversão considerada mundana. Música popular, televisão, cinema, teatro, espetáculos e dança, passaram a ser lentamente assimilados e adaptados como opções de lazer. Criou-se um conceito de entretenimento religioso, que diferente dos demais, fazem os fieis se divertirem na “presença de Deus”, ou seja, um lazer consagrado a Deus.

Nesta transformação das bases protestantes, a Igreja Renascer em Cristo, conforme Cunha (2007, p.84), inovou ao introduzir apresentações de bandas de jovens nos cultos, tocando diversificados gêneros musicais como o rock, jazz, reggae, rap, hip-hop, funk, samba e pagode, abrindo o espaço litúrgico para a popularização de gêneros musicais até então rejeitados pelos demais seguimentos evangélicos. A aversão que o protestantismo brasileiro criou contra a dança, também foi derrubada pelo neopentecostalismo, que a inseriu no contexto litúrgico dentro e fora das igrejas, como em festas e eventos diversos. Na trilha da Renascer, denominações históricas e pentecostais passaram a aceitar a dança, bem como a realização de bailes e festas embalados por música evangélica, reforçando a idéia de divertimento consagrado, portanto permitido.

A organização de grandes espetáculos também teve um papel preponderante no neopentecostalismo, consolidando o que se convencionou chamar de “espetacularização da fé”, transcendendo o espaço dos templos, alcançando as ruas e outros espaços antes considerados profanos pelos evangélicos. Para Cunha (2007, p.155) isto evidencia que a religião como espetáculo, se faz presente também nos espaços públicos. Casas de shows tornam-se palco de apresentação de artistas evangélicos, bares e discotecas evangélicas são inaugurados, megaeventos são realizados, como festivais de música evangélica e marchas, reunindo centenas e milhares de pessoas. Promovidos por igrejas, gravadoras ou empresas de

marketing, esses eventos tem crescido em numero a cada dia, sendo o maior exemplo, a Marcha para Jesus, da qual falaremos melhor mais adiante.

Ao passo que flexibilizava seus usos e costumes, o protestantismo em transformação reelaborou e exacerbou a noção de guerra espiritual presente desde os primórdios do cristianismo. O princípio da guerra espiritual, para os evangélicos, tem como base uma cosmovisão dualista da realidade, enxergando nesta, a existência de dois reinos: o reino espiritual e o reino da terra. Um conflito permanente entre o bem e o mal, Deus x Diabo, já de antemão vencido pelo reino de Deus, pelo sacrificio vicário de Jesus, mas que requer da igreja de Deus na terra, de cada fiel, a disponibilidade para combater o mal, não só representado pela figura do diabo, construída no cristianismo ao longo do tempo, mas de tudo e de todos que possam ser vistos como um mal a ser combatido. Para Weber: *“A nova de que Cristo rompeu o poder dos demônios pela força de sua inspiração e salvaria seus adeptos do poder deles constituía no cristianismo primitivo uma das mais destacadas e eficazes de suas promessas”* (1994, p. 356)

A noção de guerra espiritual, conforme Mariano (2005, pp. 109-110), foi enfatizada de forma peculiar no pentecostalismo e o diabo tornou-se uma figura constante entre os pentecostais, pois a ele passou-se a atribuir os diversos problemas que podem acometer a vida do fiel, como doenças, acontecimentos ruins e até mesmo a pobreza. Baseados nas passagens bíblicas em que Jesus expulsou demônios e que seus discípulos também o fizeram em seu nome, tornou-se comum entre os pentecostais, a prática de rituais exorcistas para “libertar” possessos e da guerra espiritual pela conquista de pessoas, pela cura ou pela busca de pedidos atendidos. Com o surgimento de igrejas como a Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça, há uma exacerbação da crença na guerra espiritual entre o bem e o mal pelo domínio da humanidade, trazendo a evidência um estilo teológico de igrejas mais agressivas e combativas em relação às forças do mal e aos considerados inimigos da fé. Para Siepierski (2001), o discurso neopentecostal redefine o mal, lhe dá uma cara, um rosto um nome. Na Universal esse mal geralmente tem a cara dos deuses das religiões afro brasileiras, e na Igreja Renascer este assume com freqüência a forma das maldições hereditárias.

Como a mais agressiva das igrejas neopentecostais, a Universal iniciou na década de 1980, algo que passou a ser chamado pela mídia brasileira de “guerra santa”. Apoiados nos

recursos do rádio e da tv, empreenderam uma hostil ofensiva contra os cultos afro brasileiros, fazendo eclodir conflitos, ataques e agressões entre os membros destas religiões, que se tornaram notórios na imprensa. Ao longo dos anos houve muitos casos de ataques a membros dos cultos afros, invasões a terreiros, mas, os alvos também eram os espíritas e os católicos. Na década de 1990 virou polêmica o episódio do “chute na santa”, largamente veiculado na imprensa e que junto com os outros episódios, gerou críticas dos próprios evangélicos de outras denominações a respeito da postura antiética e intolerante da Universal. Entretanto, não somente para a Universal, mas em certa medida também para outras denominações, as entidades do candomblé, as entidades da umbanda, os espíritos do kardecismo e a Igreja Católica, são vistos como responsáveis por uma infinidade de males, infortúnios e sofrimentos na vida dos indivíduos e dos problemas sociais que afligem o Brasil, o que justifica para estes, sucessivas ações de combate ao mal.

Paralela à intensificação destas ações, surgiu uma nova concepção de guerra espiritual baseada no que se convencionou chamar de “teologia do domínio” ou “dominion theology”, que tem suas origens nos Estados Unidos na década de 1980 e chega ao Brasil na década de 1990. Nesta teologia conforme Mariano (2005, p. 137), acredita-se que existem espíritos hereditários e territoriais, que precisam ser combatidos de forma específica. Os espíritos hereditários nesta concepção, são herdados pelo indivíduo de gerações anteriores, pelo contato com o catolicismo, coma as religiões afro, ou quaisquer outras práticas consideradas antibíblicas. Podem dominar uma família, sendo responsáveis por diversos males, tal como doenças, acidentes, separações, problemas de alcoolismo, drogas, etc., tornando necessária a quebra da maldição por meio das orações e da guerra espiritual. Do mesmo modo, crença nos espíritos territoriais tem sido responsável nos últimos anos, por uma atuação mais incisiva dos evangélicos nos espaços públicos, com a promoção de marchas e grandes concentrações ao ar livre.

Mariano (2005, p. 138) coloca que, para os evangélicos que compartilham desta crença, o mundo espiritual tanto do lado de Deus como do lado do diabo, é composto de uma estrutura ou hierarquia muito bem definida. No reino das trevas há demônios específicos distribuídos pelo diabo para agir sobre áreas geográficas específicas como bairros, cidades, países, em instituições e em grupos étnicos, tribais, culturais e religiosos. Estes espíritos dominam os seres presentes nestas regiões ou pertencentes a estes grupos e

precisam ser libertos por meio da guerra espiritual. Uma guerra que, acreditam, demandam um esforço maior por parte dos evangélicos, por serem espíritos considerados de alta hierarquia dentro do reino do mal. Para isso, os evangélicos promovem grandes concentrações de oração, evangelismo ou shows em locais considerados importantes ou estratégicos numa cidade. São realizadas marchas ou caminhadas pelos bairros, com a intenção de empreender uma guerra pela posse daquele determinado território, agindo no próprio local que consideram tomado pelo mal, quebrando as maldições que se considera ali existirem, revertendo os problemas que se supõem advir destas maldições. Acreditam que marchando, orando e quebrando as maldições do lugar, possam ser mudadas situações comuns nos bairros, como por exemplo, a criminalidade, pobreza e prostituição, que como já citado, consideram ser de cunho espiritual.

Tanto a idéia de maldições hereditárias quanto a idéia de espíritos territoriais são freqüentemente utilizados pelos evangélicos como argumento para explicarem “as raízes” dos problemas da nação brasileira, justificando as ações de quebras de maldições em espaços públicos. Para estes, não basta tentar moralizar o país, a partir da transformação do indivíduo e da família, pois a corrupção, as desigualdades, injustiças sociais e a violência são vistas como decorrência de uma maldição hereditária que vem desde a formação do país, marcada pelo domínio estrangeiro, pela escravidão, pelo catolicismo e pela ação dos espíritos que agem sobre locais específicos. A transformação do Brasil passa então pela conversão de seu povo, mas também pela quebra de suas maldições, pela limpeza espiritual de seus espaços importantes e pela tomada destes territórios para Deus. Idéias que estão presentes entre os participantes da Visão, que passaram a fazer nos espaços públicos soteropolitanos ações desta natureza.

Na guerra espiritual pelo domínio de territórios são usados elementos, símbolos e palavras que estão presentes numa guerra real, tal como exército, soldados, a hierarquia militar, armas, etc., permeando a ação e o discurso destes religiosos. Tornou-se comum o uso de camisetas verdes como as usadas pelo exército, com os dizeres “exército de Deus” ou “soldado de Cristo” e frases repetidas de forma enfática nas marchas, como gritos de guerra. Estes eventos promovidos com o intuito de quebrar as maldições de um local, ocorrem sempre em locais de alguma importância para região.

Um exemplo disto em Salvador ocorreu no ano de 2004, quando o grupo Diante do Trono, o maior grupo em vendagens e poder de mobilização de pessoas em seus shows no meio evangélico atual, esteve aqui para realizar um show, escolhendo como local da concentração o Centro Administrativo da Bahia, justamente por ter relevância na política e administração da cidade. Reunindo uma multidão de mais de um milhão de pessoas de diversas igrejas evangélicas de Salvador e algumas cidades do interior, foram feitas orações pela quebra das maldições que “pairam” sobre a Bahia, no tocante à corrupção política e ao fato de ser a capital baiana conhecida como “Bahia de todos os santos”. Pregou-se enfatizando que a Bahia era de um “santo só” e que estava sendo “conquistada” para Jesus¹²⁷. Embora se enfatize ser uma ação religiosa, estas concentrações têm uma forte denotação política e são exemplos da mudança dos discursos e ações do protestantismo contemporâneo.

Conforme Machado (2006, p. 17), os evangélicos tiveram uma discreta atuação no cenário político até os anos 1970 e ganharam visibilidade durante a Assembléia Constituinte de 1988, quando a maioria de seus representantes se posicionou de forma alinhada nas discussões parlamentares, atuando como uma “bancada evangélica”. Desde então, as investigações se voltaram para a inserção e o comportamento político dos atores religiosos naquele contexto. Conforme Freston (1994, p.10), os protestantes históricos elegeram alguns deputados a partir da década de 1930, mas sua atuação era marginal e discreta. Os pentecostais se caracterizaram quase totalmente por uma auto-exclusão da política, evidenciando uma atuação destacada de evangélicos na política somente na Nova República. Essa nova presença evangélica em termos quantitativos (número de deputados) e qualitativo (novas igrejas representadas, novos tipos de políticos e novas estratégias de ação), tornou o Brasil o primeiro exemplo de presença eleitoral e parlamentar significativa por parte de uma minoria protestante num país de tradição católica.

A Bíblia continua a base de legitimidade e de fundamentação do comportamento político dos evangélicos, porém, com novas interpretações. A crença como base ideológica que orienta o comportamento político e cívico dos evangélicos foi um dos temas de uma extensa pesquisa realizada entre diversas denominações presentes no país, coordenada por

¹²⁷ Informação contida na entrevista dada por Ana Paula Valadão, líder da banda evangélica Diante do Trono, disponível em: <<http://www.montesiao.pro.br/louvoradoracao/entrevista03.htm>> acessado em 15/03/2008.

Fernandes (1998). De acordo com a pesquisa, tanto nas igrejas históricas, quanto nas demais, cresce entre os evangélicos a orientação e a prática de votar em candidatos também evangélicos. A Igreja Universal, porém, se diferencia das demais porque não somente tem a forte tendência a votar em candidatos evangélicos, mas também concentra seus votos em candidatos da própria igreja. Ao longo dos anos, ela firmou o poder de lançar candidatos e obter êxitos nas eleições. Para Oro¹²⁸ (2003), esse sucesso político da Universal vem produzindo um “efeito mimético” no campo religioso, levando as igrejas evangélicas principalmente pentecostais e neopentecostais a imitar o seu comportamento político. Estas, lançam-se mais diretamente na política, declaram oficialmente apoio a certos candidatos, lançam seus próprios e direcionam o voto de sua membresia .

Há nestas igrejas, o discurso de que os fiéis são livres para fazerem suas escolhas políticas, todavia, os líderes destas, acabam exercendo influência, quando não, pressão sobre o voto dos membros. Numa pesquisa realizada no Rio de Janeiro tendo como exemplo as eleições presidenciais de 2002, Bohn (2004) constatou que , embora tenham acesso aos jornais, comícios, programas eleitorais e debates promovidos por emissoras, as informações recebidas na igreja, sobre os candidatos, afetam fortemente este eleitorado. Independente de identificação ou “simpatia” partidária, o apoio de autoridades religiosas é mencionado por uma grande parcela de evangélicos como sendo a fonte mais importante na hora de sua decisão, e tanto Bohn quanto Fernandes (1998), apontam que a vasta maioria dos evangélicos não se identifica ou simpatiza com qualquer partido político.

Nas eleições presidenciais de 1994, conforme Fernandes (1998), as idéias de progresso e desenvolvimento que estavam presentes na candidatura de Fernando Henrique Cardoso, juntamente com o apoio das autoridades religiosas, foram cruciais para o voto deste segmento e a reeleição do então presidente, como também para a grande rejeição que obteve o candidato Luís Inácio Lula da Silva. Já na campanha de 2002, a presença do candidato evangélico Anthony Garotinho, foi fundamental para mobilizar o voto dos fiéis de todo o país. Em sua pesquisa Bohn (2004), constatou que Garotinho obteve a maioria

¹²⁸ A Política da Igreja Universal e seus Reflexos nos Campos Religioso e Político Brasileiros disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18078.pdf>. Acesso em 09/02/2008.

dos votos desta parcela da população no primeiro turno, o que confirma a tendência mais recente dos evangélicos de votarem nos seus “irmãos”.

Após esta exposição, passaremos a discorrer sobre as estratégias de demarcação e conquista de territórios, bem como as representações e ações políticas presentes na Visão.

As marchas evangélicas pelas ruas de Salvador

Como vimos, nos últimos anos, os evangélicos passaram a promover e participar cada vez mais de marchas e caminhadas por diversas cidades do país. A Marcha foi criada em 1987, em Londres na Inglaterra, por um pastor e alguns cantores evangélicos, com o objetivo de dar visibilidade e destaque para os evangélicos locais, além de manifestar a opinião da comunidade evangélica em favor da paz e da igualdade social. Desde seu início então, adquiriu um cunho político. Nos anos seguintes, a idéia tornou-se popular e passou a ser imitada em outras regiões européias, chegando até outros continentes. No ano de 1998, segundo estimativas, mais de 10 milhões de pessoas em diversos países participaram da Marcha, realizada em vários locais simultaneamente¹²⁹. No Brasil é realizada desde 1993 e organizada pela Fundação Renascer, uma instituição ligada à Igreja Renascer em Cristo. A cada ano reúne diversas denominações evangélicas em diversos estados brasileiros.

A Marcha se tornou um megaevento, que já faz parte do calendário evangélico nacional. Normalmente são percorridas as principais ruas e avenidas das capitais brasileiras, com o acompanhamento de trios elétricos, artistas e bandas evangélicas, contando com a presença dos líderes evangélicos locais. Quase sempre conta também, com a presença de personalidades do cenário político, evangélicos ou não, muitas vezes em busca do voto dos fiéis. Nas Marchas, a reunião de centenas ou milhares de evangélicos da cidade ou região, traz cada vez mais visibilidade e destaque a este seguimento. São feitas orações pelo país e pelas cidades em questão. O termo Marcha conforme Siepiersk (2001), vem da concepção evangélica de guerra espiritual, de que se está travando uma guerra pelo avanço evangélico na sociedade, e os fiéis marchando, representam os “soldados de Cristo” participando desta batalha. Nestes últimos anos, nas marchas pelo país, não ficaram de fora as igrejas da Visão, que se tornavam visíveis à medida que a Visão se expandia no Brasil. A referência bíblica normalmente usada para as marchas evangélicas é uma

¹²⁹ Informações encontradas em : <http://www.marchaparajesus.com.br> . Acesso em 05/03/2008.

passagem do Velho Testamento, que narra os Israelenses entrando em guerra pela tomada da cidade de Jericó , comandados por Josué e seguindo uma ordem divina. Segundo o texto bíblico¹³⁰ , os israelitas marcharam ao redor da cidade, ao som de trombetas, entoando gritos de guerra, até que os muros dela caíram.

Em Salvador, a Marcha começou a ser realizada no ano de 1998 e se tornou o primeiro evento evangélico reconhecido pela prefeitura da cidade como integrante do calendário oficial de festas.¹³¹ Em seus primeiros anos, a Marcha seguiu o mesmo trajeto do considerado circuito Osmar do Carnaval baiano, ou seja, os evangélicos marcharam do Campo Grande até a Praça Castro Alves sempre em tardes de sábado. Tempos depois passou a ser realizada no circuito Barra-Ondina, onde permanece até os dias atuais. A Marcha sempre atraiu a participação de diversas denominações evangélicas existentes na cidade. São colocados diversos trios elétricos com bandas e artistas evangélicos do cenário local, tocando músicas religiosas em diversos ritmos como o próprio axé e o pagode, embalando os fiéis que dançam, fazem coreografias e acompanham os trios, uma questão inclusive, que motivou críticas por parte dos jornais consultados.¹³² Algumas destas denominações saem todos os anos com trios próprios, como por exemplo a Igreja Universal, Igreja do Evangelho Quadrangular, Assembléia de Deus e Batista¹³³ . Os fiéis vão vestidos com camisetas, lenços, bonés ou faixas na cabeça, levando ainda faixas com motivos e dizeres evangélicos.¹³⁴ Nos primeiros anos da Marcha, após a caminhada, havia uma concentração na Praça Castro Alves, num palco armado, para dar prosseguimento ao evento com mais apresentações e palavras de pastores locais, geralmente os envolvidos na organização do evento. Quando passou a ser realizada no circuito Barra – Ondina, o palco passou a ser armado no Farol da Barra. Subiam também ao palco, autoridades políticas locais, políticos e candidatos evangélicos. As críticas iniciais dos jornais, deram lugar, anos depois, a um discurso mais flexível quanto ao som dos trios e à forma como os fiéis participavam da Marcha, o que nos leva a considerar, que a própria sociedade soteropolitana começou a se acostumar com a realização das marchas , com a nova estética

¹³⁰ Bíblia de Estudo Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

¹³¹ Segundo o Jornal A Tarde de 04 de junho de 2000, p. 05.

¹³² Jornal A Tarde de 03 de junho de 2001, p. 03 e Jornal Tribuna da Bahia de 04 de junho de 2001, p. 08.

¹³³ Jornal A Tarde de 19 de maio de 2002, p.04.

¹³⁴ Jornal A Tarde de 09 de junho de 2003, p. 04.

e costumes dos evangélicos contemporâneos. . Encontramos no mesmo jornal a seguinte descrição:

“A XII edição da Marcha para Jesus em Salvador reuniu, neste sábado, 26, mais de 20 mil pessoas, segundo informaram os organizadores do evento. Jovens, crianças e idosos cantavam músicas evangélicas e oravam ao som dos 15 trios elétricos contratados para animar a festa cristã. A fê dos participantes era demonstrada em camisas, faixas e bonés. Tudo que usavam tinha uma mensagem de paz e adoração a Jesus Cristo. As coreografias também fizeram parte da marcha. Mãos para cima, palmas e refrões foram uma das várias formas de louvar a Deus”¹³⁵

Realizada entre os meses de maio e junho, as datas da Marcha coincidem com as festividades da Igreja Católica. Constatamos nos jornais analisados, que sempre ao lado ou abaixo das notas sobre a realização das Marchas, havia notas sobre a comemoração do pentecostes pelos católicos e a realização ou encerramento da trezena em honra a Santo Antônio, o que demonstra o caráter de guerra espiritual do evento, de enfrentamento com as práticas religiosas concorrentes. Segundo os jornais analisados, a Marcha apresentou um aumento de participantes a cada ano de realização, em 2001 chegou a contar com 20 trios elétricos¹³⁶ e em 2002 reuniu 150 mil pessoas.¹³⁷ Ressalte-se, que estes números são estimativas da polícia militar, e também o fato de que outras pessoas não evangélicas participam e acompanham o trajeto dos trios, pois obviamente eles chamam a atenção dos moradores das proximidades.

Em 2008, ano das eleições municipais de Salvador, a Marcha contou com a participação de alguns políticos locais, sobretudo a presença do então prefeito João Henrique, que concorria à reeleição da prefeitura da cidade. Durante a caminhada circulou livremente pelo povo, sendo bastante assediado, abraçado e solicitado para tirar fotos com os fieis. Ao fim da caminhada quando se dá início às apresentações no palco, foi chamado a falar algumas palavras para o público presente. Animado com a receptividade durante o evento, agradeceu ao público e frisou a possibilidade de se realizar mais de uma marcha por ano na cidade. De um telão instalado no palco, o Apóstolo Estevam Hernanes da Igreja Renascer em Cristo, falou diretamente dos Estados Unidos¹³⁸ com o prefeito e os fiéis. Hernanes fez elogios ao caráter do prefeito, a quem considerou um “homem temente a

¹³⁵ Jornal A Tarde de 26 de junho de 2004, p. 04

¹³⁶ Jornal A Tarde de 03 de junho de 2001, p. 03.

¹³⁷ Jornal A Tarde de 19 de maio de 2002, p. 04

¹³⁸ Onde cumpria pena por ter entrado neste país com dólares não declarados.

Deus” e bom administrador, frisando que seus esforços garantiram que a Marcha ocorresse. E, numa clara atitude política, dirigiu-se aos baianos ressaltando a importância de se ter no governo homens de Deus, justificando com isto a continuidade de João Henrique no poder soteropolitanos nos anos seguintes. Este apelo à reeleição, ressalte-se, ocorreu alguns meses antes da campanha política ser aberta oficialmente. Para encerrar o apoio dado ao então candidato, João Henrique recebeu orações e imposições de mãos dos diversos pastores no palco e também dos fieis presentes no evento.

Na Visão, as marchas são intensificadas e transformadas num momento propício para a realização dos atos proféticos na batalha espiritual pela cidade, pelo estado, pelo país. Nestas marchas transformadas em atos proféticos, procura-se garantir maior eficácia na guerra, combater o mal de forma mais incisiva, demarcando um território para conquistá-lo para Deus. Para tanto, são usados novos elementos, foram criadas marchas próprias, com outras circunstâncias para sua realização, como o exemplo dos eventos criados por Terra Nova, que inspiraram seus discípulos soteropolitanos, como falaremos melhor mais adiante.

Os Atos Proféticos

Entre os batistas da Visão tornou-se comum a realização do que chamam de atos proféticos. O próprio termo “profético” popularizou-se no meio evangélico dos últimos anos. Remete ao Antigo Testamento, à figura dos profetas que, sendo escolhidos divinamente, adquiriam uma legitimidade para agir e intervir em fatos de seu tempo, como enviados de Deus para cumprir seus propósitos na terra. Vem sendo usado nos tempos atuais para caracterizar algo dotado de poder espiritual, de legitimidade divina ou algo que acontecerá de forma milagrosa. Algumas expressões tornaram-se comuns, como igreja profética, louvor profético, mensagem profética, etc. A própria imagem do líder ministerial mudou, muitos são vistos como profetas, visionários, apóstolos, sobretudo no meio neopentecostal. A idéia de ato profético para os evangélicos da Visão, remete a uma atitude, uma ação realizada, que contém uma fundamentação bíblica, garantindo-lhe legitimidade e eficácia. É uma atitude concreta, realizada no mundo físico, mas que carrega uma simbologia, um significado espiritual. Por meio da fé do fiel, a ação pode trazer do mundo espiritual o resultado que se espera no mundo físico, ou seja, trazer à existência o que não existe.

Nas palavras de Terra Nova (2004, p.13), o líder religioso que iniciou no Brasil a realização sistemática destes eventos, um ato profético *“é uma expressão, uma atitude visível da igreja que tem uma referência e um respaldo no mundo espiritual. Digo que o ato profético é uma mensagem enviada ao reino do espírito que ratifica a ação da fé e da palavra”*. Para eles, trata-se do cumprimento de um comando de Divino e não uma simples invenção humana, pois na Bíblia há diversas referências a atos proféticos. Diversas situações vivenciadas nas igrejas, inclusive, são consideradas atos proféticos, como o ato de pregar, de batizar em águas, de celebrar mensalmente a ceia, de ungir com óleo, de dar dízimos, ofertas e fazer orações. Preguar simboliza estar levando a verdade evangélica e promover libertação da ignorância espiritual. O batismo simboliza para o novo fiel, um novo nascimento, uma nova vida que passará a ter dentro dos preceitos evangélicos. Ungir com óleo significa marcar a pessoa, objeto ou local para Deus, selando-a. Os dízimos simbolizam que o fiel está “semeando” no mundo espiritual, para “colher” no mundo material. As orações são consideradas palavras ditas no mundo físico, mas que alcançam o mundo espiritual, trazendo à existência as bênçãos pedidas. São todos atos considerados proféticos, porque são realizados por meio da fé, acreditando que se concretizarão no mundo físico.

A participação dos fieis em atos proféticos é sempre enfatizada seja no espaço da igreja ou das casas. O próprio surgimento da Visão Celular foi encarado como algo profético, que estava anunciando uma explosão no crescimento do número de evangélicos, nestes “últimos tempos”. A abertura de células nas casas é encarada como um ato profético simbolizando a entrada da mensagem evangélica nos lares, a conversão e restauração da família. Mas foi, sobretudo no espaço extra-igreja, que estes religiosos realizaram atos proféticos, que apesar do simbolismo espiritual, adquiriram um significado político, revelando um projeto de conquista da nação, não somente com orações e atitudes de fé, mas com ações concretas.

Representações Políticas na Visão

As ações “proféticas” da Visão carregam significados políticos relevantes e refletem as representações e práticas do grupo na busca pela redenção da nação ao evangelho. Nos

dez anos de ação da Visão abordados em nosso estudo, foram sistematizados marchas, atos proféticos, eventos e congressos, planos de ação evangelística e de formação de lideranças, bem como o apoio e a eleição de políticos evangélicos. Um primeiro exemplo destas ações teve início logo nos primeiros momentos do modelo no país.

No ano de 2000, Terra Nova elaborou o que chamou de Congresso de Resgate da Nação, um evento de cinco dias, realizado no feriado prolongado do Descobrimento do Brasil. Neste ano, foram comemorados os 500 anos do descobrimento, com manifestações festivas em todo país. O evento teve a escolha desta data, justamente pelo simbolismo, pelo que representa em termos de “nascimento” da nação brasileira. O Congresso entrou para o calendário de eventos realizados anualmente pelo MIR e continuou acontecendo nos anos seguintes sempre nesta data. Unindo uma data histórica à ênfase nos atos proféticos, o objetivo do evento todos os anos é *“realizar atos proféticos e redimir a história do Brasil do período de 1900 até os dias de hoje”*.¹³⁹ Relatando sobre os atos proféticos, Terra Nova deixa claro o porquê da escolha de datas e lugares específicos para realização destes. Em sua afirmação:

“Não podemos sair ungindo qualquer lugar. Devemos ungir lugares que façam diferença no contexto histórico de uma cidade. Alguns lugares de uma cidade são estratégicos para a realização de atos proféticos: avenidas, estradas interestaduais, aeroportos, rodoviárias, portos, maternidades, cadeias ou penitenciárias, hospitais, palácios de governos, áreas culturais da cidade, secretarias, bairros perigosos, bases de Roma¹⁴⁰, procissões. Nas missas de impacto como quaresma, Corpus Christi, dias de santos, os crentes que têm que fazer atos proféticos. Nos cemitérios, em dia de finados, precisamos fazer atos proféticos, porque ali fazem invocações a espíritos hereditários”. (2004, p. 30)

Alguns elementos são importantes para a realização dos atos proféticos, como as bandeiras, o Shofar, o óleo, vinho, o pão e o azeite. O Shofar é um antigo instrumento de sopro que faz parte da religiosidade e da cultura judaica, geralmente é feito a partir de um chifre de carneiro, simbolizando uma passagem da Torá, onde um carneiro é oferecido no lugar de Isaac, filho do patriarca bíblico Abraão. Segundo a tradição judaica, o toque forte do Shofar era entoado na antiguidade quando o povo judeu fazia guerra contra seus inimigos, servindo como um grito de guerra. O Shofar vem sendo muito usado na Visão,

¹³⁹ Publicação do MIR contendo informações, mensagens e programação do Congresso de Resgate da Nação de 2004. Utilizamos porquê mesmo sendo um período posterior ao nosso recorte, cita o objetivo geral do evento e informações de anos anteriores. p. 35.

¹⁴⁰ Se referindo provavelmente à lugares considerados de posse ou influência da Igreja Católica Romana.

assim como outros elementos da cultura judaica, pois Terra Nova incorporou à Visão no Brasil, uma ênfase em Israel, suas festas e símbolos, dentro de uma concepção de retorno, de resgate das festas e elementos do Antigo Testamento¹⁴¹. Levantar e fincar a bandeira significa demarcar um território, o toque do Shofar simboliza a atitude de declarar guerra ou um grito que chama os guerreiros para a guerra, e o óleo como já abordado, significa libertar e marcar o local para Deus. A participação de lideranças ou autoridades religiosas competentes para o ato, se faz necessário. Na Visão há um discurso de ser “legitimado” para tal coisa, de ter legalidade para executar algo, de ser autorizado, neste caso, um líder autoriza ou legitima alguém a fazer os atos proféticos. A repetição dos atos num local é enfatizada, pois a cada ato, acredita-se, o mal vai sendo combatido, enfraquecido, até ser expulso, para sua posterior conquista. Ao passo que repetem os atos vão demarcando aquele território, ganhando visibilidade e aceitação da sociedade para a realização destes atos.

Quando criou o Congresso de Resgate da Nação em 2000, Terra Nova escolheu como sede, Porto Seguro na Bahia, por ser considerado o “útero” da nação, o local de seu nascimento. Representava o local, a data e o momento estratégico na realização de atos proféticos para conquista da nação, num evento que se repetiria anualmente, planejando ações de evangelismo de impacto em todo o território nacional. O evento foi criado para reunir os líderes de igrejas na Visão G12 de todo o país e até de outras nações. Além de palestras sobre os temas da Visão, o evento contou desde sua primeira realização, com atos proféticos em prol da redenção do Brasil, mas especificamente, do seu passado histórico. Terra Nova tem no seu discurso uma preocupação com a História do Brasil, no que considera suas maldições hereditárias, adquiridas na sua formação marcada pelo domínio português, pela escravidão e pela religiosidade Católica. Neste sentido, os atos proféticos seriam capazes de redimir os erros do passado nacional sinalizando um futuro melhor. Todos os anos após o congresso são realizadas marchas pelas ruas de Porto Seguro encerrando o evento, “limpando” e tomando o “útero” do país para Deus. Relatando sobre a realização do primeiro Congresso em 2000, Terra Nova mencionou que:

“ Líderes de todo o país e representantes internacionais fincaram os pés no útero brasileiro e proclamaram o senhorio de Jesus. À época, Antônio e Carla Melo, pastores de Portugal em nome de seus antepassados pediram perdão ao povo

¹⁴¹ Isto lhe rendeu inclusive, muitas críticas do meio evangélico, que consideram a Visão judaizante.

brasileiro pelas injustiças, prejuízos e mortes causados no período do descobrimento e conseqüente colonização até os dias de hoje”.¹⁴²

A cada ano o evento explorava um tema. Em 2000 o tema foi “Brasil em Células”, em 2001 “Conquistando Novos Territórios”, em 2002 “Construindo os Muros da Nação através da Visão Celular no Governo dos 12, em 2003 “ Proteger as Portas da Nação através do Governo dos 12”, e neste mesmo ano, foi lançado um projeto a médio prazo, intitulado : “2008, o Brasil será Outro”. O projeto visava desenvolver lideranças em todo o país , para ampliarem o modelo da Visão G12 no Brasil e para restauração da nação, mas o que se evidencia no discurso é um projeto político alternativo para a nação , mais do que um projeto religioso. Relatando sobre o que acreditava que aconteceria ao final dos cinco anos de execução do projeto, Terra Nova afirmou :

“Resgataremos o amor à Pátria, o respeito ao solo, reverência à bandeira, conheceremos o nosso escudo, saberemos porquê somos geograficamente divididos em estados e a importância dessa conquista. Seremos uma multidão de santos em todas as camadas sociais. Os cargos administrativos dessa nação, os cargos de confiança, serão de responsabilidade da Igreja. É a tomada do cetro de Roma para Jerusalém voltar a governar, ou seja, uma Igreja com o caráter do Messias. Estaremos com a nação nas mãos e entregando uma geração para Deus. E o aumento do Seu Reino não terá fim.”¹⁴³

Este projeto político alternativo, objetiva uma tomada do poder muito bem definida e organizada, com estratégias e metas. Busca-se de forma incisiva não somente a inserção na esfera política , permeada por uma concepção religiosa, mas que a própria política se revista de um caráter teocrático. Neste caso, o interesse religioso se relaciona e se confunde com o interesse político. Para Bourdieu (1998), a religião ao se relacionar com a esfera política, age no sentido de legitimação da ordem estabelecida. Embora as representações e práticas religiosas tenham em seu discurso o espiritual, o sobrenatural, reproduzem de fato, relações sociais terrenas, marcadas pelo antagonismo de grupos ou classes, definido sua posição na hierarquia do poder.

Ao longo dos anos que divulgou a Visão no país e criou uma extensa rede de igrejas ligadas ao MIR, Terra Nova recebeu alguns títulos significativos e indicativos de que gozou de boas relações com a esfera política. Em maio de 2000, recebeu o título de Cidadão do

¹⁴² Publicação do MIR contendo informações, mensagens e programação do Congresso de Resgate da Nação de 2004. p. 11.

¹⁴³ Publicação do MIR contendo informações, mensagens e programação do 7º Congresso Internacional da Visão Celular no Governo dos 12, Manaus, novembro de 2004. p.27.

Amazonas conferido pelo Poder Legislativo Amazonense, em 2001 foi consagrado Apóstolo do Brasil e das Nações. Em outubro de 2002 recebeu o título de Cidadão Feirense-BA, em abril de 2002 recebeu da Assembléia Legislativa de Salvador o reconhecimento pelo trabalho na Visão Celular no Governo dos 12, em julho do mesmo ano foi nomeado na Suíça, embaixador da Embaixada Internacional Cristã de Jerusalém-ICEJ (sigla em inglês) para o Brasil e outros países da América do Sul, em agosto o Congresso Nacional homenageou o MIR através dele. Em setembro de 2003, foi condecorado com a mais alta honraria do Poder Legislativo do Rio de Janeiro, a Medalha Tiradentes. Todos os títulos foram entendidos como conquista de territórios.¹⁴⁴

Mas qual era o cenário político que ocasionava as orações, ações, propostas e projetos políticos por parte destes evangélicos? Podemos entender suas ações, como um reflexo do contexto em que estavam inseridos, pois os evangélicos como todos os brasileiros de seu tempo, sentiram-se desacreditados da política e assistiram indignados os frequentes escândalos políticos de seu tempo. Para Pochmann (2007), o Brasil tem uma história recente de regime democrático, após mais de quatro séculos de vigência de regimes políticos autoritários. A reabertura democrática a partir de 1985, aumentou o clamor popular por mudanças nas condições de vida da população menos abastadas e pela diminuição das desigualdades de classe. Mas as eleições diretas que ocorreram em 1989, 1994, 1998 e 2002 não tornaram este anseio popular uma realidade. A sucessão de presidentes da chamada Nova República, não foi suficiente para alterar a realidade social e econômica do brasileiro comum. Apesar das promessas, não se implementou um programa de transformação, prevalecendo o conservadorismo político como garantia de governabilidade. A cada início de governo, o ideário popular munia-se de expectativas de mudanças que logo se perdiam com o tempo por conta da nítida ausência de medidas efetivas para promover estas mudanças. Neste período, houve aumento da pobreza, do desemprego e das desigualdades de classe.

Os governos que se sucederam, adotaram medidas paliativas e de emergência, com a intenção de amenizar estas desigualdades, mas que não resolviam a raiz dos problemas. Paralelamente, haviam os escândalos e a corrupção sempre presente em cada um destes

¹⁴⁴ Publicação do MIR contendo informações, mensagens e programação do Congresso de Resgate da Nação de 2004, p.31.

governos. A frustração geral com a política e os políticos terminou sendo a consequência que restou do ciclo político de mudanças de governos sem mudanças sociais. Leandro Fortes (2007), ressalta que a redemocratização do país inaugurada com o Governo Sarney em 1985, não atendeu às expectativas da população e seu governo foi considerado um dos maiores desastres nacionais. De Sarney até Lula, os governos só serviram para frustrar o eleitor brasileiro e levá-lo a concluir que “político é tudo igual” .

O governo FHC foi marcado por escândalos políticos largamente veiculados pela mídia e acompanhados pela população. De acordo com Chaia e Teixeira (2001), no final dos anos 1990, durante seu segundo governo, o Senado Federal brasileiro viveu sua maior crise política em 176 anos de existência. Entre junho de 2000 e maio de 2001, um senador foi cassado¹⁴⁵ por suspeitas de desvios de dinheiro público e outros dois renunciaram aos seus mandatos por quebra de decoro parlamentar . Um dos escândalos envolveu o senador paraense Jader Barbalho, acusado de corrupção, desvio de dinheiro público e enriquecimento ilícito. As investigações apontaram a acumulação de um patrimônio incompatível com sua renda como parlamentar. Uma comissão de ética foi montada para apurar o caso e o senador, que havia assumido a presidência do Senado em fevereiro de 2001, se viu forçado a renunciá-lo em outubro deste ano, visando não perder seus direitos políticos e tentar o retorno à vida pública. Mas sem dúvida, foi o escândalo da violação do painel do Senado que mais chamou a atenção dos brasileiros e principalmente dos baianos, porque envolvia o então senador Antônio Carlos Magalhães.

ACM ficou conhecido em todo o país como uma figura política forte e temida por seus adversários. De acordo com Rubim (2001), a emergência política de ACM aconteceu desde os anos 1950, mas a ascensão e consolidação do que ficou conhecido como “carlismo” guarda estreitas relações com o período ditatorial imposto pelo golpe de 1964. Neste período, mostrou-se francamente favorável à ditadura militar e manteve com os poderes vigentes, um relacionamento que lhe rendeu importantes cargos como a prefeitura de Salvador. Além da prefeitura, obteve o governo do estado por duas vezes e a presidência da Eletrobrás , sendo que ao final da ditadura militar, a política baiana já se encontrava majoritariamente dominada por ACM e pelo carlismo. Durante a redemocratização, nos

¹⁴⁵ O senador Luiz Estevão, que entrou para a história política do País, não só por ter sido o primeiro senador cassado, mas também pelo fato de que o episódio da violação do painel com os votos dos senadores ocorreu na sessão em que se votava a perda do seu mandato.

anos 1980, ACM compôs junto com outros três baianos, ministérios importantes ¹⁴⁶ da “Nova República” . Na Bahia, estava também presente através de seus partidários que tentavam a cada eleição a prefeitura de Salvador. Como exemplos de alguns dos seus partidários, que assumiram o governo baiano, estiveram César Borges, de 1999 a 2002 que neste ano renunciou para concorrer a outro cargo e assumiu seu vice Otto Alencar, até janeiro de 2003. Na prefeitura, de 1997 a 2004 esteve Antônio Imbassahy, beneficiado pela lei que possibilitava a reeleição em cargos executivos. Ambos , partidários do então PFL, partido de centro-direita que se estabeleceu no governo da Bahia por muitos anos, tendo à frente, como chefe maior, ACM. O PFL, inclusive, nos dois mandatos de FHC, fez parte da coligação com o PSDB, o partido do presidente.

O carlismo não se sedimentou somente na política , mas também em outros lugares relevantes da sociedade baiana. Firmou com o poder judiciário e o empresariado baiano uma relação de interesses e poderes compartilhados, que lhe garantiu largo apoio na política e nos seus projetos no Estado. Obteve em 1987 o direito de retransmitir na Bahia a programação da rede globo de televisão, através da TV Bahia, de propriedade de sua família, que conectava praticamente toda a Bahia e atingia índices elevados de audiência . Passou a ter também uma ampla rede de rádio presente em todo o Estado . A utilização de todo este poderio, principalmente da mídia, fortaleceu ACM e o carlismo na Bahia. Em sua trajetória, ACM alcançou uma dimensão nacional, porém muito mais forte na Bahia. Ganhou fama de ser o dono do Estado e o apelido de “toninho malvadeza” por parte de seus adversários. Assumia um discurso voltado aos problemas sociais , de ser um político que amava a Bahia e a defendia. Esta atuação e a imagem pública mitológica que se tornou, lhe garantiu quase que uma devoção por parte de muitos baianos.

Segundo Chaia e Teixeira (2001), no governo FHC, ACM foi um dos grandes articuladores políticos em momentos decisivos para os interesses desta gestão. Ocupou inclusive , a presidência do Senado por duas vezes (1997-1998 e 1999-2000). Além de presidente do Senado, ele era tido como um dos homens mais fortes da política nacional por comandar o PFL, um dos principais pilares de sustentação parlamentar do Governo Federal. Em 2000, durante o processo de cassação do senador Luiz Estevão, ACM a maior

¹⁴⁶ Ele ACM, Ministério das Comunicações, Waldir Pires da Previdência Social e Carlos Santana, Ministério da Saúde.

autoridade da casa, conseguiu de forma ilegal, obter uma lista com o posicionamento de cada senador na votação. Sabia-se disto no senado, nos “bastidores do poder”, mas ninguém o questionava, nem classificava sua atitude como decoro parlamentar, dada a sua força no cargo que ocupava. Usava também , de chantagens contra colegas e os desqualificava, sempre transgredindo o Código de Ética e Decoro Parlamentar da casa, sem nunca sofrer qualquer tipo de sanção por seus atos. A história da lista só veio a público e ganhou status de escândalo, quando ACM por desafetos políticos, resolveu fazer a procuradores da República, uma série de denúncias contra o governo FHC e Jader Barbalho, trazendo à tona diversos episódios e admitindo ter tido acesso a tal lista. Esta conversa acabou sendo gravada e seu conteúdo virou uma reportagem da revista semanal *ISTO É* , dando início a um grande escândalo .

O episódio foi bem explorado pela mídia e causou grande indignação entre os brasileiros , que descobriam os bastidores da política nacional. Mesmo negando todas as afirmações gravadas na fita, a situação de ACM se complicou e uma comissão de ética foi formada para apurar a quebra de decoro parlamentar pelo senador . Ao final do processo e após diversas tentativas de escapar das acusações , a comissão decidiu pela cassação de ACM e do outro senador envolvido no caso, José Roberto Arruda. Para não perder os direitos políticos, ambos renunciaram ao mandato. (CHAIA e TEIXEIRA, 2001). Mas enquanto o Brasil comemorava a aplicação da justiça e a própria revista *ISTO É* anunciava a derrota de ACM, ele era recebido em Salvador, um dia após o seu discurso de renúncia no Senado , por uma multidão de mais de 50 mil pessoas, no Pelourinho, numa grande festa em sua homenagem. ¹⁴⁷ Afirmou-se ser esta ocasião “ *uma comovente demonstração de fé a um político que resgatou a Bahia, transformando-a num Estado moderno e progressista*”. ¹⁴⁸ De maio de 2001 a janeiro de 2003 ACM esteve afastado dos cargos políticos, mas ainda em 2003 voltou ao Senado, sendo eleito com 2,9 milhões de votos. ¹⁴⁹

Os atos proféticos realizados por Terra Nova influenciaram seus discípulos soteropolitanos, como por exemplo as comunidades que analisamos . Na PIBB, segundo nos relatou um dos nossos entrevistados, ¹⁵⁰ toda a membresia é convocada a participar das

¹⁴⁷ Reportagem do Jornal Correio da Bahia de 1º de junho de 2001, capa.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Fonte: [http: www. terra.com.br / notícias](http://www.terra.com.br/noticias). Acessado em 15.03.2008

¹⁵⁰ Pastor Telmo Luís de oliveira, em entrevista realizada no dia 16 de abril de 2008.

marchas , organizada com camisas que representem a Primeira Igreja. A PIBB participa com um trio na Marcha , levando em cima a banda oficial da igreja , o Apóstolo, sua esposa e seus doze. Outro entrevistado¹⁵¹ nos relatou que a Visão também é representada na Marcha por um trio com pastores . As motivações desta igreja em participar da Marcha, como participam e que elementos usam nos atos proféticos durante as marchas, podem ser observadas na fala de um dos entrevistados: ¹⁵²

“ Nossa primeira intenção na Marcha é interceder pela cidade. A Bíblia fala de vários profetas que oravam e o próprio Jesus orou às portas de Jerusalém, chorou por ela. Então, nosso primeiro objetivo é orar pela cidade. Os atos proféticos , eles são atos de fé, são como sinais do mundo físico para o mundo espiritual. Se por exemplo , nós queremos ver toda a cidade , cada indivíduo sendo tocado pelo sangue de Jesus, podemos derramar vinho, suco de uva pela cidade sinalizando, representando que a cidade esteja sendo tocada pelo sangue de Jesus, ou entregamos pão às pessoas declarando que Jesus é o pão da vida, que todas as pessoas da cidade se alimentem de Jesus, comam da palavra e conheçam a bondade e a Verdade que é Cristo na vida das pessoas.”

Nas orações realizadas, estavam sempre presentes assuntos como , a libertação e a conversão da nação brasileira e da cidade, a conversão de autoridades políticas , os problemas gerais da nação, como as situações de crise econômicas, os escândalos e a corrupção na política. Ora-se também pelos problemas específicos da Bahia, que para estes evangélicos se traduz principalmente na sua cultura e pluralidade religiosa. “ *Nós profetizamos que esta cidade vai ser consagrada ao Senhor , o Brasil e o mundo têm a Bahia como terra do axé e de todos os santos, mas nós profetizamos que não será assim, que será a terra do louvor a Deus*”, afirmou um dos entrevistados. ¹⁵³ O Jornal A Tarde , numa reportagem sobre a Marcha de 2001, destacou que naquele ano, “*as orações foram dirigidas ao fim da crise econômica, política e social do país, proclamando o nome de Jesus como o salvador da humanidade.*”¹⁵⁴

As lideranças envolvidas com o movimento celular em Salvador, incluindo a PIBB, escolheram alguns locais estratégicos para realização de atos proféticos , como por exemplo o Centro Administrativo da Bahia . Buscamos apurar em que ocasiões foram realizados estes atos, mas não obtivemos respostas satisfatórias. Em 2004, como já relatado

¹⁵¹ Pastor Christianí Silva Franco, em entrevista realizada no dia 12 de março de 2008.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Pastor Telmo Luís de oliveira, em entrevista realizada no dia 16 de abril de 2008.

¹⁵⁴ Jornal A Tarde de 03 de junho de 2001, p.03.

anteriormente, por ocasião do mega show realizado pelo grupo Diante do Trono em Salvador, no Centro Administrativo, foram realizados atos proféticos pela libertação da cidade e do estado, mas na fala de um dos nossos entrevistados,¹⁵⁵ ao que parece, outras ocasiões serviram para realizações dos atos neste local. Quando perguntamos o motivo da realização dos atos naquela região, ele respondeu que :

“ Porquê consideramos um dos corações da administração e da política da cidade. Fomos com a intenção de abençoar, de estar ali orando para que a sabedoria de Deus venha sobre estes homens independente de serem evangélicos ou não, para que não governem segundo a ganância, segundo a corrupção, a força do dinheiro, mas que eles amem o povo, pois independente de religião, eles foram eleitos pelo povo, então que eles amem o povo, amem a cidade, façam um bom governo.”¹⁵⁶

A participação de autoridades políticas e de certos elementos nestes atos realizados em Salvador, também foram utilizados pelos evangélicos na Visão. A respeito da importância da participação de autoridades nos atos, um dos nossos entrevistados¹⁵⁷, relatou que eles são considerados como “portas” no mundo espiritual, porque foram eleitos legalmente pelo voto da maioria e foram constituídos como autoridades. Neste sentido, sua presença é considerada uma benção de Deus, pois é vista como uma legalidade dada à igreja para atuar na cidade. Junto à participação das autoridades nestas ocasiões, passou a ser realizado um ato de grande relevância para estes evangélicos, que significou para eles, uma conquista de territórios, que é o ato de entrega das chaves da cidade de Salvador. Na Marcha realizada em 2000, o Jornal A Tarde mencionou que por ocasião da realização do evento, “ o prefeito Antônio Imbassahy entregou a chave da cidade aos pastores e prometeu que, na Marcha do próximo ano, vai inaugurar uma praça em homenagem aos evangélicos baianos”.¹⁵⁸ A entrega das chaves para estes evangélicos é visto como uma legalidade, uma autorização dada aos evangélicos para conquistarem Salvador e demonstra que gozam de boas relações com as autoridades locais. Vale lembrar que todos os anos, no mês de fevereiro, as mesmas chaves da cidade são entregues ao Rei Momo, que dá oficialmente por aberto o carnaval baiano, tão criticado pelos evangélicos. Sendo então, para eles, este é um ato profético de enfrentamento com o mal, pois tomam as chaves da cidade das mãos do diabo, para entregá-las a Deus.

¹⁵⁵ Pastor Christianí Silva Franco, em entrevista realizada no dia 12 de março de 2008.

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ A Tarde do dia 12 de junho de 2000, p. 07.

Estas questões ficam claras na fala de um dos nossos entrevistados da PIBB¹⁵⁹, que relatou o que representa as chaves na concepção deles. Segundo seu relato:

“ As chaves representam uma legalidade, uma abertura para uma porta. É algo legítimo, que não foi feito de forma contrária aos princípios de Deus. Jesus quando entrou neste mundo, entrou de forma legal, através de uma mulher, entrou não como espírito, entrou como ser humano. Então consideramos a chave uma porta para que algo entre, seja mal ou bom. Entendemos que quando a chave está na mão da Igreja, é Cristo entrando legalmente na cidade para abençoar o prefeito, os vereadores, os cidadãos, cada homem, cada pessoa indistintamente e independente se eles já são cristãos ou não, porque Deus ama a todos de forma igual.”

Na PIBAPE encontramos uma situação peculiar. O pastor presidente não organizava uma participação oficial nas Marchas soteropolitanas. Disse que nunca foi a uma Marcha, mas que nunca foi contrário à participação de sua membresia. Sempre houve uma participação informal por parte dos membros, sem caravanas, padronização. Na contramão de sua postura quanto à Marcha, o pastor decidiu fazer no bairro de Pernambués, sua própria marcha, convocando oficialmente todos os membros a participarem. Seguindo o modelo das marchas e atos proféticos realizados por Terra Nova anualmente em Porto Seguro, o pastor instituiu desde 2002 a “Marcha da Conquista”, escolhendo como data o 7 de setembro:

“ justamente por ser uma data cívica, por representar uma data de conquista, o 7 de setembro foi a independência do Brasil, então eu peguei esta data por ser uma comemoração de independência. Profeticamente a gente está fazendo uma comemoração de independência do pecado.”¹⁶⁰

No primeiro ano da Marcha, a PIBAPE contou somente com a participação dos membros da comunidade, mas nos anos seguintes, o pastor passou a convidar as demais igrejas evangélicas do bairro¹⁶¹, que começaram a participar aumentando consideravelmente o número de evangélicos marchando pelo bairro, ano após ano. Na concepção do pastor, a Marcha além de contribuir no evangelismo no bairro divulgando a palavra de Deus, levou algo positivo para ele, pois foram quebradas maldições. Para o pastor, Pernambués *“é um bairro violento, é um bairro que tem prostituição,*

¹⁵⁹ Pastor Christianí Silva Franco, em entrevista realizada no dia 12 de março de 2008.

¹⁶⁰ Entrevista concedida pelo pastor Francisco Davi, em 29/02/2008.

¹⁶¹ Somente na curta rua em que se localiza a PIBAPE, existem mais quatro igrejas evangélicas: Uma igreja batista filiada à Igreja Batista do Caminho das Árvores, uma Assembléia de Deus, uma Deus é Amor e uma Internacional da Graça. Fora outras que existem no bairro.

homossexualismo, drogas. Então a gente entende que marchando, a gente vai conquistar estes territórios que estão conquistados para Cristo” ¹⁶². Indagado a respeito dos resultados alcançados com a realização da marcha, o pastor afirmou: “ *por ser um ato profético , a gente entende que os resultados são espirituais, não vemos a conquista no sentido físico, mas já vimos a diminuição da violência, porque é tipo uma limpeza espiritual”*¹⁶³.

Eleições e voto

Ao passo que realizavam congressos, marchas e atos proféticos, as lideranças da Visão na Bahia procuravam se inserir na política local. As eleições municipais de 2004 em Salvador , marcaram o ingresso de um candidato considerado de oposição, na prefeitura da cidade, quebrando um longo revezamento de governos carlistas, como abordado anteriormente. Marcou também o ingresso da Visão na política local, através do candidato vencedor, o político João Henrique de Barradas Carneiro, evangélico, membro da PIBB e que manteve/mantêm com as lideranças desta, uma estreita relação. João Henrique, tem na família uma tradição política, é filho do senador e ex-governador João Durval Carneiro (PDT) ¹⁶⁴, e casado com a deputada estadual Maria Luiza Carneiro¹⁶⁵, com quem tem dois filhos. Antes de governar a capital baiana, João Henrique foi duas vezes vereador de Salvador, tendo sido eleito pela primeira vez em 1988. Em 1994, concorreu à Assembléia Legislativa da Bahia, sendo eleito deputado estadual pelo PDT com 26.455 votos. Foi reeleito deputado estadual nas eleições de 1998 e 2002. Em 2004, disputou a prefeitura da capital baiana pelo PDT, sendo eleito no segundo turno com 74,68% dos votos válidos (876.278), superando o candidato de ACM, César Borges (PFL), que alcançou 296.986 votos. Em 2008, agora no PMDB, foi reeleito com 753.487 votos, ou 58,46% do total de votos válidos.¹⁶⁶

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Eleito em 2006.

¹⁶⁵ Eleita em 2007.

¹⁶⁶ Dados obtidos em: <http://g1.globo.com/Eleicoes2008/0,,MUL833398-15693,00-JOAO+HENRIQUE+E+REELEITO+PREFEITO+DE+SALVADOR.html>. Acesso em : 15.06.2010

Nas eleições municipais de 2004 e 2008, João Henrique contou com largo apoio das comunidades evangélicas soteropolitanas, sobretudo as comunidades na Visão. Durante a campanha de 2008, realizamos o trabalho de campo nesta comunidade e pudemos acompanhar os momentos que precederam a votação, no tocante à pressão exercida sobre os fiéis para direcionarem seu voto e às representações criadas sobre aquele pleito. Nas semanas que antecederam as eleições, as pregações exortavam os fiéis sobre o propósito da comunidade de eleger seus candidatos oficiais, para prefeito João Henrique, e para vereador Sóstenes Borges de Sousa. O pastor Sóstenes, também pertencente à Visão, pastoreia a Primeira Igreja Batista de Periperi e a Igreja Batista da Comunidade da Praia em Salvador, que integram o Ministério Internacional do Salvador - MIS. Recebeu a consagração de Apóstolo em 2006, pelo Apóstolo René Terra Nova.¹⁶⁷ A concepção de voto livre e secreto era mencionada, mas logo dava lugar ao argumento de que, por obediência e fidelidade ao ministério, os fiéis deveriam votar nos candidatos apoiados pela igreja, colaborando na meta de tomada do poder local.

Nas exortações, havia o discurso de “tomada de consciência” por parte da igreja contemporânea em contraponto à omissão da igreja do passado que não participava das decisões políticas de seu país. Numa destas pregações, o pastor Telmo¹⁶⁸ chegou a mencionar que considerava diabólico tal comportamento, exortando que a igreja atual precisava entender sua capacidade de decidir uma eleição, conclamando os fiéis a participarem do pleito em questão e a decidir quem “reinará” sobre a cidade. Em outra pregação,¹⁶⁹ foi enfatizado que Deus escolhe determinados políticos conforme sua vontade, que a igreja tem que estar atenta a isto e fazer sua parte, que é orar e votar nestes homens escolhidos por Deus. Em outro momento, o Apóstolo Milton Ebenézer ressaltou que o Brasil está sendo mudado pelo evangelho e que Salvador era a porta de entrada para esta transformação por ter sido a primeira capital do Brasil.¹⁷⁰ Para enfatizar ainda mais todos estes argumentos, foram feitas várias comparações sobre o voto. Para a liderança da PIBB, o ato de votar é visto como o ato de ungir.¹⁷¹ No momento que a pessoa vai votar é como se

¹⁶⁷ Obtido em : <http://www.mis.org.br/pastores.html> . Acesso em : 15.06.2010.

¹⁶⁸ No culto do dia 28.09.2010

¹⁶⁹ Pastora Ninhara, culto das 10 hs de 05.10.2008, dia da eleição 1º turno.

¹⁷⁰ Culto das 10 hs de 05.10.2008, dia da eleição 1º turno.

¹⁷¹ Pastora Ninhara, culto das 10 hs de 05.10.2008, dia da eleição 1º turno.

ela derramasse azeite na urna, ungiendo-a para que Deus coloque no governo pessoas de sua vontade, o que também caracteriza um ato profético. *“O voto é como o óleo, seu voto é uma unção na cabeça do candidato”*.¹⁷²

Nas eleições de 2008, entretanto, dois aspectos preocuparam as lideranças da Visão e exigiram destas orações e ações mais enfáticas: a candidatura de Antonio Carlos Magalhães Neto e a participação de outros candidatos evangélicos que não eram da Visão, no pleito. Presenciamos diversas orações de quebras de maldições claramente direcionadas ao candidato ACM Neto e à sua possível filiação religiosa. Numa destas orações, o pastor Telmo¹⁷³ decretou que Deus derrubasse todas as hostes do mal e que fossem quebradas todas as “feitiçarias” feitas nos terreiros para tentar impedir a vitória de João Henrique. Já Milton Ebenézer, clamou para que nunca mais se sentasse no governo da Bahia governantes que fizessem “despachos e feitiçarias”.¹⁷⁴ Argumentou que trinta anos atrás, “os céus espirituais” da Bahia e de Salvador não eram favoráveis aos crentes, mas que esta realidade havia mudado com a eleição de João Henrique. A participação de outros candidatos evangélicos, como Valter Pinheiro do PT, evangélico e batista e, Márcio Marinho, bispo da Igreja Universal, candidato a vice-prefeito na chapa de ACM Neto, originou uma ferrenha crítica do Apóstolo Milton, argumentando o quanto isto dividia a igreja e provocava confusão nos eleitores evangélicos.¹⁷⁵

Durante as nossas observações, foram vários os argumentos em torno da imagem de João Henrique e as aparições do candidato na comunidade. Alguns destes argumentos giravam em torno do primeiro mandato dele, carregado de críticas por parte dos soteropolitanos e em especial, por parte dos evangélicos. Milton Ebenézer enfatizou que muitos evangélicos se decepcionaram com este primeiro governo por acharem que depois de eleito, o prefeito evangélico acabaria com o carnaval, fecharia terreiros e não participaria de festas e outras ocasiões consideradas pecaminosas, todavia, justificou dizendo que isto não competia a ele, pois era uma guerra da igreja.¹⁷⁶ Para Ebenézer, as pessoas ao invés de criticá-lo, deveriam orar por ele, pois não sabiam o nível de batalha espiritual que existe no

¹⁷² Apóstolo Milton, culto das 10 hs de 05.10.2008, dia da eleição 1º turno.

¹⁷³ No culto do dia 28.09.2010

¹⁷⁴ Culto das 10 hs de 05.10.2008, dia da eleição 1º turno.

¹⁷⁵ Culto das 10 hs de 05.10.2008, dia da eleição 1º turno

¹⁷⁶ Idem.

cargo que ele ocupa, por conta dos espíritos territoriais. De forma semelhante defendeu as falhas administrativas do governo de João Henrique, argumentando que a igreja não sabia por quais dificuldades ele havia passado, porque surgiram estas falhas e problemas em sua administração. Sendo então, não competia à igreja contestar ou julgar tais falhas e sim entregar a Deus, apóia-lo e ajuda-lo com orações.¹⁷⁷ Estas afirmações nos revelam uma estreita relação entre o apóstolo e o seu candidato. Como qualquer outro membro, ou “ovelha” da PIBB, João Henrique estava sob os cuidados pastorais de Ebenézer, o que inclui o acompanhamento de sua vida pessoal e profissional, ajudando-o não somente com orações, mas também com aconselhamentos.

As aparições de João Henrique durante a campanha ocorreram de forma esporádica, fato justificado pelas lideranças por conta dos compromissos de campanha. Sempre que comparecia, sentava-se na primeira fileira de bancos e era sempre chamado ao púlpito para receber orações e ser apresentado como o irmão João, candidato oficial da igreja. Uma destas aparições em especial, nos chamou a atenção. Na véspera da eleição, num sábado dia 04 de outubro de 2008, durante o culto dos jovens, João foi chamado ao púlpito e após as orações, orientado pelas lideranças, se ajoelhou perante todos, assumiu que houve erros em seu governo, pediu perdão à igreja pelas falhas e prometeu que seu segundo mandato seria diferente.

Após a vitória de João Henrique no primeiro turno das eleições, a liderança da PIBB voltou a se manifestar agradecendo o voto da comunidade no seu candidato a prefeito, mas lamentando a derrota de seu candidato a vereador.¹⁷⁸ O Apóstolo Milton criticou o fato de que seu candidato, o pastor Sóstenes¹⁷⁹, não ter sido eleito e fez uma referencia ao travesti Alecsandro de Souza Santos, mais conhecido localmente como “Leokret”, ter sido eleito como o quarto vereador mais votado na cidade.¹⁸⁰ Foi retomado mais uma vez o discurso de esforço dos evangélicos para o ingresso de convertidos na política, novamente conclamando os fiéis a votarem e garantirem a vitória do “homem de Deus” João Henrique.

¹⁷⁷ Pastor Telmo, culto do dia 8.09.2008

¹⁷⁸ Culto das 8 hs de 26.10.2008. Dia da votação do 2º turno das eleições.

¹⁷⁹ Sóstenes obteve apenas 5.328 votos, ou seja, 0,41% dos votos válidos. Dados obtidos em: <http://apuracao.ig.com.br/primeiro-turno/BA/38490/index.html>. Acesso em: 15.06.2010.

¹⁸⁰ “O travesti Alecsandro de Souza Santos, 24 anos, mais conhecido dos soteropolitanos como “Leokret”, dançarino de banda de pagode, foi o 4º vereador mais votado nas eleições para a Câmara Municipal de Salvador e causou polêmica ao afirmar que logo após os resultados das eleições irá trabalhar vestido de tailer, blazer e sapato scarpin, além de usar o banheiro feminino da casa.” Jornal A Tarde de 07.10.2008.

Vitória esta, que se confirmou dias depois na capital baiana, o que comprova a força do discurso e das ações das lideranças ligadas à Visão em Salvador, na busca dos seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu investigar, estratégias de expansão, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos que adotaram um novo modelo de crescimento, intitulado de Visão Celular no Governo dos 12. Todavia, mais do que o crescimento, procuramos verificar a mudança de ação destes religiosos na relação com a sociedade circundante, redimensionando os espaços de seus templos e adentrando as casas e ruas da capital baiana. Nestes dez anos de atuação na Bahia, numa ação proselitista mais incisiva, a Visão obteve a adesão de um grande número de comunidades e um espantoso crescimento numérico de suas membezias, aliados a estratégias de conquista de espaços, de inserção na sociedade e de relações com o poder político.

A nova proposta de crescimento, organização e gestão da estrutura eclesiástica presentes na Visão, reunindo aspectos empresariais, possibilitou a partir das células e do G12, um modelo mais eficiente de expansão e gestão dos resultados para estes evangélicos aderentes ao movimento, se comparado ao protestantismo histórico do qual faz parte a denominação batista aqui enfocada. Entusiasmados com a proposta de explosão numérica prometida pela Visão, as comunidades da PIBB e da PIBAPE aderiram ao modelo, mas acabaram experimentando situações diferentes, com algumas peculiaridades, na implantação e transição para este novo modelo.

A ressignificação dos tradicionais cultos domésticos comuns entre os evangélicos brasileiros, através das células, sistematizou o trabalho proselitista destes grupos, criando uma nova e oportuna estratégia de inserção e aumento da influência protestante na sociedade a partir das casas e de participação na transformação da realidade. No contexto soteropolitano, as comunidades estudadas neste trabalho, conceberam as células como um importante meio de inserção local e de transformação da realidade baiana a partir do “resgate” de suas famílias.

A realização dos chamados atos proféticos através das marchas, se configurou numa estratégia de demarcação e conquista de territórios denotando uma ação mais incisiva destes evangélicos na tentativa de alcançar seus objetivos religiosos na capital baiana.

Objetivos audaciosos, que se concretizaram também na eleição e reeleição de um prefeito ligado à Visão, evangélico e membro da PIBB, que mantém com a liderança desta comunidade estreitos laços político-religiosos.

Diante destas considerações e das discussões que apresentamos ao longo do trabalho, apontamos a Visão Celular como um modelo que soube agregar e se utilizar estrategicamente das adaptações do protestantismo brasileiro dos últimos anos, no tocante ao uso de técnicas, discursos e práticas de seu tempo, em busca da expansão protestante em curso na contemporaneidade. O modelo é um exemplo da capacidade que o protestantismo tem de se recriar, de mesclar idéias, criando novas práticas e representações inseridas no seu tempo e espaço.

À guisa de uma conclusão, pelo fato de que o movimento aqui abordado ainda estar em desenvolvimento, este trabalho pretendeu ser uma contribuição para o estudo e conhecimento do campo religioso soteropolitano, no tocante à atuação dos grupos evangélicos aqui enfocados, fazendo conhecido este novo movimento da Visão Celular no Governo dos 12 e suas propostas de expansão, participação e conquista da capital baiana.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no Campo de Estudos da Religião e da História. IN: GUERRIERO, Silas.(Org.) **O Estudo das Religiões: Desafios Contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

ALMEIDA, Bianca D'aebis Seixas. Uma História das Mulheres Batistas Soteropolitanas (1930-1960). **Dissertação de Mestrado em História. UFBA, 2006.**

ALVES, Rubem. **Protestantismo e Repressão**. Ática, São Paulo, 1979.

ANDRADE, Eliana Santos. **Na Igreja , nas Casas e nas Ruas: estratégias de expansão e participação protestantes na Visão Celular no Governo dos 12 de 1998 a 2003**. Monografia apresentada ao curso de especialização em História da Bahia. UEFS, 2008.

ARGACHOF, Márcio. **G12: O fruto do engano no Corpo de Cristo**. Revisores Teológicos: Pr. Alexandros D. Meimaridis e Pr. Magno Paganelli. Estudo teológico Disponível em : www.jesussite.com.br . Acesso: 04/03/2008.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.

BAPTISTA, Creomar. **Bahia Pobreza e Renda nos anos 1990**. Série Políticas Públicas da SPE/SEPLANTEC. Bahia, 2001.

BASTIAN, Jean-Pierre. Os Efeitos Políticos da Mudança Religiosa da América Latina. IN: CIPRIANI, Roberto. Et. Ali (Org). **Identidade e Mudança na Religiosidade Latino – Americana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis, RJ.Vozes: Petrópolis; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BOHN, Simone R. **Evangélicos no Brasil : perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010462762004000200006&script=sci_arttext&tlng=en em acesso em 09/02/2008.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. IN: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo; Perspectiva, 1998.

CAMPOS, Leonildo S. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal**. Petrópolis/São Paulo; Vozes/UNESP,1997.

CAMPOS, Leonildo S. Protestantismo brasileiro e mudança social. IN: SOUZA, Beatriz Muniz de, MARTINO, Luís Mauro Sá.(Orgs.) **Sociologia da religião e mudança social:**

católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

CAMPOS RODRIGUES, Ana Dias. **Família e sexualidade: o caso da Videira – Igreja em Células.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

CAMURÇA, Marcelo. Da boa e da má vontade para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileiros. IN: **Ciências Sociais e religião no Brasil: polêmicas e interlocuções.** São Paulo: Paulinas, 2008. pp.113-136.

CASTELLANOS, César. **Sonha e ganharás o mundo.** São Paulo: Palavra de Fé Produções, 1999.

CASTELLANOS, César. **Liderança de Sucesso Através do 12.** Tradução de Valnice Milhomens. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede-a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999

CHAIA, Vera. , TEIXEIRA, Marco Antônio. **Democracia e Escândalos Políticos.** São Paulo em Perspectiva. Vol.15 no.4 , São Paulo Oct./Dec. 2001.
Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n4/10373.pdf> . Acesso em 20.06.2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990

CRESPI, Franco. **A Experiência Religiosa na Pós-Modernidade.** São Paulo; EDUSC,1999.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A Explosão Gospel: Um Olhar das Ciências Humanas Sobre o Cenário Evangélico no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

CUNHA, Flávio Saliba. **História & Sociologia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FALCÃO SOBRINHO, J.A **Túnica Inconsultil: Um estudo sobre a doutrina da Igreja.** 2ª edição . Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

FERNANDES, Rubem César (et al.) . **Novo Nascimento: Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política.** Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FILGUEIRAS, Luiz. **Economia brasileira: as fragilidades estruturais permanecem.** IN: Revista Bahia Análise e Dados, v. 10, nº 3, retrospectiva 2000, p IN: Bahia 2000,

publicação da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Salvador, 1999. pp. 251-272.

FORTES, Leandro. Política Interna. IN: PINSKY, Jaime (Org.) **O Brasil no Contexto: 1987-2007**. São Paulo: Contexto, 2007. pp. 63-71.

FRANÇA, Robério Dantas de. **Sistemas de controle no terceiro setor: um estudo exploratório das igrejas batistas da grande João Pessoa-PB**. Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis. UNB/UFPB/UFPE/UFRN, 2007.

FRESTON, Paul, Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. IN: ANTONIAZZI, Alberto (et.al.) **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos. IN: **Nova Luz Sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001. pp.30-46.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUERRIERO, Silas. Os Desafios aos Estudos das Religiões. IN: GUERRIERO, Silas.(Org.) **O Estudo das Religiões: Desafios Contemporâneos**. São CUNHA, Paulo: Paulinas, 2003.

GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. **Níveis de Renda e Padrão Distributivo na Bahia dos anos 90: perspectivas e proposições**. IN: Bahia 2000, publicação da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Salvador, 1999. pp.321-334.

HOUTAR, François. **Mercado e Religião**. São Paulo, Cortez editora,2003.

JARDILINO, José Rubens. O Tempo e o Espaço Sagrado na Experiência religiosa Pós-Moderna: Alterações no Campo Religioso Brasileiro. IN: JARDILINO, José Rubens. SANTOS, Gérson Tenório dos.(Orgs.) **Ensaio de Religião e Psicologia**. São Paulo, Plêiade, 2001.

JARDILINO, José Rubens (et. al). **Sociologia da Religião no Brasil: revisitando metodologias, classificações e técnicas de pesquisas**. São Paulo: PUC, 1998.

LEONARD, Émile. **O Protestantismo Brasileiro**. ASTE, São Paulo, 1963.

LUNA, Francisco Vidal, KLEIN, Hebert S. **O Brasil desde 1980**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas, SP: Autores associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, política e assistencialismo no estado do Rio de Janeiro: notas de uma pesquisa. IN: **Religião, ação social e política**. Revista Praia Vermelha: estudos de política e teoria social/ UFRJ. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. Nº 12, primeiro semestre de 2005.pp. 64-89.

MAGALHÃES JR, Adriano A. de C. **Fogo Sobre a Terra Brasileira: O Impacto do Pentecostalismo no Protestantismo Histórico Brasileiro**. Dissertação de Mestrado : USP, 2000.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo; Edições Loyola, 2ª Edição, 2005.

MARTELLI, Estefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre a Secularização e Desseccularização**. São Paulo; Paulinas,1995.

Mariz, Cecília Loreto. A Sociologia da Religião de Max Weber. IN: Teixeira, Faustino(Org.) **Sociologia da Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**. Edições Paulinas, São Paulo, 1984.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra . SILVA, Rogério Rodrigues da. **Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional**. Psico-USF, v. 11, n. 1, p. 103-112, jan./jun. 2006

Disponível em : <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psicouf/v11n1/v11n1a12.pdf>.

Acesso: 05/01/2009

MILHOMENS, Valnice. **Plano Estratégico Para Redenção da Nação**. São Paulo: Palavra de Fé Produções, 2000.

ORO, Ari Pedro. **A Política da Igreja Universal e seus Reflexos nos Campos Religioso e Político Brasileiros**. disponível em

< <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18078.pdf>> . Acesso em 09/02/2008.

PEREIRA, Marcos Vinício de Santana. **Eu e minha casa serviremos ao Senhor: ações e estratégias de ascensão social de famílias batistas**. Dissertação de Mestrado: UFBA, Salvador , 2004.

PEREIRA NETO, Francisco. Assistência social e religião: participação política e inserção religiosa em perspectiva. IN: **Religião, ação social e política**. Revista Praia Vermelha: estudos de política e teoria social/ UFRJ. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. Nº 12, primeiro semestre de 2005.pp. 14-41.

POCHMANN, Márcio. Trabalho e Renda. IN: PINSKY, Jaime (Org.) **O Brasil no Contexto: 1987-2007**. São Paulo: Contexto, 2007. pp. 31-45.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. IN: **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.pp. 249-262.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Sociologia da religião: área impuramente acadêmica. IN: Miceli, Sérgio. (Org.) **O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)**. Sociologia 2. São Paulo, Sumré-ANPOCS-CAPS, 1999.pp. 239

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. **A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política**. São Paulo, HUCITEC, 1996.

REGA, Lourenço Stelio. **Modelos e Alternativas de Igrejas e Ministérios**. Disponível em: http://www.etica.pro.br/jeitinho/files/ModelosIgreja_EncontroExecutivos2004P.pdf
Acesso: 05/01/2009

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se Fazer Uma História do Presente? IN: CHAUVEAU, Agnès, TÉTART, Philippe. **Questões para a História do Presente**. Bauru, SP : EDUSC, 1999. pp.39-50.

RODRIGUES, Ana Dias Campos. **Família e sexualidade : o caso da Videira – Igreja em Células**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, 2007.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **ACM: Poder, Mídia e Política**. IN: Comunicação & Política. Rio de Janeiro: 2001.

Disponível em: <http://www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/Albino2001.pdf>. Acesso em 20.06.2008.

SAINT-PIERRE, Héctor, L. Os tipos ideais. IN: **Max Weber Entre a Paixão e a Razão**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. pp.67-86.

SANTOS, Luiz Chateaubriand Cavalcante dos. **Os postos de trabalho no ano de 2000**. IN: Revista Bahia Análise e Dados, v. 10, nº 3, retrospectiva 2000. Publicação da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Salvador, 2000. pp. 110-114.

SERRA, Antonio Roberto Coelho. **A emprezarização do sagrado : um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantismos brasileiros**. Dissertação de mestrado em administração. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. “**De Bem com a Vida**”: **O Sagrado Num Mundo em Transformação; Um Estudo Sobre a Igreja Renascer em Cristo e a Presença Evangélica na Sociedade Brasileira Contemporânea**. Tese de Doutorado; USP, 2001.

SILVA, Elizete da. **A Missão Batista Independente: Uma Alternativa Nacional**. Dissertação de Mestrado; UFBA, Salvador,1982.

SILVA, Elizete da **Cidadãos de Outra Pátria : Anglicanos e Batistas na Bahia**.USP, tese de Doutorado; 1998.

SOUZA , Angela Gordilho . **Mudanças urbanas em Salvador no final do século XX.** Bahia *Análise & Dados*. Salvador / SEI v.9 n.4 p.53-73, 2000.

SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO-SEPLANTEC. **A Especialização da Pobreza no território Baiano.** Bahia : 2000.

SUPERINTENDÊNCIA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO-SEPLANTEC. **Tendências da economia baiana.** Série Estudos Estratégicos. Bahia : 2000.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os Batistas na Bahia: 1882-1925.** Dissertação de Mestrado; UFBA, Salvador,1975.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **“...Nós os Batistas...”:** Um Estudo de História das Mentalidades. Tese de Doutorado; USP, São Paulo, 1983.

TERRA NOVA, René. **O Abecedário das Células.** Manaus: Semente de Vida Produções, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História.** Rio de Janeiro. Campus, 1997. P. 127-162

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.**São Paulo, Martin Claret, 2002.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade** vol. 1 . Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. IN: **Metodologia das Ciências Sociais.** São Paulo: Cortez; Campinas, Sp: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.pp. 107-154.

WILLAIME , Jean-Paul. **O protestantismo como objeto sociológico.** IN: Estudos de Religião, nº 18, São Bernado, UMEP, 2000.

YNGER, J. Milton. **Religion, Societé,Personne.** Edition Universitaires, paris, 1964.

